

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

RAÍSSA VIEIRA DE MELO

Vitorianas e ativistas: uma análise das ideias econômicas do grupo de Langham Place

\

São Paulo

2021

Prof. Dr. Vahan Agopyan
Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Fábio Frezatti
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Prof. Dr. José Carlos de Souza Santos
Chefe do Departamento de Economia

Prof. Dr. Wilfredo Fernando Leiva Maldonado
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Economia

RAÍSSA VIEIRA DE MELO

Vitorianas e ativistas: uma análise das ideias econômicas do grupo de Langham Place

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Teoria Econômica.

Orientadora: Prof. Dra. Laura Valladão de Mattos.

Versão Corrigida

São Paulo

2021

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica com dados inseridos pelo autor

De Melo, Raíssa.
Vitorianas e ativistas: uma análise das ideias econômicas do grupo de
Langham Place / Raíssa De Melo. - São Paulo, 2021.
142 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2022.
Orientador: Laura Valladão de Mattos.

1. História do pensamento econômico. 2. Trabalho feminino. I.
Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia, Administração e
Contabilidade. II. Título.

Raíssa Vieira de Melo

Vitorianas e ativistas: uma análise das ideias econômicas do grupo de Langham Place

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Laura Valladão de Mattos
IPE - USP

Ana Maria Afonso Ferreira Bianchi
IPE - USP

Andrea Fellipe Cabello
UnB

Brena Paula Magno Fernandez
UFSC

São Paulo
2021

Depois, numa manhã de julho, tomou-se a Bastilha. Tudo se revolveu: e mil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a Democracia: fez-se a iluminação a gás: assomou a instrução gratuita e obrigatória, instalaram-se as máquinas Marinomi que imprimem cem mil jornais por hora: vieram os *Clubs*, o Romantismo, a Política, a Liberdade e a Fototipia (QUEIRÓZ, 1994[1886], p. 96).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha família pelo acolhimento durante toda essa jornada do mestrado e da pandemia.

Agradeço à minha orientadora, Laura Valladão, por ter me auxiliado durante o processo de construção desta dissertação e ter confiado no meu trabalho. Além disso, agradeço pelo seu curso “Estado e Mercado nos Clássicos do Pensamento Econômico”, que foi essencial para minha formação acadêmica. Muito obrigada!

Às professoras Ana Bianchi e Brena Fernandez, por terem acompanhado e comentado este trabalho desde a banca de qualificação. Também agradeço aos professores que ministraram as matérias do mestrado e não poderia deixar de agradecer a todos os monitores que tive ao longo dessa formação.

Aos meus amigos e colegas do IPE-USP, pelo apoio mútuo.

À pesquisadora Ellen Jordan por ter me auxiliado várias vezes neste trabalho, gentilmente cedendo materiais importantes sobre o grupo de Langham ou mesmo discutindo questões pertinentes a esse tema comigo.

À arquivista do *Girton College*, Hannah Westall, por ter me auxiliado na pesquisa por materiais. Sou grata aos organizadores do *1st History of Economic Thought Diversity Caucus Conference* em que pude apresentar um capítulo dessa dissertação para pesquisadores de todas as partes do mundo.

Esta dissertação se beneficiou dos sites *Internet Archive* e *Google Books* na pesquisa de fontes primárias e secundárias sobre o grupo de Langham. Deixo aqui meus agradecimentos a esses portais, que são um oásis para o pesquisador, especialmente no período pandêmico em que as bibliotecas fecharam.

Por fim, agradeço a todos os funcionários da USP, em especial da secretaria da pós, que me ajudaram inúmeras vezes durante o mestrado a atravessar todas as burocracias do programa. Agradeço também ao apoio financeiro da CAPES e do CNPq durante parte do mestrado. Ressalvo, como de praxe, que eventuais erros são de minha responsabilidade.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise do grupo de Langham Place, rede de mulheres de classe média britânicas da segunda metade do século XIX, que promoveu o emprego feminino, a propriedade privada de mulheres casadas, a educação superior feminina dentre outras causas por meio da organização de petições em resposta às leis consideradas injustas para as mulheres e dos artigos e livros escritos por suas integrantes. Utilizamos pesquisa documental do arquivo do Girton College para acessar aos principais textos e documentos relativos ao grupo oitocentista. Analisamos criticamente o contexto que circunscreveu essa rede de mulheres, que apesar de pertencer à “idade do progresso” no século XIX, precisou enfrentar os estereótipos vitorianos de que as mulheres eram “anjos domésticos”. Concluímos que as ações do grupo foram focadas sobretudo para auxiliar mulheres de classe média e que a prática era o foco dessa organização. Observamos a importância da Economia Política, especialmente a partir das obras de J.S. Mill, para a construção do pensamento crítico das integrantes e para a retórica do coletivo. Finalmente, constatamos como o ativismo dessa instituição era baseado em evidências de diversas naturezas e que aliou teoria e prática em seus projetos, utilizando Economia Política, estatísticas censitárias dentre outras evidências a fim de promover a pauta do emprego feminino para as mulheres britânicas, delimitando novas possibilidades econômicas para as mulheres na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: grupo de Langham Place, emprego feminino, História da Economia Feminista.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of the Langham Place group, a network of middle-class British women from the second half of the 19th century, which promoted female employment, private property of married women, female higher education, among other causes through the organization of petitions in response to laws deemed unjust for women and from articles and books written by its members. We used documentary research from the Girton College archive to access the main texts and documents relating to the 19th century group. We critically present the context that circumscribed this network of women, which despite belonging to the "age of progress" in the 19th century, had to face the Victorian stereotypes that women were "domestic angels". We concluded that the group's actions were mainly focused on helping middle-class women and that the practice was the focus of this organization. We observe the importance of Political Economy, especially from the works of J.S. Mill, for the construction of the members' critical thinking and for the collective rhetoric. Finally, we see how the activism of this institution was based on evidence of different natures and that it combined theory and practice in its projects, using Political Economy, census statistics and other evidence to promote the female employment agenda for British women, delimiting new economic possibilities for women in the second half of the 19th century.

Keywords: Langham Place group, female employment, History of Feminist Economics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Anúncio do espaço físico em Langham Place, 19.....	14
Figura 2 – Autoras, editoras e jornalistas inglesas de 15 e 24 anos na Inglaterra	22
Figura 3 – Relatório da Instituição de Benevolência para Governantas.....	23
Figura 4 – Placa no Girton College em homenagens às suas fundadoras	28
Figura 5 – Descrição do English Woman’s Journal	35
Figura 6 - Linha do tempo das propostas langhamianas e das conquistas das mulheres.....	43
Figura 7 – Reprodução da pintura de Newcombe (1910).....	50
Figura 8 – Frontispício do EWJ. O grupo de Langham buscou harmonizar a Economia Política e o cristianismo.....	67
Figura 9 – Mulheres redundantes, uma narrativa popular oitocentista.....	81
Figura 10 – Lista retirada do Relatório dos Inspectores das Fábricas apresenta a quantidade de mulheres que descumpriram as restrições dos Factory Acts	97
Figura 11 – Quantidade de acidentes nas fábricas relatados por Robert Baker durante 6 meses até o dia 30 de abril de 1873	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais atos legislativos que alteraram a condição das mulheres em meados do século XIX.....	95
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Proporção das mulheres solteiras, casadas e viúvas na Inglaterra e País de Gales em 1851	76
Tabela 2 – Diferença da quantidade entre mulheres e homens	77
Tabela 3 – Mulheres emigrantes e seus resultados	84
Tabela 4 – Ocupações das mulheres na Inglaterra e País de Gales	86
Tabela 5 – Empregos propiciados pela SPEW em 1872	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EWJ	The English Woman's Journal
FMCES	Female Middle Class Emigration Society
LSA	Ladies Sanitary Association
NAPSS	National Association for the Promotion of the Social Sciences
SPEW	Society for Promotion of the Employment of Women

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	GRUPO DE LANGHAM: HISTÓRIA E CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO ..	13
2.1	Biografias de suas principais integrantes	25
2.1.1	Barbara Bodichon	26
2.1.2	Bessie Parkes	29
2.1.3	Jessie Boucherett	32
2.2	Um periódico independente como caminho de divulgação de ideias e propaganda do grupo de Langham	34
2.3	A Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (SPEW)	38
2.4	A Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (NAPSS)	39
2.5	A luta pelo sufrágio, o fim do grupo de Langham e seus desdobramentos	41
3	O GRUPO DE LANGHAM E A ECONOMIA POLÍTICA	44
3.1	A influência de J.S. Mill	49
3.2	A Economia Política como mecanismo de retórica e convencimento	59
3.3	Os limites da Economia Política para o grupo de Langham: religião, moralidade, sentimentos e felicidade	64
4	A PRÁTICA DO GRUPO DE LANGHAM: ATIVISMO BASEADO EM EVIDÊNCIAS	69
4.1	O início do ativismo de Langham: a propriedade privada das mulheres casadas ..	71
4.2	A diferença quantitativa entre mulheres e homens: identificação do excedente de mulheres pelos vitorianos	75
4.3	O que fazer com as mulheres redundantes? A resposta dos conservadores e do grupo de Langham	81
4.4	A pauta da diversificação do emprego feminino e seus entrelaçamentos com dados do Censo e da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (SPEW)	85
4.5	Educação técnica e de qualidade para as mulheres de classe média: a construção da pauta educacional para o grupo de Langham	90
4.6	A análise de Langham sobre os efeitos da legislação inglesa nas atividades econômicas das mulheres	93
5	CONCLUSÃO	103
	REFERÊNCIAS	106
	APÊNDICE A - Títulos de todos os artigos do <i>The English Woman's Journal</i>	117

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação busca analisar as principais ideias econômicas de um coletivo de mulheres oitocentistas londrinas, o grupo de Langham Place. Tal investigação é relevante ao economista e à ciência econômica para que compreendamos as principais narrativas econômicas do século XIX sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho e nos meios intelectuais. Ademais, poderemos entender as circunstâncias sócio-históricas do feminismo, termo utilizado apenas a partir de 1895 (WORSNOP, 1990) mas que empregamos para nos referirmos a acontecimentos anteriores à criação dessa nomenclatura, utilizando essa palavra com o sentido de luta e reivindicação pelo direito das mulheres.

A participação das mulheres no mercado de trabalho fora do ambiente doméstico foi uma das principais pautas do grupo de Langham, contrariando as expectativas da época de que as mulheres fossem “anjos domésticos” (MURRAY, 1982). Para tanto, precisaram romper com diversas estruturas da sociedade, como por exemplo da educação feminina, que não era voltada para o trabalho. Também tiveram que convencer empregadores de que as mulheres eram capazes de trabalhar, e noticiar às mulheres oitocentistas, por sua vez, que poderiam desempenhar outros ofícios além dos papéis familiares. Por fim, trabalharam constantemente na busca pela mudança da opinião pública sobre as capacidades intelectuais e produtivas das mulheres, por meio do periódico independente que criaram, o *English Woman's Journal (EWJ)*. Tal Coletivo se enquadra na primeira onda do feminismo, caracterizada pela produção e prática do movimento das mulheres nos séculos XVIII e XIX. As ondas representam a dinâmica contínua e histórica do movimento feminista, considerando as diferenças teóricas, epistemológicas e circunstanciais do feminismo ao longo dos anos (RODRIGUES, 2016).

A primeira onda do feminismo foi marcada pelos temas centrais da educação, do emprego e do voto feminino. Todas essas pautas foram trabalhadas e analisadas pelo grupo de Langham, a partir das vivências das mulheres londrinas, as quais estavam redefinindo o seu papel na sociedade a partir das novas circunstâncias oriundas do crescimento econômico propiciado pela Revolução Industrial. Contudo, há diferenças substanciais entre a produção langhaniana e as demais teóricas feministas da primeira onda, tais como Wollstonecraft¹. As feministas de Langham possuíam posturas cautelosas e pragmáticas, publicando

¹ Wollstonecraft (1759-1797) foi uma das principais referências intelectuais da primeira onda do feminismo.

estrategicamente textos sem autoria para evitar a hostilização pública, e se preocupavam com a moral em suas condutas. Assim, evitavam escândalos e buscaram uma conciliação entre o ideal de mulher vitoriano e as novas demandas que as mulheres buscavam alcançar na sociedade. Cabe elucidar que o termo vitoriano se refere ao período da época do reinado da rainha Vitória de 1837 a 1901.

O primeiro capítulo apresenta a história do grupo de Langham para que o leitor compreenda o contexto histórico-social do Coletivo. O segundo capítulo expõe a importância da Economia Política e do Evangelho do Trabalho para a construção do pensamento e da retórica langhamianos a favor do trabalho feminino. Por fim, no terceiro capítulo mostramos o uso de dados e outras evidências pelo grupo de Langham.

No grupo de Langham, a prática dialogava com a teoria para a mudança social, pois a prática sem teoria não continha aceitação social, e a teoria sem prática seria alheia à realidade. As integrantes do Grupo grupo exemplificam o poder que grupos sociais organizados têm para modificar estruturas da realidade, por meio do ativismo pragmático.

Neste trabalho, concluímos que a boa formação intelectual das integrantes do grupo² e recursos financeiros, aliados a um coletivo e um apoio mútuo feminino, propiciou que mulheres se posicionassem na esfera pública vitoriana, auxiliassem mulheres na prática, disponibilizando empregos e teorias que sustentassem a atividade laboral delas e estudos superiores e técnicos para as mulheres. Além disso, as integrantes analisaram criticamente a lei e responderam, a partir de suas vivências e aprendizagens teóricas, à questão das “mulheres redundantes”, presente na sociedade vitoriana, buscando alterar a narrativa sobre o papel da mulher na sociedade.

Este estudo se diferencia de outras produções acadêmicas sobre o grupo de Langham por focalizar essencialmente nas discussões econômicas realizadas por essa instituição, as quais usualmente eram colocadas em segundo plano em textos cujo foco principal estava em abordagens culturais e sociais sobre esse coletivo (RENDALL, 1989; SIMON-MARTIN, 2012). A relação entre a Economia Política e o Grupo, embora seja mencionada em outros artigos e capítulos de livro (DIMAND; DIMAND, 1995, PUJOL, 1992), não havia sido detalhada e analisada com profundidade.

Outro diferencial desta dissertação está na pesquisa documental feita a partir dos arquivos do *Girton College* e do arquivo enviado pela pesquisadora Ellen Jordan, onde foram acessados os relatórios anuais e as minutas da Sociedade para Promover o Emprego das

² “Boa formação” relativa às mulheres de classe média da época, conforme analisaremos mais detalhadamente em suas biografias.

Mulheres, textos e algumas correspondências das integrantes do Grupo. Ademais, acessamos aos artigos do *English Woman`s Journal* por meio do site *nineteenth-century serials edition* (ncse), dentre outros arquivos oitocentistas por meios exclusivamente digitais.

2 GRUPO DE LANGHAM: HISTÓRIA E CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO

Uma preocupação inevitável do agente econômico é avaliar se o ofício desejado por ele é apropriado para a sua circunstância. Essa questão esteve presente na Inglaterra oitocentista, onde as mulheres buscaram entender os limites do âmbito econômico de suas vidas. Seria adequado que trabalhassem fora de casa? Em quais profissões poderiam atuar? Haveria espaço e necessidade para suas atividades econômicas fora do ambiente doméstico?

O grupo de Langham, uma organização de mulheres inglesas fundada em 1855³, buscou criar novas possibilidades econômicas para as mulheres por meio da atuação prática. Esse grupo surgiu a partir de reuniões entre mulheres que discutiram a legislação sobre a propriedade privada de mulheres casadas. Em 1859, passou a ter uma sede física em Langham Place, 19, Regent Street – razão de seu epíteto –, e se ramificou em outras associações que foram fundadas por suas integrantes. Vale ressaltar que, inicialmente, o círculo de Langham foi estabelecido em Princes-Street, 14, e a partir do dia 14 de dezembro de 1859, mudou para um espaço mais amplo em Langham Place, 19, em decorrência do aumento de atividades do Grupo.

Na sede, havia um espaço para alimentação e uma sala de leitura disponíveis para as participantes do grupo de Langham, sala esta que também era utilizada para a formação de comitês para sociedades filantrópicas (JORDAN, 2002). Isso constituía uma inovação na época, pois as sociedades intelectuais e de lazer inglesas, em meados do século XIX, eram em sua grande maioria restritas ao sexo masculino. A título de exemplo, Hamerton (1890) – artista, crítico de arte e escritor oitocentista – considerava as mulheres incapazes de terem uma vida intelectual. Um artigo do jornal *Saturday Review* criticou especificamente o clube de Langham, considerando que suas integrantes eram “[...] senhoras imitando uma instituição masculina, e conspirando contra o outro sexo”⁴ (THE LADIES..., 1860, p. 13).

³ Diversos textos exibem a data de 1858 como inicial ao grupo de Langham, pois foi a data em que o grupo passou a ter um espaço físico. Todavia, optamos pela data de 1855 conforme o estudo feito por Worzala (1974), visto que a primeira reunião do grupo foi feita neste ano na casa de Benjamin Leigh Smith, pai de Barbara Bodichon. Rendall (1989) aponta a data de 1854 como início das reuniões sobre a propriedade privada das mulheres casadas.

⁴ No original: “[...] ladies imitating a masculine institution, and combining against the other sex”.

Figura 1 – Anúncio do espaço físico em Langham Place, 19

PROSPECTUS OF THE LADIES' INSTITUTE,
19 LANGHAM PLACE, W.

THE LADIES' INSTITUTE, 19 LANGHAM PLACE, W.

This Institute comprises the following departments :—

A LADIES' READING ROOM.—(1) The Ladies' Reading Room is open from 11 a.m. to 10 p.m. Leading Daily and Weekly Papers, Magazines and Reviews. Terms, one guinea per annum. A two guinea subscription enables the subscriber to bring with her any lady not a subscriber. N.B.—Professional ladies half price.

Ladies visiting the West End on shopping or other business, will find this a great convenience, as attached to the Reading Room is a Luncheon Room, and a room also for the reception of parcels, for the use of subscribers only.

Fonte: Blackburne (1902, p. 248)⁵.

Esta rede de mulheres se destacou pelo pioneirismo e pelo legado deixado por suas integrantes. Hirsch (2010[1998]) considerou o grupo como o ponto focal do feminismo por 30 anos, e Kinch (2020) apresentou-o como o primeiro movimento organizado focado no direito das mulheres. Barbara Bodichon⁶ e Bessie Parkes são apontadas usualmente como as fundadoras do grupo (ANDERSON, 2000; DREDGE, 2005; RENDALL, 2007; SCHROEDER, 2015), muito embora, segundo Worzala (1974) e Stephen (1927), Anne Procter e Anna Howitt também tenham estado na formação inicial do coletivo de mulheres. Além delas, outras mulheres que participaram do grupo foram: Anna Jameson, Anne Leigh Smith, Charlotte Manning, Clementia Taylor, Elizabeth Blackwell, Elizabeth Garrett, Emilia Gurney, (Emilia) Jessie Boucherett, Emily Faithfull, Frances Power Cobbe, Helen Taylor, Isa Craig Knox, Jane Crow, Jane Lewin, Louisa Garrett Smith, Louisa Goldsmid, Maria Susan

⁵ Em português: “Anúncio do instituto de senhoras, Langham Place 19, W. Esse instituto é composto pelos seguintes departamentos: - Uma Sala de Leitura para as Senhoras - (1) A Sala de Leitura para as Senhoras é aberta das 11 da manhã até as 10 da noite. Fornecendo periódicos diários e semanais, revistas e críticas. Pagamento de um guinéu por ano. Uma inscrição de dois guinéus proporciona que a inscrita traga uma senhora que não é assinante. Obs. – Mulheres trabalhadoras pagam metade do valor. As senhoras que visitam o *West End* para fazer compras ou outros negócios encontrarão boa conveniência nesse local, que tem como anexo à Sala de Leitura uma Sala para Lanches e uma sala para a recepção de grupos, disponíveis apenas para as inscritas” (tradução nossa).

⁶ Neste ano, Barbara estava solteira e seu nome era apenas Barbara Leigh Smith. A fim de padronização da dissertação, nos referimos a ela como Barbara Bodichon, sobrenome advindo de seu marido Eugene Bodichon, com o qual se casou em 1857.

Rye, Mary Howitt, Matilda Hays, Millicent Fawcett, Rosamund Davenport Hill, Sarah Emily Davies e Sarah Lewin⁷. Algumas das biografias dessas ativistas serão exploradas neste capítulo, para podermos abordar questões sobre o contexto socioeconômico em que se inseriram e sobre como este afetou a atuação no grupo.

O grupo de Langham surgiu a partir de uma combinação dos elementos da sociedade vitoriana, conservadora e rígida, com as transformações da Inglaterra oitocentista, mais liberal e dinâmica. Utilizamos os termos conservador e liberal nesta dissertação principalmente no sentido de aversão e disposição a mudanças na sociedade respectivamente, exceto na referência sobre o liberalismo das famílias de Bodichon e Parkes, que está relacionado diretamente ao Partido Liberal inglês tendo, portanto, um significado político e na referência sobre o liberalismo do Grupo na crítica à legislação trabalhista inglesa, tendo um sentido político e econômico de limitação da atuação do Estado na economia.

No século XIX, as transformações demográficas, econômicas e sociais modificaram profundamente a sociedade europeia e inglesa. Entre 1855 e 1911, a população da Inglaterra aumentou mais de 100%, passando de 18 milhões para mais de 36 milhões de habitantes. Além disso, o Produto Interno Bruto (PIB) inglês quase dobrou entre 1780 e 1870 com os ganhos de produtividade propiciados pela Revolução Industrial (CLARK, 2008). Os salários ingleses aumentaram absolutamente e relativamente em comparação com outras nações europeias (ALLEN, 2011). Nesse contexto de transformações, houve ainda a formação de clubes intelectuais, o aprofundamento das desigualdades em Londres e os casamentos passaram a ser mais tardios (WOODS, 1985). Ao mesmo tempo, a disseminação da filosofia positivista (PICKERING, 2019) tornou as teorias científicas mais importantes para a sociedade, inclusive as que justificassem a inferioridade de mulheres e negros (WOOLF, 2015[1931]).

Além disso, com a progressiva urbanização da sociedade, as mulheres deixaram de produzir no ambiente agrário ou no artesanato para trabalharem em fábricas na cidade (MURRAY, 1982). Em meio a essas mudanças, o espaço da mulher passou a ser analisado, questionado e redefinido pelo grupo de Langham. Parkes, participante desse Coletivo, relatou que essas transformações do século XIX trouxeram mais possibilidades para o sexo feminino:

As melhorias mecânicas que tenderam a tornar a vida muito mais fácil, a difusão da educação, o acesso fácil aos livros e o surgimento da literatura periódica, todas essas

⁷ Estes nomes foram coletados a partir de duas obras de referência sobre o grupo de Langham: Lacey (2013) e Worzala (1974).

coisas fizeram com que inúmeras mulheres entrassem em atividade⁸ (PARKES, 1866, p. 53, tradução nossa⁹).

Houve, também, uma reestruturação do poder na sociedade, que passou a ser consolidado para a classe média, pois as massas e aglomerações se estabeleceram no ambiente urbano (GASSET, 1962). As mulheres após o pioneirismo de Langham – uma das primeiras¹⁰ redes de mulheres organizada com atuação prática – também passaram a integrar mais coletivos e pensar a questão da mulher conjuntamente (CAINE, 1997). Segundo Holloway (2007), o grupo de Langham foi o catalisador de diversas organizações sobre a causa feminina, como por exemplo a *Female Middle Class Emigration Society* e o *Girton College*; esta, uma das primeiras universidades para mulheres e aquela, a primeira instituição destinada a auxiliar na emigração de mulheres solteiras para obterem emprego nas colônias. Juntas, as integrantes de Langham puderam alcançar novos horizontes e consolidar uma produção (proto)feminista de ideias e atividades.

Apesar dessa sociedade em constante transformação, o grupo de Langham estava inserido no contexto do mundo vitoriano: conservador, com papéis rígidos e bem definidos para homens e mulheres e com controle moral nas condutas dos ingleses. Havia muitas críticas para as pessoas que tivessem algum comportamento considerado inadequado, como, por exemplo, ter filhos fora do casamento. Desviar das normas de gênero era, portanto, algo arriscado para as feministas vitorianas, que buscaram, em decorrência dessa circunstância, conciliar os valores modernos com os tradicionais.

Contudo, nem todas podiam participar do grupo de Langham, pois para financiar o desenvolvimento de seus projetos era exigido um pagamento de um guinéu por ano para participar da Organização. Esse valor era substancial para a época, equivalente a 21 xelins e correspondia a 5 dias de um trabalhador capacitado¹¹ e, assim, as integrantes eram de fato da classe média ou alta da Inglaterra. Blackburne (1902, p. 48) capta esse aspecto ao caracterizar as fundadoras do Grupo como “[...] quatro mulheres jovens, todas de boa linhagem, educação

⁸ No original: “The mechanical improvements which have tended to make life so much easier, the diffusion of Education, the facile access to books, and the rise of periodical literature, all these things have caused innumerable women to come forward into activity”.

⁹ Aplica-se a todas as citações neste trabalho, exceto quando indicado explicitamente o nome do tradutor.

¹⁰ Worzala (1974) aponta que o grupo de Langham não foi a primeira rede de mulheres do mundo e que uma associação desse tipo foi realizada em Sheffield, no ano de 1851.

¹¹ Utilizando o recurso *online Measuring Worth* (MEASURING WORTH, 2021), esta quantidade monetária equivaleria a £ 128, ou seja, R\$ 977,10. A conversão dos valores por meio dessa ferramenta é feita por múltiplas dimensões, considerando os gastos com residência, Produto Interno Bruto, salários e inflação durante o período. Ver mais informações sobre a metodologia do *Measuring Worth* em: <https://www.measuringworth.com/defining_measures_of_worth.php>.

superior e recursos independentes”¹², e evidencia que o pensamento desenvolvido em Langham Place foi centrado na discussão dos problemas das mulheres de classe média londrina, uma vez que as mulheres pobres não poderiam participar dessa instituição.

Desse modo, os textos do grupo não têm como alvo a trabalhadora da fábrica com uma jornada extensa de trabalho, e sim as mulheres da classe média que haviam se beneficiado da melhoria econômica propiciada pela Revolução Industrial¹³. Isso se refletiu na produção langhaniana, a qual se concentrou em criticar a estrutura patriarcal do mercado de trabalho ao invés de focar em problematizar a desigualdade de renda ou a estrutura classista da sociedade (HOLLOWAY, 2007). As integrantes de Langham, por exemplo, só passaram a realizar críticas frequentes às legislações trabalhistas específicas ao trabalho feminino, quando estas passaram a atingir profissões de mulheres de classe média, como foi abordado na seção 4.6 desta dissertação. As conquistas do movimento das mulheres também estavam relacionadas sobretudo com as demandas de mulheres dessa classe intermediária: trabalhos bem remunerados e especializados, educação superior e técnica e propriedade privada (AUCHMUTY, 1975). Vale ressaltar, porém, que muitas conquistas de Langham melhoraram a vida de todas as mulheres independente de classe social.

Apesar de o termo classe média ter imprecisões, e não haver um critério estritamente objetivo para enquadrar um indivíduo nessa classe, é uma palavra que auxilia a entender o perfil socioeconômico das integrantes de Langham. Essa classe é parte intermediária da classe trabalhadora (*working class*) e dos mais ricos, aristocratas ou nobres (*upper class*). Não apenas a renda indicava a classe, Auchmuty (1975) argumenta que ter empregados domésticos na época vitoriana era um símbolo da classe média, e as principais integrantes do Grupo possuíam essas funcionárias em casa, motivo que inclusive propiciou a disponibilidade de tempo que essas integrantes tiveram para a militância. A educação das integrantes por meio de tutores particulares e escolas especializadas para as mulheres também foi outro sinalizador de classe e o próprio domínio da língua escrita também indicava que as integrantes de Langham pertenciam a essa classe social. Logo, podemos caracterizar esse coletivo como uma organização de classe média.

Segundo o grupo de Langham, um grande impeditivo na inserção econômica de mulheres no mercado de trabalho era a restrição que a sociedade impunha aos tipos de profissões as quais poderiam exercer, restrição essa que, embora usualmente não

¹² No original: “four young women, all of good lineage, high education and independent means”.

¹³ Cabe ressaltar que as mulheres pobres também melhoraram de qualidade de vida com a Revolução Industrial, a questão apontada é que a classe média se beneficiou muito mais (MURRAY, 1982).

institucionalizada em leis, era tácita na sociedade (HOLLOWAY, 2007; VICENTE, 2002). As mulheres eram excluídas da maior parte das ocupações, seja por restrições técnicas, devido à falta de acesso a estudos de especialização, seja por uma restrição da sociedade que considerava pouquíssimas atividades como sendo “*lady-like*”, isto é, apropriadas para as damas. Desta forma, muitas mulheres praticavam atividades de filantropia, que não possuíam nenhum tipo de remuneração monetária e, portanto, eram *lady-like*, visto que a posse do dinheiro pela mulher, principalmente de classe média, era considerada inadequada segundo a percepção vitoriana (BODICHON, 2013[1857]; VICENTE, 2002).

Algumas dessas profissões aceitas como adequadas eram as de professora, governanta ou costureira, e concentravam grande parte das trabalhadoras inglesas de classe média. Muitas das restrições impostas ao trabalho das mulheres eram fruto de uma preocupação com a possível perda de feminilidade da mulher britânica devido ao trabalho que, segundo a opinião pública, as deixaria com menos leveza (SIMON-MARTIN, 2012). Essa explicação, todavia, não é capaz de explicar as limitações que as mulheres encontravam no acesso ao mercado de trabalho. Como aponta Butler (2020[1868]), mesmo profissões que seriam aparentemente mais apropriadas para mulheres, tais como cabeleireiras, vendedoras, lavadeiras de roupa, produtoras de flor artificial, fabricantes de roupa de bebê, dentre outros cargos, eram predominantemente executadas por homens. Isso, inclusive, era uma das reclamações das mulheres naquela época, conforme podemos observar nesse trecho de artigo escrito em meados do século XIX: “Por que homens barbados deveriam ser empregados para vender fitas, rendas, luvas, lenços de pescoço e uma dúzia de outras ninharias [...]?”¹⁴ (A STATEMENT..., 1859, p. 4).

Outras pesquisadoras apontam diferentes causas para as limitações que as mulheres enfrentavam no mercado de trabalho. Holloway (2007) aponta que a educação das mulheres de classe média em meados do século XIX objetivava sobretudo prepará-las para o matrimônio, e não as instruía para o mundo do trabalho, e isso restringia as atividades profissionais que poderiam executar. Segundo Swirdoff (2005), essas restrições eram, de fato, fruto de uma realidade moldada a partir da dependência econômica da mulher no homem:

A separação de esferas entre o mundo masculino do trabalho e o mundo feminino do lar e da Família, e a imagem vitoriana da mulher idealizada – doméstica, voltada para a família, moral e sexualmente pura, espiritual, reconfortante e altruísta – foram

¹⁴ No original: “Why should bearded men be employed to sell ribbon, lace, gloves, neck-handkerchiefs, and the dozen other trifles [...]?”.

definidas em termos de dependência das mulheres em relação aos homens¹⁵ (SWIRDOFF, 2005, p. 13).

O grupo de Langham se preocupou com essa visão coletiva sobre as capacidades produtivas das mulheres e, então, buscou alterar a opinião pública por meio de seus escritos, mas enfrentou dificuldade nesse processo. Mesmo com as contribuições do Grupo para a sociedade, suas ideias não foram bem acolhidas, uma vez que a mídia em geral era produzida e direcionada aos homens, descrevia o Coletivo com um tom negativo e depreciativo (WORZALA, 1974). A causa feminina era hostilizada no parlamento inglês e várias integrantes sofreram críticas em periódicos conservadores, tais como o *Saturday Review* (THE 'SATURDAY REVIEW'..., 1858; WORZALA, 1974).

Então, para sustentar suas ideias, as integrantes do grupo de Langham agiram de maneira estratégica, conciliando os valores ingleses vitorianos (por exemplo, religião e moralidade) com a integração econômica das mulheres em um ambiente não-doméstico. E isso não era artificial ao Coletivo, pois o próprio movimento de mulheres inglesas oitocentistas possuía uma visão conservadora do mundo (HOLLOWAY, 2007), relacionado com o espírito do tempo oitocentista inglês. Comparados com os franceses, que sediaram uma sangrenta revolução, os ingleses exigiam maior esforço de grupos que buscavam mudar o *status quo*, fato que Stuart Mill observou em sua autobiografia:

Os ingleses consideram que toda proposta é extrema e violenta, a menos que saibam de alguma outra que é ainda mais radical, sobre a qual possam descarregar sua antipatia contra toda aspiração extremada (MILL, 2006[1873], p. 239, tradução de Alexandre Massella).

Segundo Sanders (2004, p. 23), a característica do movimento das mulheres de seguirem passos estratégicos, contidos e pouco radicais esteve presente no feminismo da primeira onda, em que as mulheres “[...] eram ambivalentes quanto à extensão de seu próprio feminismo, e super-ansiosas para se distanciarem de estilos de vida e comportamentos não convencionais”¹⁶. Desse modo, a prática langhamiana de cautela estava em sintonia com o feminismo da segunda metade do século XIX.

Essa cautela inglesa foi aliada ao liberalismo das integrantes do grupo de Langham, em especial de suas fundadoras Bodichon e Parkes, que cresceram em lares progressistas e de

¹⁵ No original: “The separation of spheres between the male world of work and the female world of home and Family, and the Victorian image of the idealized woman – domestic, family-oriented, morally and sexually pure, spiritual, comforting and selfless – were defined in terms of women’s dependence on men”.

¹⁶ No original: “[...] were ambivalent about the extent of their own feminism, and over-anxious to distance themselves from unconventional lifestyles and behaviour”.

ideologia liberal, uma vez que suas famílias faziam parte do partido Liberal inglês, originando então um feminismo liberal cauteloso (RENDALL, 2015). Com base em princípios liberais, criticaram a legislação para a propriedade privada de mulheres casadas e os *Factory Acts*. Podemos perceber essa particularidade do Grupo no comentário de Bodichon sobre a pressão estatal nas mulheres: “As mulheres, mais do que quaisquer outros membros da comunidade, sofrem de excesso de legislação”¹⁷ (BODICHON, 2013[1854], p. 31).

Apesar de o grupo de Langham ter princípios liberais, é preciso ressaltar que as integrantes desse Coletivo não estavam representando um determinado partido ou ideologia. As ativistas de Langham queriam melhorar sobretudo o bem-estar das mulheres para que pudessem ter alguma forma de sustento que subsidiasse uma vida razoavelmente confortável. O termo “comunismo” aparece em dois artigos do *English Woman’s Journal (EWJ)* e foi criticado em ambos, e as ativistas tampouco gostavam da alcunha liberal. No relatório de uma instituição fundada pelo grupo de Langham, a Sociedade Para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), reiteram essa característica do Grupo: “A Sociedade evita toda participação em movimentos políticos, e não tem partido”¹⁸ (SOCIETY..., 1872, p. 6).

As integrantes de Langham também possuíam características mais conservadoras, no sentido de evitarem escândalos e prezarem pela boa conduta de suas participantes. Elas consideravam que a liberdade feminina poderia ser prejudicial caso não fosse direcionada ao serviço. O ideal de liberdade do Grupo era cristão, voltado não para a conquista de prazer, mas para que cada pessoa carregasse sua cruz e servisse a comunidade da melhor maneira possível (CHRISTIAN..., 1863). De todo modo, o Grupo buscou se desvincular tanto dos radicais quanto dos conservadores (ver PARKES, 1866, p. 8-9), muito embora, em sua essência essa organização é uma fusão desses extremos, conciliando os costumes vitorianos com o progressismo para a inclusão das mulheres no trabalho, na propriedade privada e nos meios intelectuais.

As críticas langhanianas não estão centralizadas em ideias, mas em aspectos tangíveis da sociedade, inclusive em análises culturais. Bodichon (1857), a título de exemplo, criticou os longos vestidos que as mulheres utilizavam e tornavam difícil uma simples caminhada pela cidade e, portanto, atrapalhavam atividades no ambiente urbano; a autora também combateu a percepção de que quanto mais frágil e ignorante fosse uma mulher, mais feminina ela seria,

¹⁷ No original: “Women, more than any other members of the community, suffer from over-legislation”.

¹⁸ No original: “The Society avoids all participation in political movements, and takes tone and colour from no party”.

pois esse era um argumento utilizado contra a inserção da mulher de classe média no mercado de trabalho.

As ideias de Langham são relevantes por uma questão histórica, pois representam o desenvolvimento de uma mudança de valores da sociedade, e revolucionaram (ao modo britânico) sobretudo a década de 1850 que, segundo Sanders (2004, p. 20), foi possivelmente “a mais importante década do século XIX para as mulheres vitorianas”¹⁹. O Grupo também representou um modelo futuramente copiado, que inspirou novas associações intelectuais e políticas entre mulheres. Elas se manifestaram intelectualmente por sentirem uma ausência de análise de pautas femininas pelos escritores e ativistas ingleses:

Filósofos e Reformadores têm geralmente manifestado temor a pronunciarem-se sobre as leis injustas, tanto da sociedade como do país, que oprimem as mulheres. Nunca houve uma tirania que fosse tão profundamente sentida e, pior ainda, sofrida de forma tão silenciosa. Mas agora eu espero que haja alguns a enfrentar este absurdo em nome da justiça para metade dos habitantes do mundo²⁰ (BODICHON, 2010[1854], p. 10, tradução de Filipa Vicente ²¹).

Do ponto de vista econômico, tais questões analisadas pelo Coletivo oitocentista representavam um planejamento comunitário das mulheres sobre quais arranjos institucionais seriam possíveis para seus planos vitais. Como vimos, em meados do século XIX, elas se concentravam nas profissões de professora, governanta e costureira, as quais eram mal pagas visto que havia um excesso de oferta de trabalhadoras nestes cargos, subproduto da falta de pluralidade de profissões para mulheres. Ao final do século XIX, essa situação mudou drasticamente, pois variadas profissões passaram a ser realizadas por mulheres tais como cabeleireiras, vendedoras, médicas, fotógrafas dentre outras²² (JORDAN, 2002).

Alguns historiadores, tais como Holloway (2007) e Jordan (2002), atribuem essas mudanças à atividade de grupos e ideias feministas, e outros, como Holcombe (1973), argumentam que a estrutura econômica moldou as ocupações nas quais as mulheres poderiam trabalhar, e que as ideias foram apenas o resultado da dinâmica econômica. A Figura 2 ilustra a variação do emprego em um segmento do trabalho inglês incentivado pelas ativistas de Langham: os ofícios de autoras, editoras e jornalistas para inglesas jovens, representando

¹⁹ No original: “[...] the most important decade of the nineteenth century for Victorian women”.

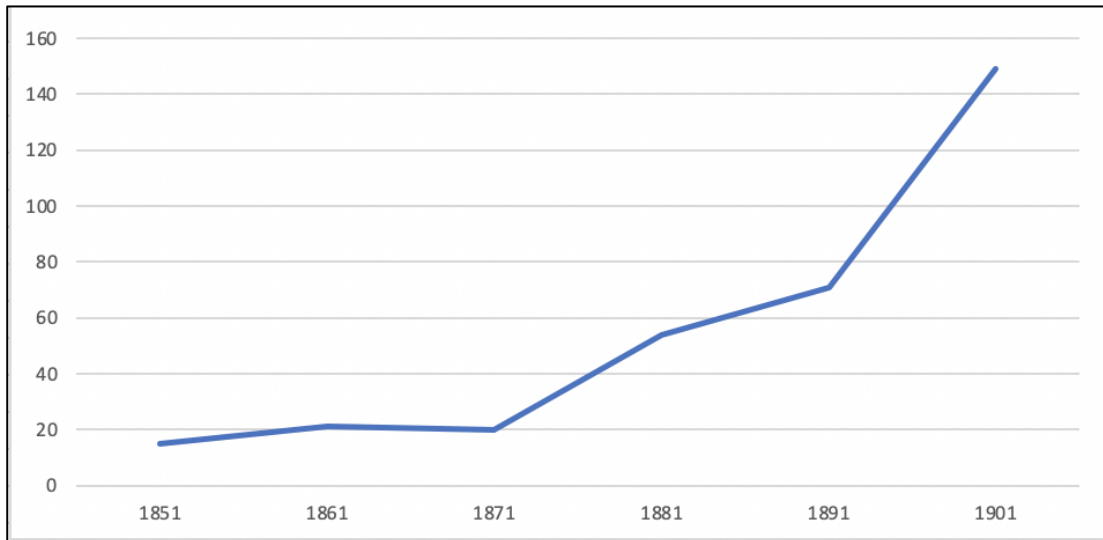
²⁰ No original: “Philosophers & Reformers have generally been afraid to say anything about the unjust laws both of society and country which crush women. There never was a tyranny so deeply felt yet borne so silently, that is the worst of it. But now I hope there are some who will brave ridicule for the sake of common justice to half the world”.

²¹ Ver em Vicente (2002, p. 56).

²² Conferir Jordan (2002, p. 78-82) para uma descrição das profissões para mulheres inglesas da metade para o final do século XIX.

parte da mudança que aconteceu no trabalho feminino de classe média durante a segunda metade do século XIX.

Figura 2 – Autoras, editoras e jornalistas inglesas de 15 e 24 anos na Inglaterra



Fonte: Jordan (2002, p. 78-82), elaboração própria.

Contudo, para que as mulheres pudessem ocupar novos cargos, era necessário ensinar-lhes novos ofícios que permitissem ganhos financeiros e uma melhor qualidade de vida. Então, as integrantes de Langham exibiam *role models* em suas publicações, mulheres de destaque profissional, cultivando o imaginário das inglesas para outras possibilidades de existência. O livro de Boucherett de autoajuda para mulheres jovens, *Hints on Self-Help: A Book for Young Women* (BOUCHERETT, 1863) continha predominantemente exemplos de mulheres bem-sucedidas, tais como Mrs. Chisholm, que auxiliou mulheres australianas a encontrarem empregos, ajudou imigrantes recém-chegadas ao país a terem abrigo, e diversos outros trabalhos sociais; e Mum Bett ou Elizabeth Freeman (1744-1829), primeira mulher escravizada que abriu processo por liberdade em Massachusetts.

É preciso ressaltar que este grupo oitocentista não era contra o arranjo tradicional da sociedade em que o marido fosse o provedor da família e as mulheres realizassem suas atividades exclusivamente no ambiente doméstico (WORZALA, 1974). A questão crucial que observaram foi a impossibilidade desse arranjo social para todas as mulheres, seja para aquelas que não eram casadas, ou para as que tivessem que complementar a renda familiar, e também para aquelas que desejassem trabalhar por uma preferência pessoal, dentre outras.

De fato, as autoras observaram que muitas mulheres permaneciam na prostituição, nas casas de trabalho ou em instituições de benevolência por falta de oportunidades de ter um sustento próprio (DOMESTIC..., 1858). Esta situação de penúria se agravava caso o marido morresse antes da esposa ou falisse, e este risco era também uma motivação para que as mulheres se profissionalizassem e pudessem se manter financeiramente (BOUCHERETT, 1863).

Observando as candidatas a auxílio da Instituição de Benevolência para Governantas²³ na Figura 3, nota-se que as mulheres requerentes eram mais velhas e sofriam usualmente por não terem o sustento financeiro dos maridos, e devido à baixa remuneração das governantas²⁴, mal conseguiam poupar para a velhice. Essas mulheres passaram, então, a depender da assistência social de instituições filantrópicas, devido à falta de previdência social para esse grupo de trabalhadoras. Para dirimir esse problema, as langhamitas sugerem então a expansão das profissões para mulheres.

Figura 3 – Relatório da Instituição de Benevolência para Governantas

“No. 1. Miss S. M. A., aged fifty-nine. 1856. Father a colonel, in active service until Waterloo. Governess upon his death, and that of an only brother. Assisted relations to the utmost of her power. Frequent illnesses have consumed her savings; is now in very delicate health. Earned only £10 in the past year.

“No. 2. Miss S. A., aged sixty-eight. 1857. Father a large calico printer; her mother having impoverished herself to assist her son’s speculations, she gave up the whole of her property to her and became a governess; and to the same purpose devoted all her earnings. Is now entirely dependent upon the kindness of friends.

“No. 3. Mrs. A. A., aged sixty-six. 1858. Compelled to leave home by the embarrassment of her father, whom she assisted with nearly the whole of her salary. The foreclosure of a mortgage upon her property has rendered her entirely dependent upon two daughters who keep a small school. Is very deaf, has lost one eye, and suffers from great pain and weakness, arising from a threatening of an internal complaint.

“No. 4. Miss F. A., aged sixty-one. 1848. Engaged in tuition since nineteen, her father, a merchant, having left seven children unprovided for. Constantly assisted various members of her family, and still has a niece dependent upon her. Sight and hearing much impaired; only dependence a small day-school.

Fonte: GOVERNESS... (1849).

²³ A Instituição de Benevolência para Governantas foi fundada em 1841 na cidade de Londres e objetivava auxiliar financeiramente governantas pobres, idosas ou doentes. Essa Instituição foi renomeada em 1952 para “Schoolmistresses and Governesses Institution” e existiu até o ano de 2004. A organização não era governamental e possuía um fundo arrecadado por doação; essa quantia financeira era então redistribuída a algumas das governantas que se inscreviam para receber auxílio monetário.

²⁴ A governanta no século XIX era responsável por cuidar da casa, da criação e educação das crianças no lar, dentre outras atividades. Simbolicamente era usualmente caracterizada de maneira negativa, Auchmuty (1975) afirma que as mulheres solteiras vitorianas usualmente eram retratadas como tias ou governantas difamadas.

As integrantes de Langham também apontavam problemas como ansiedade, depressão e histeria nas mulheres que não trabalhavam, causados pela falta de propósito e insegurança financeira (BODICHON, 2013[1857], DOMESTIC..., 1858). De maneira geral, o que o Grupo solicitava era a liberdade de escolha para a mulher: “Em toda a matéria de emprego para as mulheres, nós devemos reivindicar [...] a liberdade plena de decisão para elas.”²⁵ (PARKES, 2007[1856], p. 63).

A inovação langhaniana não está em suas discussões sobre a questão da mulher, uma vez que outras autoras, tais como Wollstonecraft 1995[1792], Jameson (1846)²⁶, Martineau (1837) e Norton (1854) já haviam analisado a condição das mulheres antes da formação do grupo de Langham, porém foram estudos individuais sem uma articulação conjunta buscando mudar a sociedade de maneira prática (SANDERS, 2004). O que se destaca do grupo langhaniano frente às primeiras autoras e escritoras da primeira onda foi a coordenação de mulheres²⁷ para uma causa comum. Parkes (1864) dá destaque a esse aspecto da organização:

Há dez anos, embora houvesse um grupo sério e ativo de pessoas profundamente interessadas em tudo o que se relaciona à educação feminina e sua capacidade de trabalho, e à reforma das leis que afetam a propriedade das mulheres casadas, [...], não havia nenhum centro para reunião, nem qualquer trabalho que pudesse ser dito que fosse associado aos nomes das mulheres tão ativamente empregadas²⁸ (PARKES, 1864, p. 361).

Nesse sentido, nós caracterizamos o grupo de Langham ao longo dessa dissertação como um coletivo por ser uma organização de apoio mútuo entre as mulheres, que compartilhavam entre si angústias, sonhos e esperança de mudança. O Grupo também atuou no desenvolvimento pessoal (*Bildung*) de suas integrantes, como destacou Simon-Martin (2012), pois as mulheres langhanianas foram incentivadas a ter uma vida intelectual para escreverem e participarem dos debates, trocando correspondências entre si e compartilhando suas descobertas. Assim, essas mulheres construíram seus planos de vida em dimensões que

²⁵ No original: “On the whole subject of the employments for women, we must claim, [...], the fullest liberty of decision for themselves”.

²⁶ Anne Jameson influenciou o grupo especialmente por sua aula “Communion of Labour”. Ver mais sobre o assunto em Blackburn (1902, p. 44-46). Kinch (2020) aponta que a autora foi uma mentora para Barbara Bodichon, Bessie Parles e outras mulheres do grupo de Langham.

²⁷ Hirsch (2010[1998]) e Rendall (1989) escreveram sobre um periódico predecessor ao *EWJ*, o *Waverley Journal*, o qual inclusive influenciou Bodichon e Parkes na construção de seus periódicos. Não encontramos, todavia, exemplares deste periódico digitalizados. Herstein o descreveu como “um obscuro periódico escocês que anunciou que era editado por mulheres” (HERSTEIN, 1993, p. 24).

²⁸ No original: “Ten years ago, although there was an earnest and active group of people, deeply, interested in all that relates to female education and industry, and to the reform of the laws affecting the property of married women [...], there was no centre of meeting, nor any one work which could be said to draw together the names of the ladies so actively employed”.

iam além do ambiente doméstico, ampliando seus horizontes pessoais enquanto atuavam socialmente.

A relevância do grupo de Langham para a História está também no campo das ideias, seja para o movimento feminista – desenvolvendo críticas ao mercado de trabalho que era hostil ao emprego feminino –, seja no campo prático, por meio de instituições que suas integrantes criaram. Exemplos destas instituições foram o *Girton College* e a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*). O Grupo também teve importância simbólica como exemplo de mulheres dedicadas à escrita e ao ativismo, um legado para as próximas gerações de mulheres. Um interessante exemplo, nesse sentido, é a genealogia da historiadora Filipa Lowndes, tataraneta de Bessie Parkes, pois toda a geração de mulheres desde Parkes publicou livros e se dedicou a escrita²⁹.

Por fim, o grupo de Langham possibilitou o desenvolvimento de periódicos femininos, viabilizou a inserção feminina no mercado de trabalho e divulgou textos e pensamentos de mulheres que confrontaram a opinião pública, promovendo o desenvolvimento intelectual e as mudanças quanto às possibilidades econômicas das mulheres, especialmente as de classe média. Segundo Herstein (1985), as langhamitas se conectaram por décadas, e as atividades posteriores do feminismo inglês estiveram centradas e foram influenciadas por esse Grupo.

Nas próximas subseções deste capítulo, aprofundaremos a análise das pautas centrais do grupo de Langham e as biografias de suas principais integrantes.

2.1 Biografias de suas principais integrantes

Neste trabalho, focaremos nas ideias e textos de três integrantes com contribuições significativas para o grupo de Langham: Barbara Bodichon, Bessie Parkes e Jessie Boucherett. O motivo central desse recorte é por essas autoras terem escrito e publicado com frequência maior que as demais integrantes, sendo elas estudadas em outras obras de economistas como, por exemplo, nos livros “*Women’s Economic Thought in the Romantic Age*” (ROSTEK, 2021), “*Women of Value*” (DIMAND; DIMAND, 1995) e “*Feminism and Anti-feminism in early economic thought*” (PUJOL, 1992), além de duas delas – Bodichon e Boucherett – possuírem verbetes no *Dictionary of Women’s Economists* (DIMAND;

²⁹ O leitor interessado pode acessar o vídeo de Filipa Lowndes cujo título é “Um quarto que seja seu”, disponível em: <<https://www.academia.edu/video/jQ9bOj>>. Nele, a autora mostra livros de suas grandes predecessoras, dentre elas, Bessie Parkes.

DIMAND; FORGET, 2000) – o que indica a importância relativa destas autoras em relação às demais participantes do Grupo no que diz respeito à contribuição econômica. Além do mais, o grupo de Langham foi analisado sob sua perspectiva econômica no *Journal of Economic Perspectives*, em um artigo que aborda as principais contribuições sobre gênero na Economia Clássica (DIMAND, FORGET, NYLAND, 2004), no livro “*A Bibliography of Female Economic Thought to 1940*” (MADDEN; PUJOL; SEIZ, 2004) e no capítulo “*Women in the Canon of Economics*” (DIMAND, 2000).

Apesar de integrarem a mesma comunidade, há diferenças marcantes entre as autoras, as quais podem ser compreendidas a partir da análise de suas biografias e seus históricos familiares. Bodichon e Parkes cresceram em famílias liberais e que valorizavam a educação das mulheres, e Boucherett cresceu em uma família conservadora. Podemos notar que os seus textos refletem isso, e os escritos desta última possuem, de modo geral, um tom menos radical do que de suas colegas fundadoras de Langham. Embora essas ativistas tenham crescido em lares com boa condição financeira, Bodichon e Boucherett foram as que tiveram maior abundância de recursos em toda a vida, e Parkes teve de se concentrar em buscar uma remuneração própria durante um período da vida, o que afetou suas possibilidades de atuação dentro da causa feminista.

Compartilhamos da conclusão oriunda a partir de um dos primeiros livros sobre as ideias das mulheres economistas anteriores à década de 1960, “*Women’s of Value*”, sobre a necessidade de investigar suas biografias e circunstâncias:

[...] a conclusão mais urgente que pode ser tirada deste volume é o reconhecimento de que a análise formal que se baseia nas ferramentas e técnicas padrões de pesquisa histórica e bibliográfica deve ser aumentada pela pesquisa biográfica que pode revelar a vida e as contribuições de economistas mulheres individualmente no contexto de relações formais e informais que elas construíram (DIMAND; DIMAND; FORGET, 1995, p. xi)³⁰.

Nas biografias a seguir, expomos com mais detalhes as circunstâncias de cada uma dessas autoras, que serão importantes para analisarmos seus textos.

2.1.1 Barbara Bodichon

³⁰ No original: “[...] the most pressing conclusion that can be drawn from this volume is the recognition that formal analysis which relies on the standard tools and techniques of historical and bibliographic research must be augmented by biographical research which can uncover the lives and contributions of individual women economists in the context of formal and informal relationships that they built”.

Barbara Leigh Smith Bodichon (1827-1891), como vimos, foi uma das fundadoras do grupo de Langham, responsável pelo alcance político do Coletivo. Se, por um lado, herdou o poder da família abastada, já que foi neta e filha de membros liberais do parlamento inglês – William Smith e Benjamin Smith, respectivamente (BELLOC, 1891; BLACKBURNE, 1902) –, por outro, por ser uma filha fora do casamento de Anne Longden³¹, uma chapeleira, foi rejeitada por vários membros da família (HIRSCH, 2010[1998]), o que a submeteu ao mesmo tempo ao prestígio e à rejeição da sociedade, aguçando a construção do seu pensamento crítico (HIRSCH, 2010[1998]).

Foi influenciada pelas ideias liberais de seu pai, contrário às *Corn Laws*, que reunia frequentemente grupos radicais relacionados à abolição da escravidão nos Estados Unidos e refugiados políticos (SOCKWELL, 1995). Progressista, rico e radical, possibilitou que sua filha desfrutasse de uma renda substancial ao completar 21 anos, quando recebeu de seu pai um capital de valor de 1.000 libras esterlinas à época (SOCKWELL, 1995), constituído por um portfólio de ações, o que lhe proporcionou independência financeira para desenvolver projetos pessoais (HIRSCH, 2010[1998]), quantidade que também foi passada a seu irmão. Essa divisão equânime de bens materiais entre filho e filha era rara, porém apesar da liberdade financeira, Bodichon não poderia ir para a universidade, tal como seu irmão, pois na época o ensino superior não era disponível para as mulheres (HIRSCH, 2010[1998]). Contudo, conseguiu pagar seus estudos na Bedford Square Ladies College, uma escola avançada para mulheres, muito embora não fosse de fato um *college*, tais como os tradicionais de Oxford e Cambridge. Essa instituição objetivava oferecer às mulheres uma educação para formar governantas ou professoras de crianças (SOCKWELL, 1995). A autora também estudou com tutores particulares em sua formação intelectual. Em 1854, aos 27 anos, publicou seu panfleto “*A Brief Summary, in Plain Language, of the Most Important Laws concerning Women*”, que pode ser compreendido como um reflexo de seu pensamento e estudos com o arcabouço teórico de direito e economia política.

Dotada de dinheiro e liberdade, foi capaz de postergar o casamento para focar em projetos de militância na sociedade e de desenvolvimento social. Começou organizando uma petição assinada por 3.000 mulheres para reformar a legislação inglesa para as mulheres casadas (BLACKBURNE, 1902), no prelúdio do grupo de Langham em 1855 (WORZALA, 1974). Casou-se em julho de 1857 com Eugene Bodichon, médico francês que trabalhava na Argélia no inverno, e a partir disso, viajava frequentemente entre seu país de origem e o país

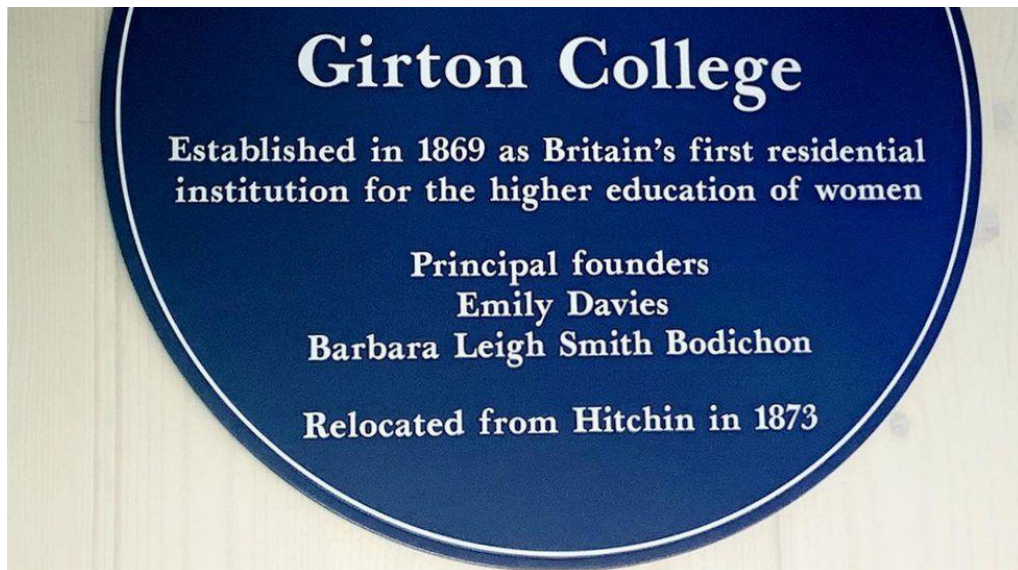
³¹ Faleceu quando Barbara tinha apenas 7 anos (SOCKWELL, 1995).

africano (HIRSCH, 2010[1998]). No mesmo ano, publicou o artigo “*Women and Work*”, sua principal obra econômica, em que buscou justificar a importância do trabalho para as mulheres.

Posteriormente, em 1858, fundou o *English Woman’s Journal (EWJ)* – publicação independente do grupo de Langham – conjuntamente com Bessie Parkes, que assumiu a maior parte da responsabilidade pelo periódico por residir exclusivamente na Inglaterra. Bodichon contribuiu para o jornal principalmente por meio de um auxílio financeiro e da escrita de diversos artigos. Nota-se que a ativista contribuiu monetariamente diversas associações inglesas, não só por meio de seu próprio capital, mas usando a sua habilidade em levantar fundos por meio de sua rede de contatos. Com seus esforços conseguiu, por exemplo, reunir £ 200 para doar à Sociedade de Emigração para Mulheres (HIRSCH, 2010[1998]).

Bodichon auxiliou, ainda, Emily Davies na fundação do *Girton College*, uma instituição de ensino superior para as mulheres. Segundo Parkes (BELLOC, 1891), esse projeto foi de profundo interesse para Bodichon, pois na sua juventude ela admirava as fundadoras do *Bedford College*, onde estudou na juventude, Mrs. Reid e Miss Sturch. A iniciativa destas últimas em oferecer uma educação de qualidade para as mulheres influenciou sobremaneira Bodichon no trabalho para desenvolver uma universidade direcionada ao ensino de mulheres³².

Figura 4 – Placa no *Girton College* em homenagens às suas fundadoras



Fonte: BBC News (2019).

³² Voltaremos a discutir esse assunto na seção 4.5.

Como Bodichon patrocinou vários empreendimentos do grupo de Langham, sua amiga Parkes (BELLOC, 1891) comentou que ela administrava com excelência seus recursos e recebia valores consideráveis por suas pinturas³³. Essa boa administração financeira permitiu que, ao final de sua vida, Bodichon tenha acumulado o patrimônio de 10.000 libras esterlinas, doado integralmente para o *Girton College*.

Além de financiar instituições, Bodichon participou de outras organizações e coletivos ingleses, como a Sociedade de Kensington³⁴, e em 1865, ajudou na redação e coleta de assinaturas para a petição do sufrágio feminino, apresentada no ano seguinte. No ano de 1869 escreveu o panfleto “*Reasons for and against the Enfranchisement of Women*”, problematizando a questão do sufrágio para as mulheres.

Aos 70 anos, Barbara Bodichon teve um acidente vascular cerebral (AVC) e se afastou de suas atividades no movimento das mulheres (BELLOC, 1891). Ela foi uma das principais ativistas do movimento feminista inglês e seu legado perdura até os dias de hoje (HIRSCH, 2010[1998]), seja por meio da herança institucional de *Girton*, como por suas ideias que moldaram as atividades do grupo de Langham.

2.1.2 Bessie Parkes

Bessie Rayner Parkes (1829-1925) nasceu em Birmigham em uma família ligada à política; seu pai, Joseph Parkes, era parte do grupo de radicais influenciados pelas ideias de Jeremy Bentham³⁵, um dos principais fundadores do utilitarismo. Sua mãe, Eliza Parkes, era neta de Joseph Priestley³⁶, um dos fundadores do unitarismo, corrente teológica que nega a trindade divina e que esteve vinculada a ideais progressistas especialmente relacionadas à educação das mulheres (WATTS, 2014). A residência de Parkes, inclusive, era ponto de encontro entre políticos radicais e vinculados ao partido Liberal inglês, de maneira que, assim como sua amiga Bodichon, ela teve contato com a política desde a infância devido à influência familiar (KINCH, 2020).

³³ Barbara Bodichon também era artista e pintava quadros, especialmente de paisagens.

³⁴ A Sociedade de Kensington (1865-1868) foi um coletivo de mulheres que atuou principalmente na causa sufragista. Para ter mais informações do grupo, ver a tese de Rebekah Curren (2020), disponível em: <https://minerva-access.unimelb.edu.au/bitstream/handle/11343/240600/2c14921a-d0f7-e911-94af-0050568d7800_RJCurren_Thesis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

³⁵ Jeremy Bentham (1748-1832) foi jurista e filósofo, e um dos principais disseminadores do utilitarismo.

³⁶ Joseph Priestley (1733-1804) foi intelectual e teve destaque em variadas áreas de atuação, sendo creditada a ele a descoberta do gás oxigênio; também teve influência nos seus escritos de metafísica..

Parkes, para os padrões da época, teve acesso a uma educação excelente, resultado da influência unitarista de sua família (WATTS, 2014). O seu avô defendia que as mulheres:

[...] devem receber a mais alta [educação] de que são capazes, [...] as línguas eruditas e modernas, [...] matemática e filosofia. Certamente, as mentes das mulheres são capazes do mesmo aperfeiçoamento e do mesmo arcabouço teórico que as dos homens³⁷ (PRIESTLEY, 2014[1790], p. 13).

E essa opinião sobre a importância da educação feminina certamente influenciou não só a educação que Parkes recebeu, mas também a sua convicção sobre o tema.

Aos 19 anos, a autora conheceu Bodichon e juntas compartilharam conhecimentos e vivências, comentando mutuamente os livros que liam (RENDALL, 1989, SIMON-MARTIN, 2012). Assim, moldaram uma vivência feminina com mais liberdade. Essa independência, porém, era marcada por privilégios de classe, pois como Rendall (1989) afirma, as atividades desempenhadas por elas no ambiente extradoméstico só foram possíveis pois tiveram empregadas domésticas.

Graças à sua formação intelectual e sua disponibilidade de tempo para atividades fora do lar, a autora ainda jovem publicou em alguns jornais britânicos, como os periódicos *Hastings News*, *The Leader*, *The Reasoner*, textos do tipo jornalístico e literários; às vezes, utilizava o pseudônimo *Bernard* para evitar o preconceito que havia sobre a atividade intelectual das mulheres (RENDALL, 1989).

A autora recebeu críticas de jornais ingleses ao longo de sua vida devido aos ideais que possuía, considerados inadequados para jovens inglesas (KINCH, 2020; RENDALL, 1989). O jornal *National Review*, por exemplo, em um artigo de 1858 (ROSCOE, 1858) fez uma crítica a textos que versavam sobre a condição das mulheres na sociedade, dentre eles artigos do periódico *English Woman's Journal (EWJ)* e o texto *Remarks on Education of Girls*, em que Parkes propõe uma educação ampla e de qualidade para as mulheres.

Roscoe, autor do artigo supracitado, admoesta as ideias do grupo de Langham por considerá-las uma tentativa de as mulheres entrarem em ofícios masculinos, e por acreditar que a mente dos homens era mais apropriada para condensar conhecimentos do que a das mulheres. De maneira pejorativa, representa as ativistas da causa feminina, entre elas Parkes, como “[...] Amazonas modernas que insistem em estabelecer seu sexo como uma classe separada de seres, naturalmente com inimizade aos homens, e por eles injustamente

³⁷ No original: “[...] should be given the highest [education] of which they are capable [...] the learned and the modern languages [...] mathematics and philosophy. Certainly, the minds of women are capable of the same improvement and the same furniture as those of men”.

subjugadas e tiranizadas ignorantemente”³⁸ (ROSCOE, 1858, p. 343-344). Esse comentário irritou Joseph Parkes, pai de Bessie Parkes, que mesmo sendo liberal se incomodou com as ideias da filha e com as críticas que recebeu sobre seus escritos e sua visão política. Para ele, o livro da filha e o “*Rights of Women to exercise the Elective Franchise*”³⁹, de Bodichon – aos quais ele se refere como disparates ou absurdos [*nonsense*] –, teriam dado munição aos oponentes. Ele afirma em uma carta a Parkes:

[...] é claro que o Inimigo vai tirar vantagem disso no ataque contra você. [...] Vocês, jovens mulheres inglesas do El Dorado, não acreditarão, até que se tornem mais velhas, nas distinções naturais dos dois sexos; & que os homens nunca permitirão que as mulheres usem roupas masculinas – muito menos que usurpem a sua superioridade sexual natural... Você aprenderá uma lição, na medida que envelhecer; ... a sociedade não pode ser revolucionada com tanta impaciência e praticidade, quanto vocês, jovens mulheres inexperientes, imaginam ou desejam... Se você imprudentemente provocar a oposição de outros e mais populares periódicos que o *National Review*, você irá rapidamente quebrar o seu próprio periódico⁴⁰ (GCPP 2/65, 1858).

Essa crítica revela que o pai de Parkes era mais conservador que o de Barbara Bodichon, a qual teve mais liberdade em seus escritos. O grupo de Langham auxiliou Parkes a se recompor diante de tão severas críticas. No entanto, esses comentários negativos de seus escritos, realizados pelo meio jornalístico e por seu pai, afetaram os textos posteriores da autora. Kinch (2020) afirma que, após essas críticas, Parkes passou a se mostrar mais contida e cautelosa em suas ideias, e veio a focar principalmente em auxiliar as mulheres que tinham que se manter financeiramente e que precisavam trabalhar, sem deixar de enfatizar a importância dos papéis da mulher como mãe e cuidadora do lar. Como afirma Dent (1880), Parkes passou a ser “uma defensora capaz e *discreta* dos direitos da mulher⁴¹ (DENT, 1880, p. 312, grifo nosso).

Bessie participou de encontros da *National Association for the Promotion of Social Science (NAPSS)*, ocasiões em que viajou para diversos locais do país para expor os seus

³⁸ No original: “[...] modern Amazons who insist upon setting up their sex as a separate class of beings, naturally at enmity with man, and by him unjustly subjugated and ignorantly tyrannized over”.

³⁹ Esse texto também foi criticado no *National Review*, no entanto, diferentemente do texto de Parkes, exibia um homônimo de *Justitia*, que provavelmente se referia a Barbara Bodichon.

⁴⁰ No original: “Your own earlier Nonsense, & Barbara’s and your non-sensical “Rights of Women to exercise the Elective Franchise”, of course the Enemy will take advantage of in the assault on you. [...] You El Dorado young English Women will not believe, till older, in the natural distinctions of the two sexes; & that the males will never allow the females to wear men’s clothes – much less to usurp their natural sexual superiority... You will learn a lesson, as you grow older; ... society cannot be so eagerly or practically revolutionised as you young inexperienced Women imagine or desire... If you unwisely provoke the opposition of other & more popular Periodicals than the *National Review* you will speedily smash your Journal”.

⁴¹ No original: “an able and *discrete* advocate of woman’s right”.

artigos e discutir sobre trabalho e educação para as mulheres. Além disso, publicou artigos no *English Woman's Journal (EWJ)*, livros de poesia e militou por muitos anos na causa feminista. Esse ritmo de ativismo e militância se tornou fisicamente desgastante para a autora, que por conta da fragilidade de sua saúde, deixou de editar o *English Woman's Journal (EWJ)* por 6 meses (KINCH, 2020). Em 1864, teve escarlatina⁴², que tornou sua saúde ainda mais debilitada. Logo, de forma a priorizar sua saúde, a autora se afastou do Grupo e sua última participação concreta para o movimento feminista foi a organização, junto com outras integrantes do grupo de Langham, da petição para o sufrágio feminino em 1866 (KINCH, 2020).

No ano de 1867, Parkes se casou com Louis Belloc, com o qual teve dois filhos, e passou a morar no interior da França. Três anos após o casamento, seu marido morreu e a autora voltou para a Inglaterra (KINCH, 2020). Parkes se concentrou em obter meios para sobreviver financeiramente após o falecimento abrupto do marido e, para tanto, escreveu para o jornal *Spectator*. Diferentemente de Bodichon e Boucherett, ela deixou de ter o sustento garantido, e precisou voltar ao mercado de trabalho. Por ironia, os filhos da autora foram contra o sufrágio feminino, e o seu filho Hillaire Belloc foi declaradamente antifeminista. Todavia, isso não indica uma postura antifeminista da autora, uma vez que sua filha Marie Belloc escreveu em prol do movimento das mulheres (KINCH, 2020).

É difícil delinear as posições políticas de Parkes após seu afastamento do grupo de Langham, uma vez que seus textos ao periódico *Spectator* não eram assinados. Como podemos analisar, sua vida foi dedicada à emancipação das mulheres e ao desenvolvimento de sua produção literária. Ela foi fundamental para o surgimento do grupo de Langham e também para a edição e publicação do *English Woman's Journal (EWJ)*. Bessie Parkes viveu para ver uma das pautas que defendeu ser realizada, e pode votar pela primeira vez aos 89 anos em 1918. Ela faleceu no ano de 1925 aos 95 anos.

2.1.3 Jessie Boucherett

Emilia Jessie Boucherett (1825-1905) cresceu no interior da Inglaterra em North Willingham, no condado de Lincolnshire. Filha de pais conservadores e de muitas posses, esteve distante do movimento das mulheres londrino até os 33 anos de idade (BRIDGER, JORDAN, 2006). Foi educada na escola das quatro irmãs Miss Byerleys e foi uma leitora

⁴² Doença de origem bacteriana, usualmente causa infecção de garganta.

voraz durante seu período de formação (SMITH, 1912). Segundo Bridger e Jordan (2006), a autora explorou os economistas políticos clássicos durante a juventude, momento em que a semente para estudar e pensar sobre os problemas sociais foi plantada. Boucherett desde a juventude participou de atividades filantrópicas acompanhada pela irmã, Louisa, e juntas auxiliavam os pobres (HIRSCH, 2010[1998]).

Como relata Stanton (1884), Boucherett se interessou por questões voltadas à causa das mulheres especialmente a partir de duas publicações de periódicos: o artigo “*Female Industry*” (MARTINEAU, 1859) do jornal *The Edinburgh Review* e o periódico *English Woman’s Journal (EWJ)*. Movida por tais ideias, começou a ter uma perspectiva crítica do mundo. Especificamente sobre o artigo “*Female Industry*”, Boucherett escreveu: “[esse artigo] me deu uma ideia de estabelecer uma sociedade cujo objetivo deveria ser introduzir as mulheres em novos empregos”⁴³ (BOUCHERETT, 1884, p. 97, comentário nosso).

Interessada em participar do círculo de Langham, candidatou-se para fazer parte do conselho de edição e assistência do *English Woman’s Journal (EWJ)* (BOUCHERETT, 1884, p. 97) e, depois de aceita, se mudou para a capital inglesa, onde se integrou ao grupo de Langham Place, considerando o coletivo um importante propulsor do movimento das mulheres:

Uma sala de leitura para as mulheres era aberta em uma casa que continha um escritório para o jornal, e desse escritório pequeno e dessa sala de leitura humilde surgiram quase todos os grandes movimentos atuais das mulheres⁴⁴ (BOUCHERETT, 1884, p. 97).

Segundo Boucherett, o principal interesse em seus estudos foi na situação laboral feminina (BOUCHERETT; BLACKBURNE, 1896, p. 49). Ela aliou esses conhecimentos com objetivos práticos e se ocupou principalmente em abrir oportunidades de emprego para as mulheres e, para tanto, fundou a Sociedade Para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) em 1859, sendo financiada pela própria instituição que criou para promover uma escola técnica de treinamento para mulheres. Segundo a autora, os ramos de vendas, escrituração e contabilidade também poderiam ser realizados por mulheres (SMITH, 1912).

A ativista publicou artigos de jornais, especialmente relacionados ao movimento das mulheres, além de livros dentre os quais se destacam o *Hints on Self Help* (BOUCHERETT,

⁴³ No original: “It gave me the idea of establishing a society, the object of which should be to introduce women into new employments”.

⁴⁴ No original: “A reading-room for women was opened in the house which contained the office of the journal, and from this small office and humble reading-room have grown almost all the great women's movements of the present day”.

1863), um dos primeiros livros de autoajuda feito para mulheres, sendo que um dos pontos-chave da obra foi encorajar as leitoras a se qualificarem o suficiente e se profissionalizarem para escapar das profissões que tivessem muita concorrência e, conseqüentemente, remunerassem pouco.

Essa integrante de Langham possuía independência financeira devido à herança que herdou de sua família (BRIDGER & JORDAN, 2006; SMITH, 1912), e com isso pode financiar atividades do *English Woman's Journal (EWJ)*, da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) e fundar o periódico que foi sucessor do *English Woman's Journal (EWJ)*, o *Englishwoman's Review* em 1866, permitindo que as pautas do movimento de emancipação das mulheres fossem disseminadas na sociedade. Em 1899, criou a *Freedom of Labour Defence*, organização que visava combater as restrições legislativas aplicadas exclusivamente às mulheres no mercado de trabalho (SMITH, 1912). Também apoiava a volta da população para o campo, recomendando que as mulheres realizassem atividades rurais (SMITH, 1912), ideia que indica uma característica conservadora da autora e remonta à sua família de origem no interior.

Boucherett também esteve presente no comitê para a petição do sufrágio feminino de 1865 e patrocinou £ 25 para o documento, quantia equivalente a aproximadamente £ 2.000 atualmente (BRIDGER & JORDAN, 2006). A autora se destacou no uso político do dinheiro e dedicou sua vida a auxiliar as mulheres que precisassem trabalhar, informando-as e, sobretudo, buscando treiná-las para que conseguissem um cargo e uma posição na sociedade. Faleceu aos 79 anos de câncer no fígado e acumulou em vida um patrimônio de £ 39.000, doado integralmente às instituições langhamianas.

2.2 Um periódico independente como caminho de divulgação de ideias e propaganda do grupo de Langham

Após a exposição das biografias das principais autoras cujos textos são analisados nesta dissertação, aprofundaremos o estudo de algumas das principais realizações do grupo de Langham: o periódico *English Woman's Journal (EWJ)*; a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*); e a participação do Coletivo na Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*). Assim, o leitor poderá dimensionar a importância desse coletivo de mulheres e de seu alcance na sociedade inglesa. Outro motivo para essa

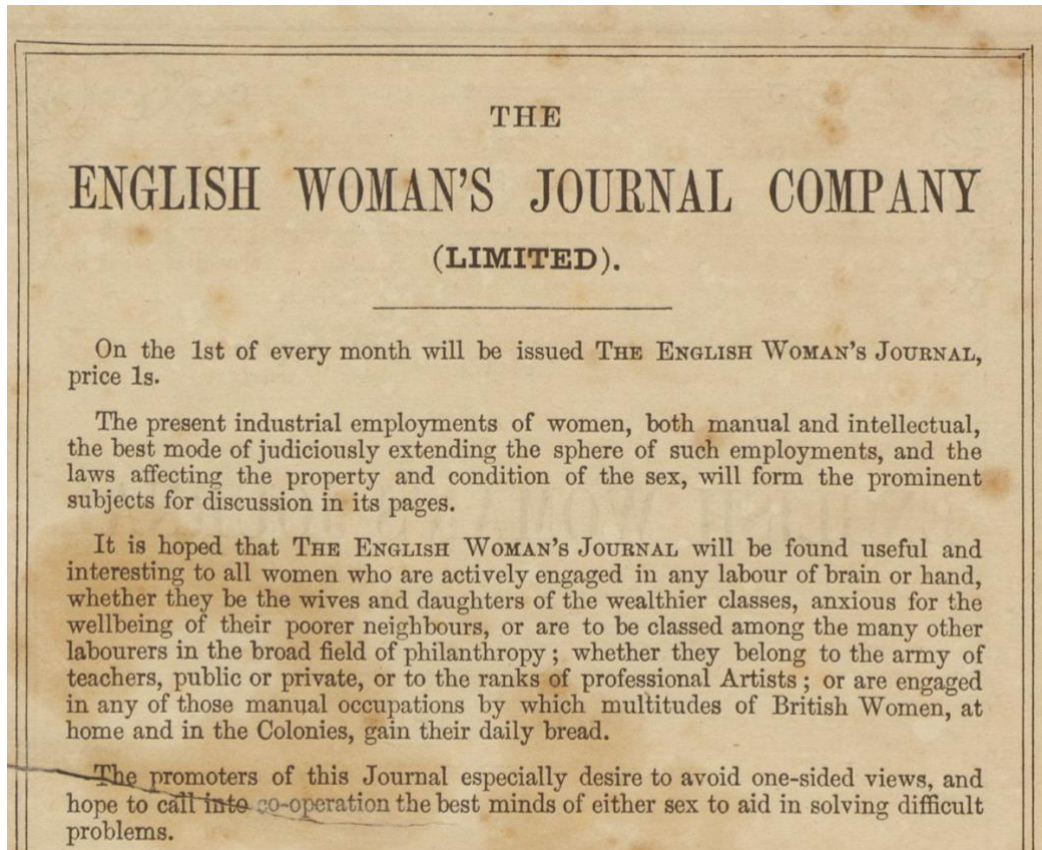
exposição é que essas instituições e esse periódico serão citados em profusão nos demais capítulos, sendo relevante uma contextualização dessas ferramentas de ativismo langhamiano.

Como vimos, o grupo de Langham foi fundado em 1855 a partir de reuniões acerca da legislação sobre a propriedade de mulheres casadas, e tais encontros foram feitos na casa de Benjamin Leigh Smith, pai de Barbara Bodichon. Após essas discussões, apresentaram uma petição ao parlamento inglês para garantir a remuneração das mulheres casadas para seus próprios usos, que apesar de não ter sido aprovada, permitiu uma introdução ao aprendizado político do Coletivo (WORZALA, 1974).

Em outubro de 1856, Parkes e Bodichon tentaram comprar o periódico *Waverley Journal*⁴⁵ de Edimburgo, editado apenas por mulheres e onde haviam feito algumas publicações (JORDAN, BRIDGER, 2006), mas não conseguiram concluir a transação; após negociações, decidiram criar um periódico novo (PARKES, 1866). Após muitos planos e esforços, fundaram no ano de 1858 a companhia limitada *English Woman's Journal (EWJ)*, composta inicialmente por 200 ações para que pudessem financiar a impressão do periódico (RENDALL, 1987). O escritório do jornal foi estabelecido inicialmente em Princes Street, e seus artigos focavam em questões relativas ao papel da mulher da sociedade com o objetivo de disseminar as ideias do movimento de mulheres. Após um ano de início do periódico, as ações duplicaram e o periódico passou a se estabelecer em Langham Place (RENDALL, 1987).

Figura 5 – Descrição do English Woman's Journal

⁴⁵ Segundo Ross (1987), Barbara Bodichon e Isa Craig, integrantes do grupo de Langham, começaram a escrever no periódico *Waverley Journal* em 1856.



Fonte: The English Woman's Journal (1858). Blackwell family. Papers 1835-1963, Folder 22.

A implementação da publicação foi estrategicamente decisiva não só para a divulgação de suas ideias para a sociedade, buscando influenciar a opinião pública, como também para o emprego de mulheres – especialmente de classe média – na editoração, produção e impressão do jornal. O periódico representou uma mudança de foco do movimento, que esteve inicialmente engajado em alterar a legislação e passou a buscar a mudança da opinião pública, tendo um impacto mais direto na sociedade do que por meio de petições, as quais dificilmente poderiam ser aprovadas dado o *status quo* inglês.

A maioria dos artigos desse periódico foi escrito por mulheres, muito embora alguns homens também tenham contribuído publicando textos no veículo (WORZALA, 1974). Grande parte dos escritos não foram assinados ou contém apenas siglas dos nomes das autoras. Nestes casos, pode-se depreender a autoria de algumas autoras tais como Bodichon, na abreviatura B.L.S.B.; Parkes, na abreviatura B.R.P.; e Jessie Boucherett, com J.B., especialmente nas publicações dos anos iniciais. Os textos sem assinatura serviram para proteger a identidade das integrantes dos críticos na mídia, por receio de danos à reputação ou outras represálias na sociedade.

As principais escritoras no periódico *English Woman's Journal (EWJ)* foram Barbara Bodichon, Bessie Parkes, Jessie Boucherett, Isa Craig e Maria Rye (WORZALA, 1974). O objetivo do periódico foi centralizado na causa das mulheres e não em objetivos comerciais. Parkes (1864) enfatizou essa característica da publicação, pois segundo ela, caso publicassem apenas o que vendesse não haveria espaço para a militância e o posicionamento político das autoras. Como ela afirma em um artigo do *English Woman's Journal (EWJ)*: “[caso buscassem apenas o retorno financeiro] adeus a qualquer expressão de opinião profunda; adeus à humilde, mas incessante luta de todos esses anos”⁴⁶ (PARKES, 1864, p. 365, comentário nosso).

Isso fez com que a publicação tivesse predominantemente artigos sobre o movimento das mulheres, sem que precisassem abordar temas secundários e com apelo comercial, diferentemente de variadas publicações da época, e até mesmo atuais, que são direcionadas às mulheres e veiculam sobretudo artigos sobre moda ou beleza.

A estrutura do jornal *English Woman's Journal (EWJ)* era razoavelmente fixa: poesia, artigos sobre a condição das mulheres, viagens, livros e acontecimentos recentes, e tinha um espaço reservado para mostrar as cartas dos leitores, como era comum na época.

Tal periódico foi publicado de março de 1858 até agosto de 1864. Após esse término, foi fundido ao periódico *Alexandra Magazine*, parceria que não perdurou (BLACKBURNE, 1902). No ano seguinte, em 1865, foi resgatado na publicação *Englishwoman's Review* fundada por Boucherett (BLACKBURNE, 1902), periódico que existiu até o ano de 1910 (RENDALL, 1987).

A ideia de possuir um jornal independente foi essencial para que as mulheres pudessem propagar suas opiniões, além de sua já citada importância histórica como registro do início do feminismo por meio de uma organização coletiva (WORZALA, 1974). E as integrantes de Langham tinham noção da importância de se ocupar a mídia impressa, onde suas vozes não seriam caladas, como mostra esse trecho de artigo do *English Woman's Journal (EWJ)*:

Com o crescimento da imprensa, a influência direta das mulheres educadas nos assuntos mundiais aumentou. Mudanças no Senado e na Igreja, suas opiniões encontraram voz nas páginas de dez mil leitores⁴⁷ (ON..., 1858, p. 3).

⁴⁶ No original: “good-bye to any thorough expression of opinion; good-bye to the humble but ceaseless struggle of all these years”.

⁴⁷ No original: “With the growth of the press has grown the direct influence of Educated women on the world's affairs. Mute in the senate and in the church, their opinions have found a voice in the sheets of ten thousand readers”.

Este periódico, idealizado e administrado apenas por um grupo feminino, retratou o esforço contínuo feito pelo coletivo de Langham para que as mulheres também fossem editoras de jornais e participassem da indústria tipográfica (TUSAN, 2004), e mostrou à sociedade inglesa outros pontos de vista embasados na vivência feminina, evidenciando que a participação das mulheres na política se deu muito antes do voto.

Ao longo dessa dissertação, diversos artigos do *English Woman's Journal (EWJ)* são citados, muitos deles sem assinatura, e os interpretamos como a voz coletiva do grupo. A qualidade dos artigos é variável, pois não havia o mesmo prestígio de periódicos consagrados ingleses pelo fato de ser um jornal de financiamento limitado, de maneira que as autoras recebiam pouco dinheiro por suas publicações (RENDALL, 1987).

Observamos que para o grupo de Langham havia uma atividade mais importante do que anunciar e publicar ideias: colocá-las em prática na sociedade. E foi o que fizeram principalmente através das instituições vinculadas ao Coletivo, as quais mostraremos a seguir.

2.3 A Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (SPEW)

No mesmo local em que o grupo de Langham se estabeleceu, foi fundada por Jessie Boucherett e Adelaide Proctor, em 1859, a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*Society for Promotion of the Employment of Women - SPEW*). O objetivo dessa sociedade era exibir informações sobre vagas de emprego, fornecer aulas profissionalizantes e ser, ainda, um centro de discussão sobre o emprego feminino (ASSOCIATION..., 1859). As demandas da organização foram sintetizadas em um artigo do *English Woman's Journal (EWJ)*:

É trabalho que pedimos, espaço para trabalhar, incentivo para trabalhar, um campo aberto com um salário justo por um dia justo de trabalho; é a injustiça que sentimos, a injustiça dos homens, que captam para si todos os empregos e profissões lucrativas [...] ⁴⁸ (ASSOCIATION..., 1859, p. 55).

Apesar dos objetivos inovadores, a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) possuía uma forma organizacional tradicional de sociedades filantrópicas vitorianas, sendo composta de auditores, publicava anualmente um relatório com as atividades

⁴⁸ No original: “It is work we ask, room to work, encouragement to work, an open field with a fair day's wages for a fair day's work; it is injustice we feel, the injustice of men, who arrogate to themselves all profitable employments and professions”.

desenvolvidas e possuía um comitê. Os inscritos contribuíam para a formação do fundo monetário da instituição, que era transferido para promover o emprego das mulheres.

Diferenciou-se de outras organizações relacionadas ao grupo de Langham, pois desde sua fundação havia homens em seus quadros, especificamente no comitê e na tesouraria (JORDAN, BRIDGER, 2006). Isso aconteceu uma vez que no início esta entidade esteve vinculada a uma sociedade mista, a Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*) (BELLOC, 1891). O protagonismo de suas ações, todavia, esteve sempre com as mulheres. Holloway (2007) apontou que, em 1867, 80 por cento dos inscritos na sociedade eram mulheres, e inclusive a Rainha Vitória era uma patrona da associação.

As atividades da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), todavia, não eram direcionadas a todas as mulheres. Não visava as muito ricas e possivelmente com maior escolaridade, para as quais a divulgação das ideias do Grupo não seria de grande utilidade. Não visava tampouco as mais pobres, que dificilmente poderiam contribuir financeiramente com alguma atividade do grupo e possivelmente tinham uma educação de baixa qualidade, inviabilizando sua inserção no mercado de trabalho. Em um texto do *English Woman's Journal* (*EWJ*), as autoras explicitaram o foco das atividades da Sociedade: “E após uma deliberação, elas sentiram que deveriam empenhar suas ações em algum lugar na classe média baixa”⁴⁹ (SPECIAL..., 1860, p. 147). Logo, a atuação da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) era voltada às mulheres que não eram pobres, mas que mesmo assim precisavam de um meio para se sustentarem.

Segundo Jordan (2002), a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) foi importante para fazer uma propaganda positiva aos empregadores ingleses sobre o trabalho das mulheres. McCrone (1982) afirmou que o principal objetivo da Sociedade foi mostrar que não havia nada de humilhante em uma mulher de classe média exercer uma profissão. Tusan (2004), por sua vez, ressalta a importância dessa Organização para que as mulheres testassem os limites da divisão sexual do trabalho, podendo ampliar o número de atividades que exerciam. Essa instituição existe até os dias de hoje e foi renomeada em 2014 para *Futures for Women* (HISTORY..., 2021).

2.4 A Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*)

⁴⁹ No original: “And after due deliberation they felt that they must endeavor to begin somewhere in the lower ranks of the middle class.”

As atividades do grupo de Langham, embora focalizadas em Londres, se disseminaram para outras localidades da Inglaterra, especialmente devido à participação do grupo na Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*National Association for the Promotion of the Social Science - NAPSS*) (WORZALA, 1974), associação progressista fundada por Lord Brougham que reunia grupos reformistas ingleses. Segundo McCrone (1982), a Associação foi uma das poucas sociedades intelectuais inglesas que aceitavam a participação de mulheres.

Embora a Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*) aceitasse mulheres na participação, poucas exerciam cargos de maior relevância. Em toda a história da Associação, não houve mulher presidente ou vice-presidente, tampouco participante do conselho. A integrante de Langham que teve mais destaque foi Isa Craig com o seu cargo de secretária assistente.

Anualmente, essa organização realizava encontros em que os artigos de seus membros eram lidos e debatidos. Alguns dos temas discutidos pela *NAPSS* incluíam: habitação, mortalidade infantil, delinquência juvenil, pobreza, vacinação, educação, legislação e direito das mulheres (MCCRONE, 1982). A pauta sobre a causa feminina foi exposta especialmente por integrantes do grupo de Langham, tais como Bessie Parkes, Emily Davies e Jessie Boucherett, que liam seus artigos nas reuniões anuais do grupo.

Diversos grupos do movimento das mulheres foram associados à Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*), tais como a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) – comentada na seção anterior –; a Associação Sanitária das Senhoras⁵⁰ (*LSA*), que fornecia aulas e tratados sobre saúde pública para os trabalhadores (MCCRONE, 1982); e a Sociedade para a Emigração da Classe Média Feminina⁵¹ (*FMCES*), fundada em 1862 por Maria Rye e Jane Lewen com o intuito de auxiliar a emigração das mulheres inglesas.

A Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*) esteve relacionada também com a fundação e consolidação do *Girton College*⁵², pois a partir das discussões sobre educação para as mulheres na *NAPSS*, Emily Davies conseguiu apoio para negociar com a Universidade de Cambridge um acordo para que as mulheres pudessem realizar exames oficiais da Universidade (MCCRONE, 1982).

⁵⁰ No original: *Ladies Sanitary Association*.

⁵¹ No original: *Female Middle Class Emigration Society*.

⁵² Primeira universidade para mulheres a ter vínculo formal com a Universidade de Cambridge.

A Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*) foi importante para divulgar a causa das mulheres, além de influenciar membros do Parlamento para que a legislação sobre a propriedade privada de mulheres casadas fosse alterada, o que ocorreu no período 1870 – 1882, graças ao fato de membros dessa Associação possuírem contatos diretos no Parlamento inglês (MCCRONE, 1882).

Percebemos que o grupo de Langham não atuava isoladamente mas, ao contrário, associava-se às instituições dirigidas por homens para que pudessem realizar mudanças no âmbito social, e a Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*) forneceu um auxílio para que mais pessoas se engajassem na causa das mulheres. Tal Associação deu espaço para que o grupo de Langham tivesse um público mais amplo do que apenas os leitores do *English Woman's Journal (EWJ)* ou as frequentadoras da sala de leitura de Langham Place.

2.5 A luta pelo sufrágio, o fim do grupo de Langham e seus desdobramentos

A luta pelo sufrágio feminino foi a última bandeira do grupo e passou ocupar lugar de destaque a partir de 1865. Algumas integrantes do grupo de Langham, como Bodichon e Boucherett, passaram a integrar a Sociedade de Kensington, onde discutiram e planejaram uma petição para que as mulheres pudessem votar. Em junho de 1866, J.S. Mill apresentou a petição ao Parlamento inglês, porém não obteve aprovação dos membros do governo. Após alguns anos, diversos grupos se formaram em torno da defesa do voto feminino, que se tornou um dos principais núcleos da primeira onda do movimento feminista (SANDERS, 2004). A militância langhamiana que mais nos interessa, todavia, é a antecessora à sufragista, pois é a que foca em questões econômicas de trabalho e renda.

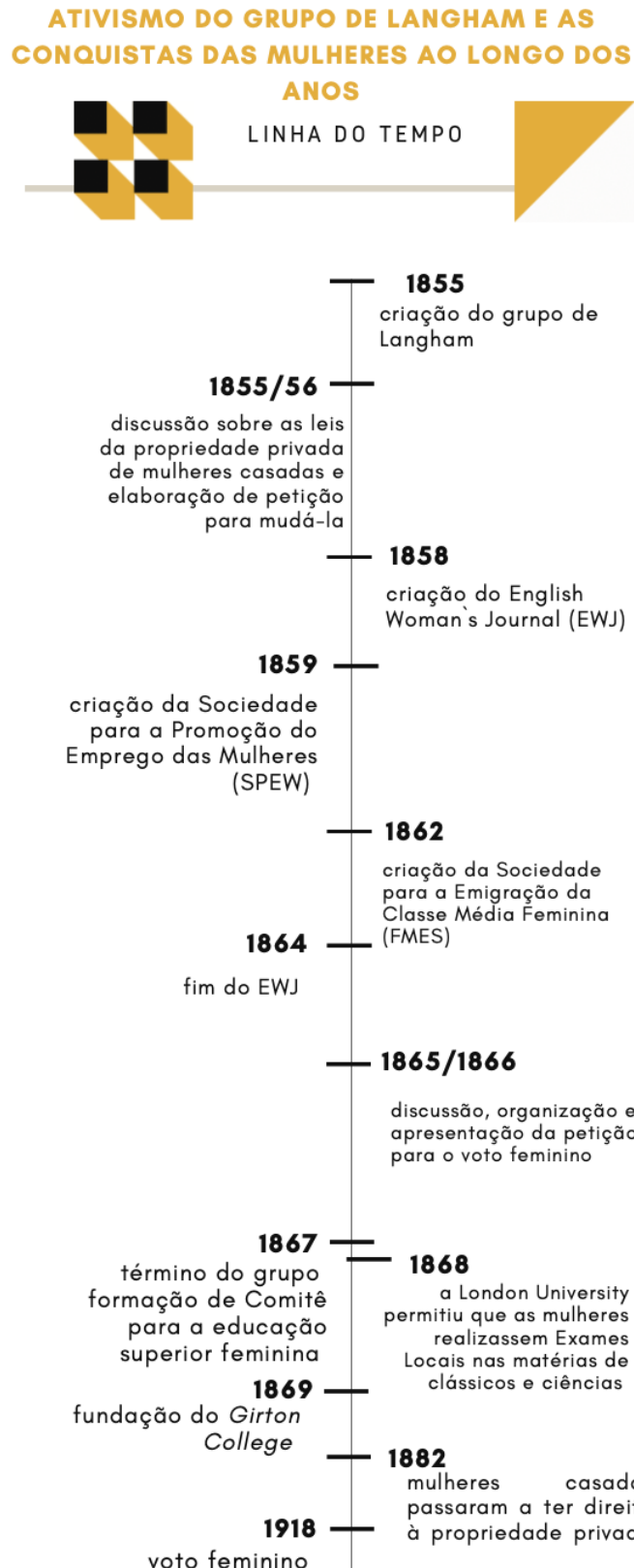
O grupo de Langham foi encerrado em 1867, devido a problemas financeiros para manter a publicação do *English Woman's Journal* e também por desentendimentos pessoais entre integrantes, resultados principalmente da heterogeneidade do grupo e dos conflitos profissionais nos vários empreendimentos que fundaram. Outros motivos foram que muitas integrantes constituíram famílias e passaram a não ter a disponibilidade de tempo para a militância, ou mesmo pelo cansaço físico de suas integrantes, que avançavam em idade e não possuíam a mesma energia da juventude (KINCH, 2020; WORZALA, 1974).

Esse coletivo deixou como legado as instituições *Girton College* e a *Futures for Women*, além de ter sido de paradigma de uma organização pragmática e intelectual entre

mulheres. O grupo vislumbrou novas perspectivas para as mulheres sem deixar de ter um tom conciliador e estratégico. Atualmente, o grupo de Langham é objeto de pesquisa para se compreender as ideias e o mercado de trabalho no século XIX e as origens do movimento feminista.

Para sintetizar esse capítulo, apresentamos uma linha do tempo das propostas de Langham e das conquistas feministas obtidas ao longo da segunda metade do século XIX e início do século XX (Figura 6).

Figura 6– Linha do tempo das propostas langhamianas e das conquistas das mulheres.



Fonte: Elaboração própria.

3 O GRUPO DE LANGHAM E A ECONOMIA POLÍTICA

A pauta econômica foi um fator crucial na origem do movimento das mulheres inglesas no século XIX, pois, como vimos, grupos na sociedade civil foram formados a partir da reivindicação da ampliação da oferta de trabalho para o ofício feminino. Tais organizações percebiam a urgência dessa pauta principalmente para as mulheres que necessitavam de renda, tanto para aquelas que não chegaram a se casar como para aquelas que não contavam com o matrimônio como sua única fonte de sustento. Para convencer a opinião pública, era necessário que estas organizações se munissem de argumentos persuasivos, sendo uma boa retórica estratégia fundamental para a disseminação de suas ideias.

A etimologia da palavra convencer – que essencialmente é *com + vencer*, isto é, vencer com alguém – indica o caminho que esses grupos teriam que seguir. Precisavam apresentar para a sociedade justificativas sólidas na defesa do trabalho feminino e da propriedade privada de mulheres casadas⁵³ e, para tanto, a Economia Política foi um insumo essencial nessa estratégia dialógica com a comunidade inglesa.

Por que a Economia Política era importante para esse grupo de mulheres? Como o movimento das mulheres pôde recorrer a princípios econômicos para justificar o argumento de promover o direito de trabalho às mulheres? Rendall (1989) argumenta que a Economia Política⁵⁴ possibilitou que as oitocentistas refletissem sobre suas próprias vidas e sobre o papel que desempenhavam na sociedade, além de estimular seu raciocínio analítico, o que as levou, naturalmente, a refletirem sobre suas condições materiais na sociedade.

E a própria Economia Política poderia ganhar com este movimento. Bodichon, por exemplo, justificou o estudo da Economia por parte das mulheres alegando que elas poderiam proporcionar a essa ciência “retidão de julgamento” e “simpatia para com o bem comum”⁵⁵ (BODICHON, 2013[1854], p. 37). O grupo de Langham acreditava na existência de leis independentes da Economia Política⁵⁶, e as considerava fundamentais para o objetivo de

⁵³ Em comparação com as mulheres solteiras com mais de 21 anos, as quais eram consideradas independentes e poderiam desfrutar de seus próprios rendimentos, as mulheres casadas eram consideradas pelo Estado como crianças, pois a existência legal delas era fundida com a do marido. Logo, não respondiam por crimes, não poderiam ter propriedade privada e tampouco pagavam impostos (BODICHON, 2013[1854]).

⁵⁴ Há uma diferença nos termos Economia Política (*Political Economy*) e Economia Social (*Social Economy*). Este termo estava relacionado com as teorias que mostravam a importância do Estado para a Economia, e aquele termo se referia usualmente com uma análise da atividade econômica centrada no mercado (FETTER, 1959). Todos esses termos são utilizados nos textos langhamianos, e optamos por unificá-los no texto com Economia Política, por serem termos econômicos.

⁵⁵ No original: “Political Economy, their directness of judgment and sympathy with the commonalty”.

⁵⁶ Em um artigo do *EWJ*, elas deixaram clara essa posição ao afirmarem que estavam “agindo através das leis ordinárias da economia, com as quais uma mera interferência benevolente é temporária e fútil” (SPECIAL....,

propor mudanças sociais. Boucherett (1866) considerou que tais leis, quando relacionadas à atividade das mulheres na sociedade, eram negligenciadas: “os primeiros princípios daquele ramo da economia política que se relaciona com as mulheres ainda não foram estabelecidos, ou, se o foram, não são geralmente admitidos”⁵⁷ (BOUCHERETT, 1866, p. 4).

A partir da análise dos textos, concluímos que Bessie Parkes (1866) foi a integrante de Langham que mais se baseou em argumentos econômicos. Segundo a autora, esta ciência estava usualmente presente no cotidiano de todos e este assunto não poderia ser ignorado, por ter um vínculo prático com a sociedade. Ela ilustra essa ideia com um exemplo bem concreto: “Quando Maria se mata de chorar, porque João irá se mudar para a Austrália, ela é a vítima inconsciente da ‘pressão populacional nos meios de subsistência’”⁵⁸ (PARKES, 1866, p. 223-224). Dessa forma, reforça a importância de as mulheres estudarem esse ramo do conhecimento: “Se não soubermos tirar vantagem dessas leis [econômicas], nós certamente iremos sofrer por causa delas [...]”⁵⁹ (PARKES, 1866, p. 225, comentário nosso).

Parkes (1856) acreditava que o estudo da Economia Política por parte das mulheres contribuiria não só para a melhor aplicação dos princípios dessa ciência, mas também para o desenvolvimento intelectual do sexo feminino. Ela apresentou em um texto sobre a educação de mulheres jovens, “*Remarks on the Education of girls*”, três motivos para tanto.

O primeiro motivo, segundo a autora, para o estudo da Economia Política era que as mulheres se preocupavam mais do que os homens com a diminuição das mazelas sociais, tais como a pobreza, a situação dos presos e a emigração de mulheres. Logo, possuíam um senso humanitário que era essencial para analisar questões sociais.

O segundo motivo seria que a Economia Política, no seu entender, constituía um bom treino para desenvolver o raciocínio e capacidade de julgamento crítico das mulheres. Segundo Parkes, o pensamento lógico da Economia Política seria superior ao da matemática e da geometria por induzir as pessoas a perceberem e avaliarem não somente a estrutura lógica, mas também a realidade empregatícia (PARKES, 2007[1856]). Isso seria particularmente bom para as mulheres que, segundo a autora, mudavam frequentemente de opinião, por não terem as habilidades mentais de ponderação e discernimento bem desenvolvidas⁶⁰.

1860, p. 150). No original: “acting through the ordinary economic laws, with which mere benevolent interference is temporary and futile”.

⁵⁷ No original: “the first principles of that branch of political economy which relates to women, are not yet laid down, or if laid down, are not generally admitted”.

⁵⁸ No original: “When Maria cries her eyes out, because John is going to Australia, she is the unconscious victim of ‘pressure of the population on the means of subsistence’”.

⁵⁹ No original: “If we do not learn how to take advantage of these laws, we shall certainly suffer by then [...]”.

⁶⁰ Em uma leitura contemporânea desse ponto de vista de Parkes, podemos entender que a falta do exercício impede o desenvolvimento intelectual, que não é inato. A própria autora admitiu isso em seu texto: “[...] essa

Por fim, o terceiro motivo seria que esse ramo de estudos, além de treinar o raciocínio das jovens mulheres, também trabalhava com questões coletivas, como a condição comparativa das nações e possibilitava analisar questões que as afetavam diretamente. A obra de J.S. Mill foi destacada por Parkes como exemplo disso⁶¹. Ao comentar sobre o escopo dessa disciplina, ela afirma:

Ela [a Economia Política] trata dos mais amplos objetos de estudo, do progresso e da condição comparativa entre as nações, do estado presente e futuro de todas as classes inteiras de concidadãos, tanto homens quanto mulheres. Eles (os objetos de estudo) incluem, pelo menos, em mãos como as de John Stuart Mill, muitos tópicos de profundo interesse às mulheres, relacionados à condição do sexo delas: e por último, [...] é a ciência do indivíduo e do bem-estar coletivo do Homem⁶² (PARKES, 1856, p. 56).

Como vimos anteriormente, o artigo “*Remarks on the Education of girls*” foi criticado pelo jornal conservador *National Review*⁶³ (ROSCOE, 1858), o qual caracterizou a ideia de Parkes como absurda, pois o estudo inicial das jovens – segundo o periódico – deveria focar em aritmética e geometria, e de maneira irônica afirmou: “Ela deseja profundamente que toda mulher jovem aprenda tudo – e isso imediatamente. Ela tem pressa nisso”⁶⁴ (THE REVIEWER, 1859, p. 340). Roscoe, o autor da crítica, considerava a Economia Política um assunto deveras complicado e que não precisaria ser estudado nem pelos jovens homens, e muito menos pelas jovens mulheres. Para Roscoe, homens eram mais preparados para assimilar conteúdos e condensá-los em princípios e as ideias das mulheres eram esparsas (ROSCOE, 1858). Em um artigo do *English Woman’s Journal (EWJ)* (THE REVIEWER, 1859), Parkes⁶⁵ contestou as críticas do jornal, afirmando que o estudo das matérias

adesão forte a noções preconcebidas é o que se tenta na prática com a educação das filhas; metade da nação para não colocar em risco a sua ‘feminilidade distinta’ está proibida de inquirir; mas aquele intelecto feminino não poderia ser totalmente reprimido”. No original: “[...] this firm adherence to preconceived notions is what is practically attempted in the education of daughters; half the nation, on peril of their ‘distinctive womanhood’ are forbidden to inquire; and but that female intellect could not be quite repressed” (PARKES, p. 43, 2007[1856]).

⁶¹ Segundo Pujol (1992), Mill foi o primeiro economista a considerar a mulher como agente econômico.

⁶² No original: “It treats of the largest subjects, of the progress and comparative condition of nations, of the present and future state of whole classes of fellow countrymen and women. It includes, at least, in such hands as those of John Stuart Mill, many topics of special interest to women relative to their own sex: and lastly, [...] for it is the science of the individual and collective welfare of Man”.

⁶³ The “National Review”, October 1858, Art. IV. – Woman.

⁶⁴ No original: “She is extremely desirous that all young women should be taught everything - and that immediately. She is urgent about it”.

⁶⁵ O artigo “The Reviewer Reviewed” não foi assinado, mas como se referiu a uma resposta a uma crítica feita a um texto de Parkes, é provável que tenha sido escrito pela autora. Optamos por manter a referência da obra sem assinatura, para sermos fidedignos à falta de assinatura do texto do *EWJ*, mas nos referimos nesta passagem como se a autoria fosse de Parkes devido a essa observação. Kinch (2020) está de acordo com essa interpretação.

tradicionais de matemática era de suma importância, mas que isso não retirava a relevância da Economia Política como ferramenta para treinar o uso da razão.

Um motivo explicado pelo grupo de Langham para o estudo da Economia era baseado nas próprias diferenças entre os homens e as mulheres, sendo estas mais humanistas que aqueles, poderiam contribuir com novas perspectivas para o ramo de estudo econômico. Desse modo, tais ativistas não buscaram apenas argumentos de igualdade para promover a pauta feminista, a percepção comum da época de que as mulheres eram moralmente superiores aos homens foi um importante instrumento argumentativo utilizado pelo Grupo.

Outro motivo foi de natureza política, uma vez que esta ciência poderia ser (mal) utilizada para promover interesses e leis considerados perniciosos. Diante dessa possibilidade, o conhecimento desse ramo do saber (e de suas leis) por parte das mulheres – vistas como sendo mais preocupadas com o bem-estar social – era considerado essencial. Parkes (1863), por exemplo, sugeria que as Leis da Economia fossem harmonizadas com a religião, para controlar os malefícios de seu uso inadequado.

O grupo, de fato, fazia articulações entre assuntos econômicos e religiosos. Bodichon (2013[1857]), por exemplo, argumentou que as mulheres, por princípios cristãos, são ferramentas divinas e que “[...] como filhas de Deus, devem ser treinadas para fazer algum trabalho no mundo”⁶⁶ (BODICHON, 2013[1857], p. 38). Boucherett, por sua vez, apresentou em seu livro *“Hints on Self Help”* algumas passagens cujo argumento religioso esteve presente para aconselhar a industriiosidade nas mulheres (BOUCHERETT, 1863, p. 8, 18-19, 50, 66, 92-94, 132).

A discussão sobre o uso da Economia pelas mulheres oitocentistas, todavia, não foi exclusiva ao grupo de Langham. É importante destacarmos que a Economia Política clássica ganhou importância no século XIX, portanto a valorização pelo Grupo desta ciência esteve relacionada sobretudo ao ambiente intelectual vitoriano, com a progressiva relevância do positivismo durante o século XIX (PICKERING, 2019). Em 1833, a palavra “cientista” foi difundida, o campo científico foi mais valorizado e passou a embasar as ideias de progresso e mudança social. Tal mudança cultural permitiu que a sociedade se amparasse na doutrina das ciências sociais para justificar os novos meios de vivência econômica das mulheres.

A título de exemplo, a inclusão da disciplina de Economia Política no currículo do *Working Women’s College* – instituição fundada em 1864 com a finalidade de educar trabalhadoras – foi justificada com argumentos similares. A Economia Política foi descrita

⁶⁶ No original: “Women must, as children of God, be trained to do some work in the world”.

como útil para que as “[...] mulheres entendam e melhorem a sua posição como trabalhadoras no mundo industrial”⁶⁷ (WORKING WOMAN COLLEGE..., 1864, p. 432). C. Kingsley, pastor e professor universitário, também defendeu a importância de as mulheres aprenderem a Economia Política em virtude da sua progressiva inclusão no mercado de trabalho:

Há agora na Inglaterra um grande número, e crescente, de jovens mulheres que, por diversas circunstâncias [...] devem ser as donas de suas próprias fortunas, ou ganhar o próprio pão. E para fazerem isso sabiamente e bem devem ser mais ou menos mulheres de negócios [...]; e para alcançar isso devem saber alguma coisa sobre o significado das palavras capital, lucro, preço, valor, trabalho, salários, e a relação entre salário e trabalho. Em resumo, devem saber um pouco de Economia Política⁶⁸ (KINGSLEY, 1869, p. 346).

Já no século XIX, Hodgson (1860) ressaltava a relevância do estudo da Economia para todas as classes, principalmente por uma questão de progresso social, pois esse ramo de estudo enfatizava a importância do esforço individual para o proveito da comunidade. O *Journal des Économistes* apontou que a Economia Política, juntamente com a opinião pública e a imprensa, poderiam ser aliadas na luta para a inclusão das mulheres no mercado de trabalho (WOMEN..., 1861). Notamos que essa percepção do valor da Economia Política para as mulheres se manteve no periódico sucessor do *English Woman's Journal (EWJ)*, o *Englishwoman's Review*, no artigo intitulado “*Political Economy as a Study for Girls*” (POLITICAL..., 1985[1872]), posterior à luta sufragista, quando houve um crescimento da participação das mulheres em instituições políticas e intelectuais. Nesse texto, há uma recomendação do estudo da Economia Política para as mulheres entenderem temas abstratos e poderem participar ativamente em instituições, nas quais estavam progressivamente ingressando, como as escolas técnicas. O artigo reitera que as mulheres podem atingir a excelência nesse ramo de estudos e usa como ilustração uma aluna que conquistou o primeiro lugar nas aulas do professor Cairnes⁶⁹ para público misto, além de trazer alguns exemplos da utilidade da Economia Política para as mulheres agirem estrategicamente a partir das leis de oferta e demanda.

⁶⁷ No original: “Women understand and improve their position as workers in the industrial world”.

⁶⁸ No original: “There are in England now a vast number, and an increasing number, of young women who, from various circumstances [...] must in after life be either the mistresses of their own fortunes, or the earners of their own bread [...]. And to do that wisely and well they must be more or less women of business; and to be women of business they must know something of the meaning of the words capital, profit, price, value, labour, wages, and of the relation between these two last. In a word, they must know a little political economy”.

⁶⁹ John Elliott Cairnes (1823-1875) foi professor e escritor de Economia Política.

Neste panorama geral oitocentista, J.S. Mill teve especial importância em inculcar os princípios da Economia nas jovens inglesas, e influenciou sobremaneira o pensamento do grupo de Langham, como veremos a seguir.

3.1 A influência de J.S. Mill

A valorização da ciência lúgubre⁷⁰ (“*dismal science*”) por parte do grupo de Langham também foi fruto de anos de estudos das integrantes. John Stuart Mill, um dos principais – senão o principal – autores de Economia Política do século XIX, figura como autor de destaque no Grupo, não somente porque esteve presente na formação intelectual de várias integrantes, mas também por seu engajamento político com a causa feminina (MATTOS, 2020). Quando Mill tomou posse do parlamento inglês em 1865, o fato de Barbara Bodichon, Bessie Parkes, Emily Davies e Isa Craig terem ido de carruagem para Westminster dar apoio ao parlamentar recém-empossado (STEPHEN, 1927) nos dá uma ideia da importância que ele tinha para o Coletivo. E Mill não traiu a esperança nele depositada, pois no Parlamento abriu espaço para este movimento social expressar-se politicamente. Como vimos anteriormente, ele recebeu a importante petição organizada por Bodichon a favor do sufrágio feminino⁷¹, e encaminhou essa pauta das mulheres ao parlamento inglês (LACEY, 2013; MILL, 1988[1867]). J.S. Mill também era um membro da instituição langhamiana Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), e entre os anos de 1860 e 1864 já havia doado £ 15, que nas estimativas mais conservadoras equivaleria a R\$ 10.924,91⁷² atualmente.

Esse economista e, sobretudo, intelectual inglês foi tratado com reverência no periódico *English Woman's Journal* (*EWJ*). Por exemplo, na edição de setembro de 1860 há um artigo específico sobre suas opiniões escrito por Bessie Parkes. É possível observar o respeito e admiração que a autora nutria por Mill, evidenciados na seguinte passagem: “O que

⁷⁰ O termo *dismal science* foi criado por Thomas Carlyle, o autor caracterizou a Economia Política assim devido às previsões pessimistas de Malthus sobre as consequências do crescimento populacional.

⁷¹ Divulgada em 7 de junho de 1866 com 1.499 assinaturas, foi um marco para o movimento sufragista na Inglaterra.

⁷² Valor encontrado utilizando o recurso *online Measuring Worth* (MEASURING WORTH, 2021). A conversão dos valores por meio dessa ferramenta é feita por múltiplas dimensões, considerando os gastos com residência, Produto Interno Bruto, salários e inflação durante o período. Ver mais informações sobre a metodologia do *Measuring Worth* em:

<https://www.measuringworth.com/defining_measures_of_worth.php>.

ele [Stuart Mill] escreveu está fundado na razão, e permanece como uma rocha sólida entre as areias movediças da opinião pública”⁷³ (PARKES, 1861, p. 1).

Figura 7 – Reprodução da pintura de Newcombe (1910)



Fonte: Newcombe (1910). *LSE Library*. Elizabeth Garret e Emily Davies escondendo a petição do sufrágio feminino debaixo de uma barraca de maçã em Westminster Hall até que John Stuart Mill veio buscá-la.

Neste artigo, a autora recomendou às leitoras do *English Woman's Journal (EWJ)* duas obras do J.S.Mill : o *Sistema de Lógica* (1843) e a obra magna *Princípios de Economia Política* (1848), indicada como fundamental: “[...] toda mulher jovem deveria lê-lo”⁷⁴ (PARKES, 1861, p. 4). Esses livros, segundo Parkes, ajudariam as mulheres a pensarem logicamente, o que as auxiliaria a refutarem opiniões contrárias ao emprego feminino. Segundo a autora, nenhum argumento sobre a exclusão das mulheres no trabalho podia ser derivado do princípio da liberdade de competir nesse mercado. O grupo de Langham também via Mill como aliado por ter sido crítico às restrições impostas às mulheres pelos *Factory Acts* – considerado por ele “indefensável em princípio e pernicioso na prática”⁷⁵ (MILL, 2004[1871], p. 291). Segundo Pujol (1992), Mill foi o primeiro economista a considerar a

⁷³ No original: “What he has written is founded on reason, and stands like a solid rock amidst the shifting sands of public opinion”.

⁷⁴ No original: “every young women might read it”.

⁷⁵ No original: “indefensible in principle and mischievous in practice”.

mulher como agente econômico, o que reforça a sua importância para aproximar as mulheres langhamianas das questões econômicas.

Contudo, apesar das afinidades entre o autor inglês e o grupo feminista, havia também diferenças substanciais entre os seus escritos. As integrantes do grupo de Langham eram ativistas e buscavam mobilizar a sociedade, mudando a opinião pública, considerada pelo Coletivo como “a agência misteriosa das mudanças que revolucionaram o mundo” (WOMEN..., 1863, p. 6). Também buscaram conscientizar as mulheres de sua condição econômica, promovendo maiores possibilidades de trabalho e inserção social além do casamento. O grupo não negava os valores cristãos de sua época, tampouco era radical, mas ansiava mudanças dentro das circunstâncias presentes.

O grupo de Langham não foi contrário a alguns preconceitos existentes na época, como a ideia de que as mulheres seriam menos estáveis emocionalmente que os homens⁷⁶. Isso fazia parte de sua visão de mundo, parte integrante da sociedade inglesa que estava permeada, como mencionamos, por teorias científicas justificando a inferioridade intelectual de mulheres e de negros (BERGMAN, 2002; HALLER JR, 1970).

As integrantes do grupo de Langham também não se demonstraram contrárias aos papéis sociais das mulheres de mães e esposas, avaliados como os mais sagrados de seus deveres (JT, 1864). Todavia, como comentamos anteriormente, consideravam equivocada a ideia de que as mulheres só poderiam ocupar esses papéis na sociedade (JT, 1864).

Mill, por sua vez, era um dos principais intelectuais do século XIX, e além das obras de ativismo, como por exemplo o ensaio *A sujeição das mulheres* (MILL, 2017[1869]), publicou obras teóricas sem pretensões concretas de mudança social. Logo, o escopo de sua vida intelectual é mais vasto, e este estudioso pertenceu a um grupo seleto de autores que combinaram a tarefa intelectual e de ação no mesmo gênio⁷⁷, assim como Mirabeau⁷⁸ e Celso Furtado⁷⁹. São intelectuais que não viveram no idealismo e na solitude de suas ideias, mas participaram ativamente da vida política e buscaram atingir a vida presente e os homens presentes⁸⁰ ao mesmo tempo em que desenvolveram a reflexão constante e metódica das suas obras teóricas.

O próprio ativismo de Mill em relação às mulheres foi fundamentado nas suas reflexões teóricas sobre a natureza humana (MATTOS, 2020). Para o autor, essa natureza não

⁷⁶ Isso está presente no artigo WOMEN... (1863). Em especial, nas páginas 1 e 2, “we will not deny their weak-mindedness-we believe in it” (WOMEN..., 1863, p. 1).

⁷⁷ Para um maior detalhamento desta questão, consultar Gasset (1982).

⁷⁸ Mirabeau (1749-91) foi um escritor francês, trabalhou para o governo e também era orador.

⁷⁹ Celso Furtado (1920-2004) foi um economista brasileiro que trabalhou para o governo nacional.

⁸⁰ Referência ao poema “Mãos Dadas” de Carlos Drummond de Andrade.

poderia ser julgada pelo estado presente da sociedade inglesa nas diferentes funções realizadas por homens e mulheres. A partir dessas reflexões, Mill antecipa a noção de gênero, ou seja, antecipou a noção de que havia diferenças culturais e sociais entre homens e mulheres construídas socialmente:

O que hoje é chamado de natureza da mulher é algo eminentemente artificial – o resultado de uma repressão imposta em certas direções, e de um estímulo antinatural em outras (MILL, 2017[1869], p. 232, tradução de Paulo Geiger).

Segundo o economista político inglês, as mulheres eram educadas para o autossacrifício, de modo que esta socialização atrapalharia uma teorização científica sobre a mulher. Além disso, as leis injustas e as instituições, segundo o autor, eram conservadas para a dominação masculina. Mill reiterou que a história das mulheres deveria ser contada por elas próprias e o estudo dos homens sobre a causa feminina era “[...] miseravelmente imperfeito e superficial [...]” (MILL, 2017[1869], p. 237) e isso não seria superado “[...] até que as próprias mulheres contem sobre elas mesmas tudo que têm para contar [...]” (MILL, 2017[1869], p. 237).

Ao contrário de Mill, o grupo de Langham evitou essas discussões científicas de natureza humana, pois focaram na realidade que observavam⁸¹, como esclarecem nesta passagem do *English Woman's Journal (EWJ)*:

[...] mais de dois milhões de mulheres na Inglaterra não têm meios de subsistência, exceto o que podem ganhar com seu próprio trabalho; a necessidade não lhes deixa alternativa a não ser procurar um emprego até então exercido apenas por homens, ou morrer de fome [...]⁸² (JT, 1864, p. 145).

Essa preocupação com a prática era mais importante para o grupo do que uma discussão filosófica no campo das ideias, pois almejava-se a ação. Ademais, provavelmente as integrantes do grupo de Langham não possuíam a formação acadêmica⁸³ necessária para analisar esse assunto em profundidade, e se concentraram nas mudanças que estavam ao seu alcance. O Coletivo aspirava agir por um caminho experimental em detrimento da teoria, suas integrantes não propuseram e nem almejavam desenvolver uma Teoria Geral do Emprego das

⁸¹ A postura de focar em questões práticas é também uma concepção da natureza humana, que é moldada a partir do drama individual e das circunstâncias. Para analisar mais sobre este assunto, consultar o ensaio “História como Sistema” de Ortega y Gasset.

⁸² No original: “[...] upwards of two millions of women in England have no means of subsistence, except what they can earn by their own labour, but the necessity which leaves them no alternative but to seek employment hitherto carried on by men alone, or to starve [...]”.

⁸³ As mulheres inglesas nessa época não tinham acesso à universidade. Deste modo, o acesso à produção acadêmica de filosofia e economia era deveras limitado para o sexo feminino.

Mulheres, mas aconselharam e incentivaram profissões que poderiam ser adequadas para elas, testando quais ofícios poderiam se consolidar como profissões femininas.

Essa característica do grupo é afirmada na passagem, a seguir, de um artigo do periódico *English Woman's Journal (EWJ)*, ratificando o objetivo principal da promoção do trabalho para as mulheres:

Nós não propomos meras teorias; – nós observamos, relatamos, discutimos experimentos que estão sendo feitos pela sociedade sob nossos olhos e dos nossos leitores. Para interpretar o que vemos, sistematizar o que parece vago e sem forma, e para criar um ponto de convergência para que os homens e as mulheres que se preocupam em ajudar a situação das mulheres, e por meio desse auxílio, melhorar a humanidade como um todo – é isso que aspiramos fazer; e nenhuma questão está mais próxima das raízes do bem e do mal sociais do que aquela envolvida na adoção da vida profissional pelas mulheres⁸⁴ (ON..., 1858, p. 10).

Matthews (1983) aprofunda essa análise a partir do pensamento de Barbara Bodichon e chega à conclusão de que a teoria por si poderia ser um impeditivo para a mudança social, pois estava “alojada em vastos tomos de prosa autoritária e muitas vezes pomposa”⁸⁵ (MATTHEWS, 1983, p. 94). Portanto, o espaço para a criação de outras perspectivas deveria estar além das amarras teóricas. A posição pragmática do Grupo foi um meio de resistência à intelectualidade de orientação masculina (*male-oriented*); seria muito difícil competir com os intelectuais que tinham uma educação geralmente melhor que a das mulheres. Chegaram, portanto, à conclusão de que deveriam tomar a ação como eixo principal:

O tempo para teoria já passou; o que quer que se *pense*, algo deve ser *feito*, e com o objetivo de ajudar na prática aquelas que estão agora se qualificando para novos empregos ou pretendem fazê-lo⁸⁶ (JT, 1864, p. 146, grifo do autor).

Parkes (1866) reforçou o lado prático do grupo de Langham, alegando que suas ideias sobre a condição das mulheres não eram oriundas de reflexões abstratas sobre a natureza do sexo feminino, mas do contato com mulheres reais de Birmingham, Nottingham, Edimburgo, Dublin, Leicester, Hastings e Glasgow. Assim, vemos que a base informacional para a ação e

⁸⁴ No original: “We do not propound mere theories; - we watch, report, discuss experiments which are being worked out by society under our eyes and those of our readers. To interpret what we see, to give system to what seems vague and formless, and to create a rallying point for the men, and women who care to help womanhood, and, through womanhood, humanity at large – this is what we aspire to do; and no question lies nearer to the roots of social good and evil than that involved in the adoption of professional life by women”.

⁸⁵ No original: “housed in vast tomes of authoritative and often turgid prose”.

⁸⁶ No original: “The time for theory has gone by; whatever may be *thought*, something must be *done*, and with a view of practically aiding those who are now qualifying themselves for new employments or are intending to do so”.

formação intelectual de Langham foram relatos, conversas e contato direto com as mulheres e com suas angústias, necessidades e pensamentos.

Dessa forma, os textos produzidos pelas integrantes desse Grupo não se limitavam à teoria econômica ou a princípios abstratos. Suas discussões sobre assuntos de natureza econômica eram principalmente informadas pela vivência das mulheres e tinham frequentemente como referência situações cotidianas. Elas aplicavam a Economia quando era necessário e tiravam seu revestimento dogmático para fazerem um uso pragmático desse conhecimento. Parkes, por exemplo, afirmou em um artigo do *English Woman's Journal* (EWJ) ter recebido centenas de cartas de mulheres, as quais pediam instruções para conseguir obter uma colocação no mercado de trabalho. (PARKES, 1860).

Compreendemos que o grupo de Langham utilizava e atuava em Economia Política com uma metodologia própria, focada em resolver problemas das mulheres. Nesse sentido, podemos caracterizar as integrantes do Coletivo como economistas encanadoras, utilizando a nomenclatura de Duflo (2017), ou mesmo como economistas engenheiras, como as apelidou Mankiw (2006). É interessante que as integrantes do grupo de Langham romperam com um modo de intelectualidade androcêntrico, que não valorizava o trabalho feminino por meio da construção metodológica da Economia Política ao modo langhamiano, voltada à prática, notamos que essas ativistas podem ser consideradas precursoras da Economia Feminista, pois já haviam percebido uma das principais críticas desse campo teórico, de que a estrutura da Ciência Econômica estaria viesada para os interesses dos homens (FERNANDEZ, 2018).

Assim, nota-se que o grupo de Langham adotou a Economia Política para reforçar sua atividade na sociedade: promover o emprego das mulheres, melhorar a educação dada a elas e mudar a opinião pública sobre a causa feminina. Podemos observar também que apesar das diferenças entre o papel que a Economia Política tinha para Mill e para esse grupo de mulheres de Langham, ambos se assemelhavam por ansiar mudanças na sociedade e por um desejo de liberdade ao sexo feminino.

Outro aspecto relevante é que, embora a Economia Política fosse inegavelmente importante para o grupo de Langham, ela não era a única ferramenta utilizada na análise do grupo sobre questões sociais. A religião, a moralidade, a felicidade, dentre outros valores também eram considerados importantes para o Coletivo, e Mill também teve influência nas críticas às limitações da Economia Política. Parkes (1860) escreveu que o economista inglês “[...] ocasionalmente utiliza das intuições morais do coração humano de uma maneira que o

expõe à censura daqueles que querem puxar conclusões intelectuais aos limites mais distantes”⁸⁷ (PARKES, 1860, p. 171).

É importante destacar que a crítica à Economia Política Clássica do século XIX era tão popular quanto esse ramo de estudos; essa ciência, considerada lúgubre, desumana e generalizadora, foi amplamente contestada por intelectuais oitocentistas, como por exemplo Thomas Carlyle (BOLDIZZONI, 2019). Isso significa que as críticas do grupo não eram necessariamente originais.

A percepção de que a pauta econômica era importante para as mulheres foi captada pelo grupo não só devido à influência da Economia Política, mas também da própria observação da realidade. As integrantes de Langham notaram que estavam numa época propícia ao desenvolvimento de um plano vital feminino relacionado ao trabalho, devido aos avanços tecnológicos, que as deixavam com mais tempo livre, uma vez que o progresso econômico oitocentista viabilizou para as mulheres de classe média contratarem empregadas domésticas (ON..., 1858). Podemos argumentar, então, que o desenvolvimento da Revolução Industrial, que propiciou máquinas e uma divisão de trabalho mais ampla na sociedade, permitiu que as mulheres tivessem mais tempo livre (SANDERS, 2004), o qual poderia naturalmente ser completado com algum tipo de trabalho.

A Economia surgiu, então, como aliada por ser um meio de se refletir sobre a sociedade de uma maneira autônoma em relação aos papéis de gênero em comparação a outras áreas do conhecimento, como a Biologia: fala-se de trabalhadores e salários de maneira geral. Conjuntamente a esse ramo de estudos, a própria religião, em especial o protestantismo, contribuiu no campo das ideias para o “evangelho do trabalho”, isto é, a ideia de que a dedicação da humanidade a atividades produtivas era um valor relevante para a sociedade (WORZALA, 1974).

O ideal do trabalho foi essencial para a sociedade vitoriana, assim como o combate à preguiça (HOUGHTON, 2014[1957]), pois sob o ponto de vista religioso representava um sinal de predestinação ao bem (WEBER, 2002[1904]), e sob a perspectiva econômica representava uma adaptação à sociedade comercial. Carlyle (1918[1843]) e Ruskin (1883) foram alguns dos principais intelectuais que influenciaram o ideal de trabalho vitoriano. Eles consideravam o trabalho como um mecanismo de aperfeiçoamento do homem e, segundo Carlyle, o serviço proporcionava habilidades de poder, precisão e era bom para a mente. Carlyle também afirmava que a produção era uma condição necessária para o bem-estar do

⁸⁷ No original: “[...] he occasionally retreats upon the moral intuitions of the human heart in a way that exposes him to censure from those who are willing to push intellectual conclusions to their farthest limits”.

homem: “Mais antigo do que todos os Evangelhos pregados era este Evangelho não pregado, inarticulado, mas inerradicável e eterno: Trabalhe, e nele tenha bem-estar” (CARLYLE, 1918[1843]), p. 425)⁸⁸.

Segundo Harriet Martineau (1877), Carlyle foi importante para retirar o pessimismo de Byron⁸⁹ e trazer ao povo inglês o ideal do trabalho, da coragem e da diligência. Segundo Dupré (1996), o trabalho no século XIX representava a fonte de todo valor na sociedade e possuía um sentido que transcendia a ideia de salário para se formar consumidores. O trabalho por si só servia para edificar e moldar virtudes no ser humano.

Nota-se que as integrantes de Langham compartilhavam da ideia do “evangelho do trabalho”; a epígrafe do texto “*Women and Work*”, de Bodichon, é um poema de Elizabeth Browning, cujos versos refletem essa ideologia em prol do trabalho: “O homem honesto e sério deve se levantar e trabalhar; A mulher também; caso contrário, ela cai”⁹⁰ (BROWNING, 2013, p. 2666). Esse tema foi retomado constantemente no artigo de Bodichon, inclusive sobre a importância do trabalho para combater problemas de saúde mental das mulheres, na época denominados de histeria.

Não só a estima vitoriana pelo trabalho influenciou o pensamento feminista de Langham, pois segundo Simon-Martin (2012), a formação engajada de Parkes e Bodichon também foi fruto de suas discussões epistolares sobre a obra *Princípios da Economia Política* de Mill. Para entendermos essa formação, uma questão que se origina é de que maneira essas integrantes do grupo de Langham aprenderam Economia Política no século XIX, visto que na época elas não tinham acesso à universidade⁹¹. Bodichon não teve uma aprendizagem autodidata nesse tópico; foi tutorada por Philip Kingsford, o qual influenciou sua maneira de perceber a Economia, uma vez que ele enquadrava essa ciência como parte do estudo de “*Esosopic Politics*”, denominação de Bentham para 3 ramos de estudo: Legislação, Jurisprudência e Economia Política. Esta vinculação com o Direito influenciou a primeira publicação da autora e o interesse inicial do grupo de Langham por estudar a leis da propriedade privada de mulheres casadas.

Parkes, por sua vez, foi influenciada pelo pai a ler a obra de Mill, e essas fundadoras de Langham trocavam seus resumos da obra entre si, cultivando uma interação intelectual que

⁸⁸ No original: “Older than all preached Gospels was this unpreached, inarticulate, but ineradicable, forever-enduring Gospel: Work, and therein have wellbeing”.

⁸⁹ Byron (1788-1824) foi um escritor inglês de grande destaque.

⁹⁰ No original: “The honest, earnest man must stand and work; The women also; otherwise she drops”.

⁹¹ Em meados do século XIX, não havia um curso específico para Economia Política, mas esse conteúdo era ministrado nas universidades. Para saber mais sobre o assunto, consultar o “*Report of her majesty's commissioners appointed to inquire into the progress and condition of the Queen's Colleges*” de 1858.

perduraria por anos (RENDALL, 1989; SIMON-MARTIN, 2012). O grupo de Langham foi uma extensão dessa intelectualidade compartilhada por mulheres, essencial em uma época que a opinião pública menosprezava a capacidade intelectual do segundo sexo, como por exemplo no periódico *Saturday Review*, onde foi afirmado que: “[...] a constituição física das mulheres as incapacita quase totalmente a um intenso esforço mental contínuo”⁹² (MR...., 1859, p. 78).

Esta desvalorização da intelectualidade feminina não se deu apenas no século XIX, mas esteve presente em autores clássicos da cultura Ocidental, até mesmo entre clássicos gregos, como Platão, e também Rousseau, que escreveu na sua principal obra sobre educação que: “A busca por verdades abstratas e especulativas, por princípios e axiomas na ciência, por tudo que tende à ampla generalização, está além do alcance de uma mulher; seus estudos devem ser totalmente práticos”⁹³ (ROUSEAU, 2004[1762], p. 1038). A diferença discursiva do século XIX sobre o tema da intelectualidade feminina é que este passou a ter o *status* de teoria científica a partir de concepções biológicas. O Grupo, indo de encontro a essas percepções da intelectualidade das mulheres, incentivava a a atividade intelectual feminina. Afirmaram em um artigo do *English Woman’s Journal (EWJ)* que há “[...] um vigor latente que existe no intelecto das mulheres, pronto para fluir em quaisquer canais [...]”⁹⁴ (ON...., 1858, p. 4).

No resumo que Bodichon realizou dos *Princípios* de Mill, a autora revelou sentir falta de uma discussão detalhada sobre o contrato de casamento e as leis específicas às mulheres, as quais impunham restrições econômicas prejudiciais ao segundo sexo⁹⁵:

Eu não posso criticar o livro, mas há algo em que posso encontrar falhas ou, antes, lamentar. [...], Eu quero dizer que Mill tocando tantas vezes em questões não resolvidas da maior importância, [...], não se afastou da Economia Política [...]. O contrato de casamento a que ele apenas citou é um, as leis relativas às mulheres são outras e existem muitos mais⁹⁶ (BODICHON, 1849, p. 1, GCPP Bodichon 4/2).

A partir dessa lacuna de Mill, a autora se debruçou sobre o assunto e escreveu o ensaio “*Um Breve Resumo, em Linguagem Simples, das Mais Importantes Leis da Inglaterra*

⁹² No original: “[...] the physical constitution of women almost entirely unfits them for severe continuous mental effort”.

⁹³ No original: “The search for abstract and speculative truths, for principles and axioms in science, for all that tends to wide generalisation, is beyond a woman's grasp; their studies should be thoroughly practical”.

⁹⁴ No original: “[...] a latent vigor there is in the intellect of women, ready to flow forth into any channels [...]”.

⁹⁵ Mill falou extensamente sobre as leis injustas do casamento no ensaio “*A sujeição das mulheres*” (MILL, 2017[1869]), que foi publicado depois da obra de Bodichon.

⁹⁶ No original: “I cannot criticize the book, yet there is something with which I can find fault or rather regret. [...] I mean that Mill touching so after on unsettled questions of the greatest importance, [...], has not gone away from Pol. Ec. [...] The Contract of Marriage which he just alludes is one, the Laws concerning women is another and there are many more.”.

sobre a Mulher”⁹⁷ (BODICHON, 1854), para abordar de maneira objetiva e contundente os aspectos jurídicos que limitavam as possibilidades econômicas das mulheres.

Segundo Bertaux (1997), Bodichon se destacou diante de outras mulheres oitocentistas que escreveram sobre Economia – tais como Marcet⁹⁸, que escrevia conteúdos dos economistas de maneira simplificada e resumida – por explorar suas próprias análises; tendo, então, originalidade em seus escritos. Ela buscava, através de seu trabalho intelectual, obter uma voz política e mudar a sociedade, participando da democracia de maneira indireta para representar sobretudo as mulheres. Podemos observar também que, como mencionamos em sua biografia, a sua boa condição financeira permitiu que tivesse metaforicamente o *teto todo seu* woolfiano⁹⁹, tendo liberdade para escrever suas ideias.

Para Parkes, por sua vez, Mill foi importante para a formação de uma visão mais geral sobre a sociedade; em uma carta endereçada a Blackwell, escreveu que algumas passagens de Mill “[...] influenciaram vitalmente sua percepção sobre as relações humanas” (PARKES, 1854, GCPP Parkes 9/7). Boucherett também teve contato com a Economia Política e a estudou desde sua infância, como comentamos em sua biografia. Segundo Jordan e Bridger (2006), a base filosófica de Boucherett, fundada em ideias liberais e a favor do emprego de mulheres, foi resultado da interpretação que ela teve das obras de Economia Política.

As integrantes de Langham também se inspiraram em mulheres que escreveram sobre Economia Política. Harriet Martineau¹⁰⁰ foi um grande exemplo para Parkes:

Ela foi a primeira, ela ajudou por meio de seu exemplo para todas as outras. Há vinte anos, era algo muito corajoso ter uma mulher escrevendo sobre Economia Política (PARKES *apud* SIMON-MARTIN, 2012, p. 143)¹⁰¹.

Outra influência para essas fundadoras foi a obra de Anna Jamenson, pois a autora idealizou a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) antes de sua existência, e escreveu que seria ideal uma instituição onde as mulheres pudessem aprender profissões (JAMESON, 1859). Ela reforçava a importância do experimento, para que a

⁹⁷ No original: *A Brief Summary, in Plain Language, of the Most Important Laws of England concerning Women.*

⁹⁸ Jane Marcet (1769-1858) foi uma escritora inglesa cujas principais obras foram de divulgação científica, tais como *“Conversations on Chemistry (1805)”* e *“Conversations on Political Economy” (1816)*.

⁹⁹ Referência à obra *“Um teto todo seu”* (no original, *A Room of One’s Own*). Neste ensaio, a autora mostra a importância da privacidade e da condição econômica para se ter a liberdade necessária para a escrita.

¹⁰⁰ Martineau (1802-1876) foi uma escritora e socióloga inglesa. Teve escritos em Economia baseados nas leituras de James Mill, Malthus e Adam Smith, embora não fosse considerada economista (SPENDER; GAZE, 1982).

¹⁰¹ No original: *“She was the first, she has helped on by her example all the others. Twenty years ago, it’s a world thing of woman to write on political economy”*.

sociedade não se movesse a partir de concepções preconcebidas das capacidades das mulheres, de maneira que era importante instruí-las para o trabalho. E nesse processo, os ajustes para adequar suas naturezas aconteceria naturalmente, ou seja, a prática do trabalho feminino indicaria por si só quais áreas que as mulheres deveriam priorizar, e não havia como antecipar, por meio de estereótipos relacionados às mulheres, quais ofícios seriam realizados por elas. Além de tudo, ela recebia integrantes do grupo de Langham em sua casa, onde discutiram alguns dos problemas que as mulheres enfrentavam (JORDAN; BRIDGER, 2006).

Logo, a Economia Política e o Evangelho do Trabalho proporcionaram a base intelectual para o grupo de Langham construir suas primeiras pautas e se conscientizarem de sua posição na sociedade. É interessante que a ciência lúgubre, mesmo com a crítica usual de não ser humanizada, tenha sido aliada de um movimento social e parte de uma mudança que caracteriza o Ocidente: a progressiva inclusão das mulheres no mercado de trabalho.

3.2 A Economia Política como mecanismo de retórica e convencimento

O caminho a ser percorrido pelo grupo de Langham era complicado, pois, como vimos, um homem inglês mediano adepto dos valores vitorianos não era simpático a mudanças rápidas na sociedade, em especial nos direitos das mulheres. O costume, a religião e a tranquilidade de seguir o mundo em uma ordem pré-estabelecida lhe bastavam. Os homens detinham o poder político, mantinham as sociedades acadêmicas e ocupavam a maioria das profissões (HOUGHTON, 2014[1957]). E era sobretudo para esse público que o grupo de Langham precisava justificar suas iniciativas em prol de mais liberdade e amparo para as mulheres inglesas.

As autoras buscaram aliados para embasar suas ações; citaram, por exemplo, Howson, professor de Economia da Universidade de Dublin, que utilizava a analogia de que empregar homens em uma atividade adequada para as mulheres era como utilizar uma máquina de potência de 50 cavalos-vapor ao invés de uma de 40 cavalos-vapor para atividades que exigiam menor intensidade. Boucherett (1864) o cita para reforçar a importância do trabalho feminino, pois haveria um desperdício de recursos caso as mulheres não trabalhassem. Elas sintetizaram esta ideia, a qual é uma aplicação da lei de Say, na seguinte passagem de um artigo do *English Woman's Journal* (EWJ):

Toda adição de meios de trabalho para os recursos da sociedade – todo ato nosso, em que nós mudamos um material comparativamente sem valor para uma mercadoria útil, acrescenta muito à riqueza do mundo. Este simples fato está na raiz de toda a Economia Política, e é a fonte da riqueza das nações¹⁰² (WOOL..., p. 145, 1863).

A Economia Política foi também utilizada na resposta dada às críticas do periódico conservador *Saturday Review*, que se opunha à ideia de ampliar as oportunidades das mulheres no mercado de trabalho. Segundo o periódico conservador, as mulheres já estavam presentes no mercado de trabalho e o aumento do ingresso das mulheres no trabalho diminuiria os salários e desviaria as mulheres de sua função primordial que era de dona de casa. Acusaram, inclusive, as integrantes do grupo de desconhecem Economia Política, conforme podemos verificar nas passagens a seguir:

As mulheres que podem trabalhar, trabalham e são pagas por seu trabalho. O que mais as reformadoras querem? Ao que parece, elas querem que todas as mulheres gostem de si mesmas – *working bees*. Mas qual seria o resultado? Certamente uma redução muito grande dos salários.

[...] emprego lucrativo é uma quantidade fixa que deixará de ser lucrativa se for dividida entre setenta e cinco por cento dos trabalhadores adicionais. Entre todos os seus estudos, a Economia Política ainda não se apresentou às senhoras reformistas.

É simplesmente uma falácia dizer que o trabalho é homogêneo para ambos os sexos. A principal função da mulher é administrar sua casa, criar os filhos e cuidar das tarefas domésticas. Esta é a sua vocação e trabalho – o fim da vida de uma mulher é o estado de casada (THE ENGLISH..., 1858, p. 369 - 370.).¹⁰³

O argumento utilizado pelo periódico era que a Inglaterra já possuía várias mulheres trabalhando como costureiras, professoras e governantas, e que uma vez que os fundos destinados ao salário¹⁰⁴ eram fixos devido às leis econômicas, caso as mulheres migrassem para o mercado de trabalho, haveria uma diminuição no nível salarial geral da sociedade.

¹⁰² No original: “Every addition by means of labour to the resources of society- every act of ours, by which we change a comparatively valueless material into a useful commodity, adds so much to the riches of the world. This simple fact lies at the root of all political Economy, and is the source of the wealth of nations”.

¹⁰³ No original: “Women who can work do work, and get paid for their work. What more do reformers want? As it seems, they want to make all women like themselves - working bees. But what would be the result? Certainly a very great lowering of wages and salaries.”/ “[...] profitable employment is a fixed quantity which will cease to be profitable if divided among seventy-five per cent of additional labourers. Among all their studies, political economy has not yet presented itself to the reforming ladies.”/ “It is simply a fallacy that work is homogeneous for both sexes. The woman`s ultimate function is to manage her home, to bring up children, and to attend to household duties. This is her calling and work - the end of a woman`s life is the married state.”

¹⁰⁴ Teoria clássica da Economia Política de que os salários são provenientes do fundo de salários, que por sua vez depende da população e da acumulação de capital. Ver mais em Blyth C.A. (1987) Wage Fund Doctrine. In: Palgrave Macmillan (eds) The New Palgrave Dictionary of Economics.

Como resposta a essas críticas, as autoras começaram criticando a pressuposta ignorância das mulheres sobre a Economia Política e citam os nomes de Marcet e Martineau, grandes referências de mulheres estudiosas de Economia Política, para refutar a ideia de que a Economia não era um campo conhecido pelas mulheres. E seguem comentando a crítica de que a inserção das mulheres no mercado de trabalho diminuiria o salário, afirmando que essa diminuição de salário não necessariamente iria acontecer, e mesmo se acontecesse, não implicaria em diminuição do bem-estar social total, pois se o bem-estar do trabalhador diminuiria, o da trabalhadora aumentaria. Quanto a questão de que as mulheres deveriam ser moldadas para o casamento e as tarefas domésticas, as autoras afirmam:

Pode ser verdade que uma proporção grande de mulheres é necessária para a vida doméstica: mas nós somos economistas políticas boas demais para desejar, como nosso crítico, e decidir de antemão que o mundo precisa de apenas um tipo de trabalhadora (THE 'SATURDAY REVIEW'...,1858, p. 204).

Podemos notar que as autoras não negam os valores vitorianos, reafirmando que as mulheres poderiam ser mais requeridas para a vida doméstica. No entanto, a Economia Política se fez presente para negar a ideia de que as mulheres não poderiam ser trabalhadoras. Não havia nada nesta ciência que proibia o ecletismo de trabalhadores.

Ademais, problematizam a ideia veiculada no *Saturday Review* de que o emprego feminino não seria um problema social, pois as mulheres já estavam sendo empregadas. O problema do emprego feminino, segundo o grupo de Langham, era também sua baixa remuneração. Por fim, as autoras dão uma lição de Economia Política ao periódico conservador e explicam que há “[...] costume e outras influências perturbadoras entre as leis dessa ciência [da Economia Política]”¹⁰⁵ (THE 'SATURDAY REVIEW'...,1858, 203), por isso nem sempre as pessoas optam pelo produto que for mais barato ou de melhor qualidade, e exemplificam essa afirmação citando que hindus não escolheriam o melhor trabalhador dependendo de sua casta, assim como banqueiros não escolheriam o melhor contador se este fosse uma mulher e concluem:

[...] o hábito ou preconceito dos empregadores ou de seus clientes, e algum grau de culpa da resignação das mulheres, são as verdadeiras únicas razões pelas quais as mulheres são universalmente excluídas de muitas ocupações; e embora estejamos convencidas que uma mudança está acontecendo, ela é muito lenta para aqueles que realmente se preocupam com o bem-estar das mulheres [...] Pedimos apenas para derrubar as barreiras, para que as mulheres sejam livres para escolher seu próprio modo de vida – ganhar, viver de forma independente e se casar ou não se casar,

¹⁰⁵ No original: “custom, and other disturbing influences among the laws of that science”.

conforme o que elas considerem bom ou prudente. Pedimos um campo de trabalho mais amplo [...]”¹⁰⁶ (THE ‘SATURDAY REVIEW’...,1858, p. 203-204)

Com frequência as mulheres do grupo de Langham comparam a incorporação da mão de obra feminina no mercado trabalho com a mecanização: a curto-prazo, poderia diminuir o bem-estar, mas a longo-prazo teria um saldo positivo e duradouro na sociedade (JT, 1864).

Outro ponto fundamental para o grupo de Langham, no que se refere à questão do emprego das mulheres, era que elas eram “[...] forçadas a se enquadrar em uma profissão superlotada e possivelmente detestável, em que teriam que gastar suas vidas trabalhando por baixos salários”¹⁰⁷ (PARKES, 1866, p. 218). Este raciocínio é um subproduto da análise econômica do conceito de competição, mecanismo de ajuste salarial que pressiona os rendimentos para valores que equilibram a oferta e a demanda dos mercados.

O jornal *Saturday Review*, valendo-se de argumentos econômicos, criticou essa percepção langhaniana da concorrência diminuindo o estipêndio, afirmando que “As governantas ganham pouco, porque seu serviço não vale nada. Isso é uma mera questão de Economia Política”¹⁰⁸ (QUEEN..., 1859, p. 575); e considerava uma falácia econômica de Parkes o argumento de que aumentando a diversidade de trabalhos para mulheres, os salários seriam maiores, pois, segundo o periódico, a qualidade dos serviços é que levaria a uma diferença na remuneração das profissionais. É interessante notar que essas visões antagônicas fazem sentido do ponto de vista econômico: a de Langham, focando na oferta de trabalho saturada das mulheres em profissões específicas, o que leva tendencialmente a diminuir seu salário; e a do periódico conservador, que reforça o mecanismo econômico da diferenciação do produto na alteração da determinação de seu valor. Essas discussões exemplificam que as questões econômicas são interpretadas de maneira distinta de acordo com a ideologia utilizada.

Outro uso da Economia Política pelo grupo foi para justificar o apoio financeiro que os pais precisavam conceder às filhas. Segundo Parkes (1859), as mulheres necessitavam de dois elementos para serem bem-sucedidas em seus empreendimentos: capital inicial e a

¹⁰⁶ No original: “[...] the habit or prejudice of employers or of their customers, and some degree of culpable resignation in women themselves, are the true the only reasons why women are universally excluded from many occupations; and although we are convinced that a change is at work, it cannot appear other than too slow to those who are really anxious for women's welfare. [...] We ask but to throw down the barriers, so that women may be free to choose their own way of life—to earn, their living independently, and to marry or not to marry, as they may deem it well or prudent. We ask for a wider field of employment”.

¹⁰⁷ No original: “[...] forced into one overcrowded and perhaps distasteful profession, in which they spend their lives working for small salaries”.

¹⁰⁸ No original: “Governess get little, because the wares they sell are worthless. This is a mere matter of political Economy”.

capacidade de suportar as críticas da sociedade, presentes àquelas que fossem fazer qualquer ofício fora do que era tido como adequado às mulheres de classe média. Este elemento era estritamente pessoal, porém aquele dependia do apoio dos pais, os quais frequentemente concediam capital apenas aos filhos homens e deixavam as mulheres sem amparo financeiro. Parkes (1859) escreveu que todos os economistas políticos consideravam a lei social de que o pai deveria conceder os meios para que os filhos pudessem ser autossuficientes posteriormente.

As autoras também utilizaram a Economia para justificar que as mulheres poderiam ter menores salários que os homens, citando Adam Smith (1999[1776]), pois segundo esse economista era “suficiente que a mulher ganhasse o necessário para mantê-la sozinha” (SMITH, 1999[1776], p. 179, tradução de Teodora Cardoso e Luís Cristóvão de Aguiar), ou seja, não era necessário um estipêndio que sustentasse toda a família, como era o caso para os maridos. Isso era um argumento a favor da empregabilidade das mulheres, pois poderiam representar custos menores às empresas, portanto um argumento pragmático, para convencer a sociedade dominada por homens de que valia a pena empregar mulheres. Worzala (1974) reforçou essa ideia ao argumentar que a pauta do Grupo não era sobre *equal pay, equal work* (mesmo pagamento, mesmo trabalho), mas simplesmente trabalho.

As autoras de Langham utilizavam em suas análises elementos que usualmente não eram considerados por economistas no estudo do mercado de trabalho, como, por exemplo, a preocupação das autoras oitocentistas com possíveis maus-tratos que as mulheres poderiam receber no mercado de trabalho. Esta era uma angústia de muitos pais, os quais tinham receio de deixar suas filhas sofrerem as injunções do mundo do labor.

As autoras incentivaram supervisoras mulheres nas profissões, e imaginaram um ambiente de trabalho mais seguro para o sexo feminino, composto de cooperativas nas quais apenas mulheres trabalhassem. Esta sugestão de se formar cooperativas foi influenciada por Mill, que considerava que “A característica peculiar, em resumo, dos seres civilizados, é a capacidade de cooperação”¹⁰⁹ (MILL, 2004[1865], p. 180). Para Rendall (1987), a cooperativa simbolizava a união da Economia Política com o lado missionário e filantrópico das mulheres inglesas.

Parkes (1859) aconselhava que as mulheres fossem treinadas por senhoras mais velhas ou que trabalhassem em grupos, como forma de buscar a sua segurança. As autoras não falavam diretamente de assédio ou de alguma forma de violência masculina, mas nas

¹⁰⁹ No original: “The peculiar characteristic, in short, of civilized beings, is the capacity of co-operation”.

entrelinhas podemos notar esta preocupação com a segurança e o bem-estar da mulher no mercado de trabalho. De fato, Bodichon (2013[1857]) em seu artigo “*Woman and Work*” citou o artigo de Jameson “*Communion of Labour*” (1856), em que a autora escreveu sobre a necessidade de supervisoras nas casas de trabalho: “[...] necessitamos de uma *supervisão moral apropriada*. Não falo disso no sentido mais grosseiro; ainda que mesmo *nesse* sentido, tomei conhecimento de coisas sobre as quais dificilmente poderia falar”¹¹⁰ (JAMENSON, 1856, p. 59, tradução nossa, *grifo no original*).

Essas reflexões motivaram a sugestão de Parkes para que as mulheres realizassem um empreendimento com 20 trabalhadoras para ser um experimento de cooperativa feminina:

Se vinte mulheres em qualquer cidade fizessem uma associação [...], elas poderiam abrir uma papelaria na qual [...] poderiam garantir o lucro após empregar uma senhora como gerente e se o negócio prosperasse, funcionárias seriam contratadas também¹¹¹ (PARKES, 1859, p. 182, tradução nossa).

Notamos, portanto, um uso da Economia Política como mecanismo argumentativo para ser sustentáculo de medidas diretas de intervenção social: capital inicial para as jovens mulheres, cooperativas femininas e trabalho para as mulheres. A ciência lúgubre foi utilizada, então, para promover as pautas do grupo de Langham – em especial como apoio intelectual para o emprego de mulheres. Observamos, porém, que esta ciência também foi criticada em alguns textos, os quais buscaram colocar limites para o uso desse ramo de estudo.

3.3 Os limites da Economia Política para o grupo de Langham: religião, moralidade, sentimentos e felicidade

Além de utilizar a Economia Política, as integrantes de Langham também foram capazes de criticar e censurar esta ciência, recorrendo à moral vitoriana. Elas argumentavam contra a ideia associada à Economia Política de mercantilização de todas as esferas da vida. Para o grupo de Langham, estava claro que o aspecto econômico não era o único determinante do bem-estar humano e que a Economia Política não poderia explicar a realidade inglesa da época em sua totalidade. Por exemplo, pelas leis da Economia Política, em um contexto em

¹¹⁰ No original: “[...] the want of a *proper moral supervision*. I do not say this in the grossest sense; though even in *that* sense, I have known of things I could hardly speak of”.

¹¹¹ No original: “If twenty ladies in any town would club together [...], they might open a stationery shop in which [...] they might secure a profit after employing a lady as manager, and if the business increased, female clerks also”.

que as mulheres tinham salários menores do que os homens, essa mão de obra feminina teria mais empregos – no entanto, não era isso o que acontecia.

A religião, a felicidade e o conforto eram elementos importantes para as integrantes de Langham, as quais tinham seus ideais voltados para a vida cotidiana, dentre os quais os sentimentos e a religião eram fundamentais. Esta ideia mais abrangente da Economia Política teria sido inspirada, como vimos, por Mill. Para Parkes, o autor seria um exemplo de intelectual que combinou questões humanas e econômicas. Nos seus *Princípios de Economia*, por exemplo, ao abordar a questão dos salários, ele não considera apenas a questão pecuniária, mas também o custo psicológico de se mudar entre países, de obter hábitos novos ou mesmo de mudar de ocupação (PARKES, 1861).

Adotar uma visão abrangente e humana da Economia era necessário para as discussões de Langham, pois logo perceberam que a mudança da inserção da mulher na sociedade também envolvia alguns custos. Parkes identificou pontos negativos na incorporação das mulheres no mercado de trabalho, em especial as trabalhadoras que deveriam se comprometer com cuidados domésticos além dos trabalhos externos. Alguns desses problemas foram descritos como “desconforto, pressa e refeições mal preparadas”¹¹² (PARKES, 1860, p. 173).

Logo, para a autora, nem sempre haveria um ganho quando a mulher fosse trabalhar, uma vez que o incremento de sua renda também poderia levar a perdas morais ou sentimentais da casa. Essa visão estava em sintonia com o que Mill escreveu sobre essa questão em seu *Subjection of Women* (1869). Para mulheres casadas e com filhos pequenos, o trabalho poderia, de fato, ser prejudicial, no entanto a situação seria diferente para mulheres sem filhos ou com filhos crescidos.

Esta questão, todavia, não foi tratada de forma homogênea pelas componentes do Grupo. Bodichon em seu artigo “*Women and Work*” (BODICHON, 2013[1857]) escreveu que as mulheres desejam trabalhar “[...] *por todos os motivos que os homens trabalham* [...]” (BODICHON, 2013[1857], p. 14, *grifo no original*). Considerava, ainda, que permitir que trabalhassem seria importante também em termos religiosos, pois as mulheres também eram “ferramentas de Deus” e precisavam, portanto, servir à comunidade com o seu trabalho. Boucherett (1863) tinha uma visão semelhante à de Bodichon. Segundo a autora, a atividade laboral proporcionava geralmente felicidade, e isso era importante. Nesse sentido, ela afirma: “[...] aqueles que possuem uma vida de ação são usualmente mais felizes que aqueles que são

¹¹² No original: “discomfort, hurry, and ill-prepared meals”.

condenados à ociosidade”¹¹³ (BOUCHERETT, 1863, p. 3). Nos textos de Bodichon e Boucherett, há mais exaltação do trabalho feminino, e pouco discutem sobre os possíveis efeitos negativos dele para a sociedade. Em contrapartida, Parkes escreve com cautela, ponderando também o que havia de negativo na progressiva inserção da mulher no mercado de trabalho.

Parkes (1863), como mencionado, reconhecia o valor e a utilidade do conhecimento econômico para o cotidiano, uma vez que este estaria presente nas “[...] questões de caridade, educação, diminuição da pobreza, emigração e ocupação para todas as classes”¹¹⁴ (PARKES, 1863, p. 74). Todavia, a autora percebeu que considerar exclusivamente o conhecimento da Economia Política seria incoerente com os valores ocidentais de amor e família; os sentimentos humanos também eram de suma importância (PARKES, 1863).

As integrantes do grupo de Langham se identificavam com ideais humanitários de bem-estar e felicidade, e queriam usar o conhecimento fornecido pela Economia Política, mas sem fugir de questões de cunho moral. Partindo da reflexão sobre as questões morais, como seria possível justificar a partir da Economia Política a criação de filhos, estes seres improdutivos e frágeis? Como poderiam contestar a escravidão, apesar de proporcionar produtos tão baratos?

Nesse sentido, Bodichon (1864), por exemplo, complementa sua análise econômica com uma visão humanitária. Ela escreveu sobre a importância do uso político do dinheiro, pois, segundo a autora, no ato de compra deveríamos refletir se o trabalhador está feliz e saudável (BODICHON, 1864). A autora passou a ter essa percepção após uma viagem que realizou aos Estados Unidos, onde viu pessoalmente a maneira violenta com que os escravos eram tratados. Ela propôs, então, que os ingleses não deveriam olhar apenas os preços ao realizarem suas compras, pois o mercado também possuía um aspecto humano:

Nós sempre fomos ensinadas que nossa única obrigação quando vamos ao mercado é comprar nossos bens os mais baratos possíveis: isso pode ser nosso dever, mas como vimos, certamente não é nosso único dever; e raciocinando por analogia, nós somos cúmplices em perpetuar a escravidão, enquanto comprarmos bens feitos pela mão de obra escrava¹¹⁵ (BODICHON, 1864, p. 396).

¹¹³ No original: “[...] for they who engage in a life of action are generally happier than they who are condemned to idleness”.

¹¹⁴ No original: “[...] questions of charity, education, state relief of the poor, emigration and occupation for all classes”.

¹¹⁵ No original: “We had always been taught that our only duty when we went to market was to get our goods as cheap as possible: that may be a duty, but as we have seen, it is certainly not our only duty; and reasoning by analogy, we are really as much accomplices in perpetuating slavery as long as we buy slave-grown goods”.

Assim, vemos que a estratégia retórica do grupo de Langham foi a de mesclar o conhecimento da Economia Política, que conheceu em sua formação educacional, com valores partilhados pelos ingleses em geral, pois sem isso não conseguiriam convencer a opinião pública. A aprendizagem da Economia pelas mulheres foi incentivada pelo grupo de Langham para que pudessem compreender o mundo a partir de suas variadas leis econômicas. No entanto, o limite desse conhecimento também foi reconhecido. Parkes (1864) afirmou que a análise pautada apenas em aspectos da Economia é limitada: “[...] essas verdades e leis, embora incontestáveis, nunca incluem o todo, nem a metade dos problemas com os quais os seres humanos se preocupam”¹¹⁶ (PARKES, 1864, p. 324).

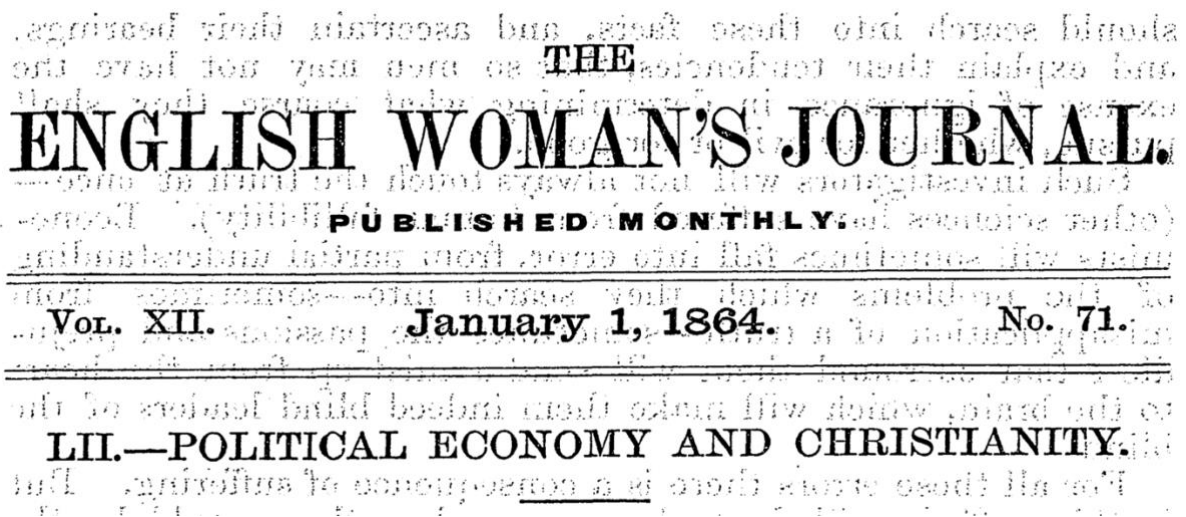
As mudanças ocorridas no século XIX necessitavam de análises que conjugassem variados grupos da sociedade: conservadores, liberais e (proto)feministas. Tal como expresso no trecho de Eça de Queiróz, o século XIX colheu as mudanças suscitadas na Revolução Francesa:

Depois, numa manhã de julho, tomou-se a Bastilha. Tudo se revolveu: e mil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a Democracia: fez-se a iluminação a gás: assomou a instrução gratuita e obrigatória, instalaram-se as máquinas Marinomi que imprimem cem mil jornais por hora: vieram os *Clubs*, o Romantismo, a Política, a Liberdade e a Fototipia (QUEIRÓZ, 1994[1886], p. 96).

A mudança abrupta da vida material com a Revolução Industrial não poderia ceifar valores importantes para a sociedade inglesa e o grupo de Langham refletiu sobre isso em suas ações estratégicas, vislumbrando maneiras de convencer a opinião pública e promover mudanças de maneira paulatina. Nesse sentido, a Economia e o Cristianismo configuraram importantes mecanismos argumentativos para o Coletivo.

Figura 6 – Frontispício do *EWJ*. O grupo de Langham buscou harmonizar a Economia Política e o cristianismo

¹¹⁶ No original: “these truths and laws, however irrefragable, never do include the whole, nay the half of the problems in which living beings are concerned”.



Fonte: The English Woman's Journal.

A organização das mulheres foi possibilitada pelo próprio espaço geográfico do Coletivo, pois Londres era uma cidade cosmopolita e que, no século XIX, registra-se um crescimento populacional significativo: de 1,9 milhão de habitantes, em 1801, para 5,567 milhões de habitantes em 1891. É sob este contexto que se desenvolveu a hiperdemocracia, conceito desenvolvido por Gasset (1962) para se referir à participação política por meio da pressão de grupos na sociedade objetivando a reivindicação de pautas políticas e econômicas.

Em um país em que a classe empresarial, que estava sujeita às flutuações de seus rendimentos, crescia progressivamente, a preocupação das mulheres com seu acesso à profissão é justificada a fim de que diminuíssem o risco de quedarem em uma situação econômica desfavorável. Foi neste contexto que se circunscreveu o grupo de Langham, cuja preocupação fundamental era refletir e agir acerca da situação da mulher inglesa diante desse rol de mudanças. Logo, a independência econômica do sexo feminino foi moldada com retalhos de teoria econômica, o que reforça a importância desta disciplina para forjar as ideias e mudar a sociedade.

4 A PRÁTICA DO GRUPO DE LANGHAM: ATIVISMO BASEADO EM EVIDÊNCIAS

Para o grupo de Langham, a prática era mais importante que a teoria. O ativismo do Grupo nas pautas de emprego, propriedade e educação femininas são, portanto, os principais aspectos dessa organização. O ativismo de Langham, como vimos, utilizou elementos da Economia Política e, como veremos neste capítulo, utilizou-se também de evidências de diversas naturezas para embasar suas ações. Tais informações foram colhidas nos dados nacionais, em relatórios de instituições e também derivavam de evidências anedóticas que o Grupo colhia por meio de cartas, conversas cotidianas, entrevistas ou da própria observação direta da realidade.

Os dados representavam uma maneira de se conhecer a realidade e constituíam um recurso relevante para a retórica do Coletivo. A oferta de dados disponíveis aumentou no período histórico que circunscreve o grupo de Langham, pois as informações nacionais inglesas passaram a disseminar-se no século XIX, como, por exemplo, com o Censo Britânico que se iniciou em 1800. Esse século foi considerado a “idade do progresso”, de maneira que o crescimento e a pujança econômica inglesas passaram a ser acompanhados em dados agregados (AUCHMUTY, 1975).

É também no período oitocentista que a estatística moderna se desenvolve, especialmente na Inglaterra e na França (JOYCE, 2003); e neste ambiente permeado por dados, influenciado por ideais positivistas e cientificistas, as verdades sociais precisavam de validações empíricas nas bases de dados oferecidas pela sociedade. Por esse motivo, observar a realidade passou a significar analisar os dados e suas tendências, que fornecem para a sociedade um retrato de suas características e, em princípio, são desprovidos de ideologia. É um instrumento de poder ao Estado que, munido de estatísticas, pode estimar sua receita fiscal e se preparar para guerras. As informações também são úteis para a população examinar os problemas sociais e econômicos, como, por exemplo, o desemprego e a pobreza.

Os dados britânicos disponibilizados ao público em censos e em relatórios de instituições formaram um material estudado pelas ativistas de Langham para compreenderem a questão da mulher. É a partir dessas estatísticas que observaram as principais atividades exercidas pelas mulheres, a pouca diversidade de trabalhos e a situação de privação das governantas. Com essas informações, traziam aos seus textos mais evidências empíricas, tornando-os mais convincentes.

As evidências para o ativismo de Langham, todavia, não poderiam ser baseadas apenas em dados. Apesar de haver um contexto em que dados eram mais requisitados e disponibilizados à população, não havia informações sobre todas a agenda de reforma de Langham. A pauta da propriedade privada das mulheres casadas, por exemplo, foi baseada em argumentos lógicos e em evidências anedóticas de mulheres casadas que sofreram por não terem recursos materiais. Entre outras coisas, as integrantes de Langham, por exemplo, pediram que as mulheres que sofriam em seus casamentos escrevessem cartas para o escritório do Grupo para que este pudesse entender melhor suas angústias (PROPERTY..., 1858). A partir dessa evidência, poderiam propor legislações mais adequadas sobre casamento e auxiliar essas mulheres a resolver seus problemas.

A agenda de Langham contra restrições ao trabalho feminino foi baseada principalmente em pesquisas feitas pela Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (SPEW), que eram de pequena amostragem e enviesadas, além de outras pesquisas e relatórios sobre esse assunto. Podemos caracterizar o ativismo de Langham como uma prática embasada, acompanhada de evidências, seja na parte teórica, com a Economia Política, ou por meio de dados, de relatórios de organizações de Langham, de raciocínios lógicos ou mesmo de evidências anedóticas.

O ativismo de Langham conciliava o ceticismo inglês quanto a qualquer mudança de *status quo* com uma retórica polida, embasada e cautelosa. Fizeram uma revolução lenta e silenciosa, ao modo britânico, para romper as inúmeras barreiras que as mulheres inglesas enfrentavam. Stuart Mill considerava que “[a] revolução inglesa será uma revolução da lei, e não da violência”¹¹⁷ (MILL, 2019[1834], p. 15059), o que caracteriza o grupo de Langham em sua luta inicial pela mudança na legislação inglesa da propriedade de mulheres casadas. Boucherett também compartilhava da percepção milliana sobre a “revolução inglesa”: “Associações de Mulheres, mesmo bem administradas, nunca poderiam ser poderosas o suficiente para realizar o bem, se não fossem amparadas pela lei”¹¹⁸ (BOUCHERETT, 1864, p. 307).

Posteriormente à causa legislativa, as ativistas de Langham centralizaram suas atividades em prol do trabalho feminino, e conseqüentemente na educação das mulheres, imprescindível para uma boa colocação no mercado de trabalho inglês. Finalmente, a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (SPEW) retornou ao ativismo das leis,

¹¹⁷ No original: “[...] English revolution will be a revolution of law, and not of violence”.

¹¹⁸ No original: “Associations of Ladies, however well managed, could never be powerful enough to effect much good, if unsupported by the law”.

criticando as restrições legislativas ao trabalho de mulheres adultas. Nesse sentido, caracterizamos a prática langhaniana como um ativismo baseado em evidências, que analisaremos neste capítulo por ordem cronológica das principais agendas do grupo de Langham. O escopo temporal desse capítulo extrapola a duração do grupo de Langham, abordando a análise feita pela Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) entre as décadas de 1870 e 1890, quando o Grupo já havia terminado. Esse escopo temporal foi estendido com o intuito de observarmos a continuidade da crítica langhaniana às restrições legislativas impostas às mulheres, por meio do ativismo de uma das principais instituições criadas pelo Grupo.

4.1 O início do ativismo de Langham: a propriedade privada das mulheres casadas

Para que o grupo de Langham pudesse traçar novos horizontes para as mulheres oitocentistas, era preciso analisar criticamente as circunstâncias que as rodeavam, direcionando a dedicação do Grupo inicialmente à pauta legislativa, especialmente sobre a propriedade de mulheres casadas. Dentre as integrantes do grupo de Langham, Bodichon e Boucherett foram as que mais se destacaram no estudo sobre a legislação inglesa. A formação de Bodichon em Economia Política e Direito, como observamos em sua biografia, proporcionou o arcabouço teórico para um pensamento crítico da legislação inglesa e seus efeitos para as mulheres (SIMON-MARTIN, 2012). Boucherett, por sua vez, se destacou na análise crítica das leis que faziam restrições específicas ao trabalho feminino, protagonizando as ações desenvolvidas na Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*).

A pauta da propriedade privada das mulheres casadas, de acordo com os motivos citados acima, foi a primeira que uniu as integrantes do grupo de Langham. Essa agenda era relevante às integrantes do Coletivo, possivelmente pela circunstância etária e estado civil de suas participantes, predominantemente jovens e ainda solteiras. Elas vislumbravam construir um futuro melhor no qual tivessem mais autonomia para terem o próprio capital e empregarem-no da forma como quisessem. Barbara Bodichon analisou as leis que afetavam as mulheres em seu panfleto “*A Brief Summary, in Plain Language, of the Most Important Laws Concerning Women*”, que foi um sucesso de vendas imediatamente após a sua publicação (SPENDER; GAZE, 1982).

Havia uma diferença significativa entre mulheres casadas e solteiras nos anos 1850: estas detinham direito a propriedade privada e pagavam os mesmos impostos que os homens,

embora não pudessem votar para eleições de membros do Parlamento. Caso os seus pais morressem sem deixar testamento, teriam direito apenas à propriedade pessoal, como bens e imóveis, não podendo herdar propriedades “reais” tais como terras (BODICHON, 2013[1854]).

As mulheres casadas, por sua vez, não possuíam uma existência legal, visto que o marido e a esposa eram entendidos pela lei como constituindo uma só pessoa, o que na prática significava a invisibilidade da mulher (NORTON, 1855), tal como foi expresso por Bodichon, que afirma: “sua existência [da esposa] é inteiramente absorvida pela do marido”¹¹⁹ (BODICHON, 2013[1854], p. 35). Em um artigo do *English Woman's Journal (EWJ)*, a lei das mulheres casadas é comparada com a escravidão, abolida no Império Britânico desde 1833, pois o divórcio era raramente obtido naquela época e o marido poderia forçar sua esposa a morar com ele, exceto se houvesse sinal de maus tratos comprovado (SOME..., 1854).

Após o casamento, as mulheres não tinham direito de propriedade e não poderiam assinar contratos, e suas assinaturas não tinham validade se não estivessem acompanhadas pela dos maridos. Por outro lado, quem passava a ser responsável pelas dívidas da mulher seria o marido, e apenas ele passava a pagar impostos depois do casamento (BODICHON, 2013[1854]; STEPHEN, 1927). Além dessas restrições, o divórcio só poderia ser realizado legalmente de maneira custosa, por um Ato do Parlamento, sendo factível apenas para pessoas ricas (SOCKWELL, 1995).

Por causa dessas restrições, Bodichon concluiu que as mulheres que se casavam passavam a ser consideradas crianças pela legislação inglesa. A questão financeira também era de suma importância, pois essas integrantes, sendo de classe média, tinham interesse em ter o próprio capital mesmo depois de casadas. Conforme vimos na biografia de Bodichon, a autora era independente financeiramente e possivelmente receava perder essa autonomia com o matrimônio.

As leis de propriedade privada das casadas poderiam ser prejudiciais às mulheres, pois confiar na administração financeira do marido, como argumentou Bodichon, nem sempre levava a bons resultados, especialmente em se tratando daqueles que tivessem vícios, tais como a bebida, ou simplesmente fossem maus, o que impediria um gasto que promovesse o bem-estar da família (BODICHON, 2013[1854]). Logo, além de ser uma lei injusta, poderia ser problemático para uma mulher que eventualmente se casasse com alguém imprudente. A

¹¹⁹ No original: “[...] her existence is entirely absorbed in that of her husband”.

autora se questionava sobre a diferença entre as consequências enormes do casamento para a condição econômica das mulheres comparadas às consequências para o homem. Partindo de argumentos lógicos e constatações sobre a realidade, Bodichon formou o embasamento para a primeira pauta que uniu o grupo de Langham.

Para o *status quo* conservador inglês, o casamento representava uma união completa do homem e da mulher, de maneira que o casal não poderia ter divergências entre si. Como o jornal *Saturday Review* apontou: “Deus e a Natureza fundiram sua existência [da esposa] na de seu marido”¹²⁰ (MARRIAGE..., 1857, p. 148). Este ideal, todavia, não era sempre presente na prática, e a idealização do casamento foi questionada a partir de uma miríade de casos de casamentos infelizes, com casos de violência doméstica, ou de mau uso do capital, alguns desses inclusive mencionados na própria publicação do grupo de Langham, *English Woman’s Journal* (EWJ). O Grupo, como comentamos, também coletava evidências de crueldade ou injustiça que aconteciam com as mulheres (PROPERTY..., 1858) para entender quais as principais queixas e problemas existentes no casamento, e assim auxiliá-las com maior eficiência.

As autoras não se restringiram a estudar e questionar as leis, mas se mobilizaram politicamente para alterá-las. Como vimos, as integrantes de Langham Place se organizaram para redigir uma petição sobre a propriedade das mulheres casadas em março de 1856, e obtiveram 3.000 assinaturas (PROPERTY..., 1858). Este documento almejava que as mulheres fossem legalmente independentes de seus maridos, seguindo uma das principais características do grupo: aliar prática e teoria.

A legislação da propriedade privada das mulheres casadas foi modificada ao longo do século XIX, e em 1857 e 1858, o Ato sobre as Causas do Divórcio e Matrimônio¹²¹ possibilitou que as mulheres divorciadas de seus maridos pudessem ter direito à propriedade (BRINJIKJI, 1999) e tornou o processo de divórcio mais simples. Segundo Sockwell (1995), essas legislações foram diretamente relacionadas à petição organizada inicialmente pelo grupo de Langham. O Ato sobre a Propriedade Privada das Mulheres Casadas¹²² de 1870 possibilitou adicionalmente que mulheres herdassem propriedade privada e alguns valores monetários. Apenas em 1882 as mulheres puderam ter o direito de comprar, vender ou ter uma propriedade, reconhecendo que marido e esposa são duas entidades legais independentes (BRINJIKJI, 1999).

¹²⁰ No original: “God and Nature have merged her existence in that of her husband”.

¹²¹ No original: “The Divorce and Matrimonial Causes Act”.

¹²² No original: “The Married Women’s Property Act”.

Matthews (1983) considera que as ideias de Bodichon na petição e no seu panfleto sobre as leis das mulheres embasaram os Atos legislativos do Parlamento; apesar de julgarmos essa tese pouco plausível, ela é uma possibilidade que deve ser considerada, visto que a organização para a petição sobre as leis do casamento foi a primeira organização coletiva inglesa sobre esse assunto (SOCKWELL, 1995). Por outro lado, as mudanças do século XIX clamavam por uma legislação que contemplasse maior independência financeira para as mulheres, as quais, como vimos anteriormente, progressivamente ocupavam diferentes tipos de função, e talvez todas essas mudanças ocorressem de forma inevitável. De toda forma, o Grupo tem uma importância, como marco histórico, de que as mulheres não eram representadas pelas leis criadas pelos homens e buscavam intervir nessas questões. O Coletivo também foi um divulgador da legislação por meio de artigos do *English Woman's Journal* (EWJ) que problematizavam a lei inglesa, comparando-as com as de outros países. Essa pauta era relativamente popular entre os ingleses, como podemos notar na soma do número de assinaturas de todas as petições sobre a propriedade das mulheres, que totalizou 26.000 nomes (PROPERTY..., 1858).

No entanto, Bodichon e Boucherett não se limitaram a tentar modificar a legislação. Pragmáticas que eram, escreveram também sobre formas de as mulheres poderem contornar a legislação inglesa dentro da legalidade. Bodichon sugeriu que as esposas realizassem algum acordo legal antes do casamento para que mantivessem parte de suas propriedades (BODICHON, 2013[1854]), e Boucherett (1863) fez uma sugestão semelhante em seu livro “*Hints on Self-Help*”, para que as mulheres contratassem um advogado antes do casamento de modo a conseguirem uma renda independente. Essas recomendações, todavia, eram mais difíceis de serem executadas por mulheres pobres, com menos informação e menor acesso à advocacia, o que mais uma vez ressalta a centralização das pautas do grupo nas classes média e alta.

Segundo Shanley (2021[1989]), a pauta feminista da independência legal foi importante para a luta pelo voto feminino, criticado na época devido à influência do marido no voto da esposa, tirando a utilidade de os dois serem votantes. As pautas legal, econômica e política se misturam em suas dinâmicas, de maneira que a progressiva inclusão das mulheres no mercado de trabalho talvez tenha sido o prelúdio necessário para o voto feminino. A primeira pauta econômica de Langham, então, se sedimentou por argumentos lógicos, por meio da explicação de como a legislação inglesa era injusta e desigual para as mulheres, e foi complementada com casos reais de mulheres que relatavam seus sofrimentos no matrimônio para o Grupo. Desse modo, esse Coletivo permitiu que as mulheres compartilhassem suas

angústias, visibilizando seus problemas e promovendo uma assistência mútua como um espaço para desabafar e também como um grupo com possibilidade de articulação política para alterar a legislação inglesa.

4.2 A diferença quantitativa entre mulheres e homens: identificação do excedente de mulheres pelos vitorianos

Uma das principais fontes de informação para o Coletivo foi o Censo Britânico de 1851. Este foi um documento relevante para caracterizar a sociedade, não só pela extensa amostragem, mas também por abordar dados específicos das mulheres e apresentar estatísticas da população acompanhadas de um relatório que analisava e criticava esses dados a partir de teorias e do senso comum na época.

O Censo de 1851 trouxe inovações particularmente importantes para o grupo de Langham, pois foi o primeiro a apresentar o relatório do estado civil das pessoas (mostrado na Tabela 1). A análise desses dados levou Bodichon a concluir que mais de 40% das mulheres com mais de 20 anos não eram casadas. A partir dessa evidência estatística, a autora constatou que não fazia sentido moldar as mulheres apenas para o casamento. É importante ressaltar que a autora não usou o dado das mulheres com mais de 40 anos, que em sua expressiva maioria (71,5%) estariam casadas. Há várias hipóteses para isso – talvez tenha escolhido esse recorte por objetivos retóricos, para ressaltar uma quantidade maior de mulheres que não eram casadas, pois a maioria se casava na faixa de 20 a 40 anos (conforme os dados da Tabela 1). Poderia decorrer também de uma limitação das divisões etárias da Tabela 1, que exibia a proporção de mulheres solteiras, casadas e viúvas em apenas 6 subdivisões etárias, a cada vinte anos.

Tabela 1 – Proporção das mulheres solteiras, casadas e viúvas na Inglaterra e País de Gales em 1851

	Solteiras	Casadas	Viúvas
Todas as idades	59,8	33,0	7,2
20 anos ou mais	28,3	58,7	13,0
0-	99,4	0,6	0,0
20-	40,9	56,3	2,8
40-	12,8	71,5	15,7
60-	11,3	43,4	45,3
80-	10,9	12,8	76,3
100 ou mais	.	3,7	.

Fonte: CENSUS... (1852¹²³, p. clxv).

A exposição do estado civil dos ingleses evidenciou um número considerável de mulheres que não eram casadas mesmo com idade avançada, usualmente denominado pelos ingleses de *spinsters*, referindo-se especialmente às mulheres de classe média e alta (*upper class*). Auchmuty (1975) observa a partir de dados geográficos do censo inglês que a maioria das mulheres solteiras se concentrava em regiões de classe média na Inglaterra, como por exemplo ao redor de Londres e Bristol na segunda metade do século XIX e, por isso, o termo é representativo para essa classe social intermediária. Para essas mulheres, o trabalho – e mais do que isso, a independência feminina – era uma condição *sine qua non* para o bem-estar.

As *spinsters* foram protagonistas na construção do movimento feminista inglês oitocentista por terem disponibilidade para se dedicar a uma causa social e se beneficiarem diretamente das pautas de educação e trabalho. De fato, Auchmuty (1975), aponta que, por conta disso, as pautas feministas da segunda metade do século XIX beneficiaram mais as mulheres solteiras do que as casadas, pois foram as *spinsters* que protagonizaram o movimento feminista inglês. Constatamos no grupo de Langham que essas mulheres, de fato, representaram uma parcela significativa do Grupo: das 23 participantes listadas na introdução dessa dissertação (capítulo 1, página 14-15), 10¹²⁴ (43,5%) permaneceram solteiras durante toda a vida. E mesmo langhanianas que se casaram, como, por exemplo, Bessie Parkes, concentraram o seu ativismo quando eram solteiras¹²⁵, expressando visões, percepções e preocupações de mulheres solteiras.

Além da discriminação por estado civil, que mostrou haver um número considerável de mulheres que não se casavam, o Censo possibilitou observar as profissões de todos os britânicos. É a partir desses dados que se nota a falta de pluralidade de profissões para

¹²³ O Censo de 1851 foi publicado em formato de livro apenas em 1852.

¹²⁴ Elizabeth Blackwell, (Emilia) Jessie Boucherett, Emily Faithfull, Frances Power Cobbe, Helen Taylor, Jane Lewin, Maria Susan Rye, Matilda Hays, Rosamund Davenport Hill e Sarah Emily Davies.

¹²⁵ Parkes se casou apenas aos 38 anos, após ter encerrado sua participação nas atividades do grupo de Langham.

mulheres, o que possivelmente influenciou a recomendação langhaniana para a diversificação de profissões para mulheres.

O relatório de 1851 também revelou que havia 500.000 mulheres a mais que homens (considerando todas as faixas etárias) e 400.000 mulheres com 20 anos ou mais a mais que homens nessa mesma faixa etária. Tal constatação estatística foi compreendida pelos britânicos como um problema para a sociedade, o que também foi expresso no relatório do Censo: “Essa disparidade no número de homens e mulheres com mais de *vinete* anos não é natural”¹²⁶ (CENSUS..., 1852, p. 26, *grifo no original*). Isto pode ser observado na Tabela 2, construída a partir dos dados do Relatório do Censo Britânico de 1851.

A percepção de que o hiato entre homens e mulheres era problemático para os ingleses estava relacionada à manutenção da população britânica. Temia-se que as emigrações de britânicos para as colônias no Canadá, Austrália e sul da África poderiam reduzir a população (CENSUS..., 1852). É importante destacar que o decréscimo ou controle populacional já não era visto como positivo, pois a teoria malthusiana havia sido contestada, inclusive no próprio relatório do Censo de 1851.

Tabela 2 – Diferenças nos contingentes de mulheres e homens

Idades	1821	1831	1841	1851
Todas as idades	210.899	298.400	348.319	350.324
0-20	-55.634		-21.806	-55.018
20 anos ou mais	266.533		370.125	405.342
0	-55.634		-21.806	-55.018
20 -				.654
	Idade não foi distinguida			
40 -				.822
60 -	48.447		86.670	117.500
80 -	10.973		17.979	22.269
100 anos ou mais	104		97	97

Fonte: CENSUS... (1852, p. xxv).

¹²⁶ No original: “This disparity in the number of men and women of the age of *twenty* and upwards is unnatural”.

A teoria de Malthus apregoava o controle populacional para que houvesse uma equivalência entre crescimento populacional e produção de alimentos, e foi refutada no relatório do Censo com os próprios dados ingleses. Os dados censitários mostravam que o crescimento populacional foi acompanhado de crescimento econômico *per capita* (CENSUS..., 1852). As ideias de Steuart¹²⁷, predecessor de Adam Smith, também foram utilizadas para contestar Malthus. Segundo Steuart, a industriabilidade dos países civilizados resultaria em aumento de produtividade, e que isso compensaria o crescimento da população, teoria que foi confirmada por dados da história econômica oitocentista (ALLEN, 2011; MOKYR, 2005). Essa questão não foi, entretanto, central ao grupo de Langham ao analisarem os dados. As integrantes do Coletivo se preocuparam prioritariamente com a exigência social do casamento e argumentavam que, devido à questão demográfica, isso era uma impossibilidade para muitas mulheres.

Os vitorianos não se importavam somente com o poder populacional britânico e consideravam que estar solteira era uma condição inadmissível para as mulheres. Sugeriram, então, que estas mudassem para outros países com a finalidade de se casarem (GREG, 1869). As feministas também achavam esse hiato problemático, no sentido que as mulheres vitorianas – que eram socializadas para ter o matrimônio como principal empreendimento de suas vidas – poderiam, por questões demográficas, não conseguir realizá-lo. Tal estatística foi utilizada pelo grupo de Langham principalmente na defesa da necessidade de se expandir o mercado de trabalho e educação para as mulheres, para que pudessem garantir o próprio sustento financeiro.

Alguns termos se destacam na problemática da diferença de quantidade entre mulheres e homens: “excedente de mulheres”, “mulheres supérfluas” e “mulheres redundantes”. Embora usualmente colocados como sinônimos por indicarem o excedente de mulheres, os termos “mulheres supérfluas” e “mulheres redundantes” possuem outros significados, representando as mulheres que não se casaram, independentemente de haver um excedente de mulher. As integrantes de Langham buscaram ressignificar o que era considerado redundância ou superfluidade das mulheres e consideravam que as mulheres redundantes eram as que não trabalhavam, seja em casa, cuidando dos afazeres domésticos, seja em alguma profissão liberal. Como apresentado anteriormente, essas ativistas se nutriam do Evangelho do trabalho e aplicavam-no também ao sexo feminino, considerando que o serviço edificava o homem e também a mulher.

¹²⁷ James Steuart (1712-1780) escreveu o primeiro livro em inglês com o termo “Economia Política” no título.

Bodichon, Boucherett e Parkes analisaram o problema do hiato entre mulheres e homens sobretudo por uma ótica econômica. Parkes no artigo “*The Market for Educated Female Labour*” (1859) visou promover a importância da educação para as mulheres, indicando que todas deveriam buscar algum tipo de conhecimento útil, que auxiliasse na obtenção de emprego, tendo como base estatística o relatório do Censo e da Instituição de Benevolência para Governantas, que relataram a pobreza e dificuldades das governantas inglesas.

O artigo “*Queen bees or working bees*”, publicado no periódico conservador *Saturday Review*, todavia, possui uma visão antagônica à de Parkes (1859). Nesse texto, a mulher que trabalha foi caracterizada como inapropriada para a sociedade: “Mulheres trabalhadoras são uma prova de uma civilização bárbara e imperfeita”¹²⁸ (QUEEN..., 1859, p. 576). A ideia de se ter uma mulher independente financeiramente também foi rechaçada, com a alegação de que isso poderia diminuir o número de casamentos, sob o argumento de que a mulher que não se casou fracassou em seus empreendimentos e nada poderia ser feito para auxiliá-la:

A vida de casada é a profissão da mulher; e para esta vida o seu treinamento – o da dependência – é modelado. Claro. Por não conseguir um marido ou perdê-lo, ela pode descobrir que está sem recursos. Tudo o que se pode dizer dela é que falhou nos negócios e nenhuma reforma social pode evitar tais falhas¹²⁹ (QUEEN..., 1859, p. 576).

Mesmo diante dos dados, a postura conservadora foi de ignorar o problema e ironicamente propôs às mulheres que “[...] se apaixone e tenha um marido”¹³⁰ (QUEEN..., 1859, p. 576, tradução nossa), semelhante à proposta dada ao problema do excedente pelo periódico *Blackwoods Magazine*, em que foi recomendado o casamento e o silêncio das mulheres (SPENDER; GAZE, 1982). Esse desfecho, todavia, não poderia ser realizado por questões demográficas! As integrantes de Langham, então, responderam diretamente ao artigo do *Saturday Review*, em uma tréplica para reforçarem seu ponto de vista:

Se quisermos admitir a doutrina proposta sobre “a profissão de mulher casada” [...] é em todo caso uma anomalia melancólica, sem paralelo no mundo comercial, que 500.000 pessoas sejam obrigadas a educar-se para uma profissão na qual é sabido de

¹²⁸ No original: “Women labourers are a proof of a barbarous and imperfect civilization”.

¹²⁹ No original: “Married life is woman’s profession; and to this life her training – that of dependence – is modelled. Of course. By not getting a husband, or losing him, she may find that she is without resources. All that can be said of her is, she has failed in business and no social reform can prevent such failures”.

¹³⁰ No original: “[...] fall in love and get a husband”.

antemão que, quaisquer que sejam suas habilidades, elas não podem ter sucesso¹³¹ (STATISTICS..., 1860, p. 4).

A visão do periódico *Saturday Review* mostra o desconforto sentido pelos homens com a ideia da independência feminina, mesmo sem argumentos estatísticos, apontando um modelo que não era possível para todas as mulheres. A recepção negativa masculina sobre a questão deslegitimava a existência das mulheres que não se enquadravam no modelo patriarcal.

Contudo, notamos a partir dos dados do Relatório do Censo de 1851 que esse hiato considerado no debate público britânico é superestimado, por levar em consideração pessoas em qualquer estado civil. Os dados fornecidos pelo Censo, como vimos, discriminavam a quantidade de homens e mulheres solteiros, maridos e esposas, além dos viúvos e viúvas. E quando consideramos apenas os homens solteiros e mulheres solteiras com mais de 20 anos, a diferença reduz para 78.078 mulheres a mais que homens, ou seja, menos de 20% do número mostrado pelo grupo de Langham de 500.000. A outra parte do hiato dizia respeito a mulheres e homens viúvos ou que já estivessem casados. No entanto, como a preocupação central era com a instituição do casamento na questão das mulheres supérfluas, a população solteira é que deveria ter sido o cerne da questão. As mulheres viúvas também sofriam com a perda de seus maridos, e a privação econômica delas também foi considerada pelo grupo de Langham, mas não representava o eixo da discussão sobre a redundância das mulheres. Canot (2013, p. 8) considera que houve uma “[...] obsessão vitoriana com o desequilíbrio de gênero”¹³², uma vez que o ideal de mulher oitocentista era baseado na dependência feminina, e isso não combinava com o fato estatístico de que algumas se mantiveram de maneira independente.

De todo modo, a questão do excedente das mulheres se consolidou como uma narrativa oitocentista interpretada e discutida frequentemente pelos ingleses, os quais adotaram pontos de vista conservadores ou feministas a partir desse fato estatístico (WORSNOP, 1990). Essas perspectivas foram escritas, publicadas e difundidas, constituindo um conjunto de ideias que buscou solucionar o aparente problema do “excesso de mulheres” dos conservadores, e para as langhamitas, o problema das mulheres que eram ociosas e apenas dedicavam suas vidas a conseguirem se casar. Podemos notar, utilizando o recurso *online*

¹³¹ No original: “If we are to admit the proposed doctrine that ‘married life woman’s profession’ [...] it is at all events a melancholy anomaly, which has no parallel in the commercial world, that 500.000 persons should be obliged to educate themselves for a profession in which it is known beforehand that, whatever their abilities, they cannot possibly succeed!”.

¹³² No original: “[...] Victorian obsession with gender imbalance”.

Google N-grams, que a popularidade desse debate aconteceu entre meados e o fim do século XIX:

Figura 7 – Mulheres redundantes, uma narrativa popular oitocentista



Fonte: *Google N-grams*.

A partir da identificação do problema do excedente de mulheres para a sociedade vitoriana, naturalmente estratégias para solucioná-lo foram elaboradas. Duas propostas de resolução do excedente de mulheres se destacaram: uma patriarcal e conservadora, e outra feminista e langhaniana. Analisaremos essas duas alternativas na próxima seção.

4.3 O que fazer com as mulheres redundantes? A resposta dos conservadores e do grupo de Langham

Além dos artigos de Parkes e do *Saturday Review*, comentados na seção anterior, numerosos textos do século XIX apresentaram discussões e análises sobre as mulheres “redundantes”, como por exemplo, o texto de Boucherett (1869) e de Greg (1869), textos estes que buscaram resolver o problema das mulheres redundantes. O ensaísta inglês Greg (1869) escreveu um dos principais textos oitocentistas sobre a redundância de mulheres no ensaio intitulado “*Why are women redundant?*”.

Nessa obra, o autor buscou solucionar o excedente de mulheres focando principalmente nas solteiras, descartando a possibilidade do emprego feminino como solução para que estas se mantivessem economicamente independentes. O ensaísta inglês descreveu como “fantasias extravagantes” (GREG, 1869, p. 32) a ideia de que as mulheres exercessem profissões que exigissem mais conhecimento técnico, tais como advogadas e médicas.

Segundo ele, isso não seria apropriado para a mente feminina, a qual não seria adaptada ao esforço mental contínuo.

Greg, todavia, compreendia que economicamente seria mais produtivo ter mulheres exercendo profissões que exigissem pouco conhecimento técnico, pois liberariam os homens para as atividades mais difíceis. Ainda assim, era contrário ao emprego feminino, pois entendia que o trabalho feminino, embora positivo do ponto de vista econômico, era moral e socialmente ruim, pois as mulheres deveriam casar-se e permanecer no ambiente doméstico (GREG, 1869).

A origem das “mulheres redundantes”, segundo Greg (1869), era tripartite: causadas pela emigração masculina para colônias na Austrália, Canadá e Estados Unidos; fruto do materialismo destas mulheres, as quais não gostariam de abdicar de um estilo de vida mais luxuoso para se casarem com homens mais pobres; e causada pelos homens que abdicavam das responsabilidades do matrimônio para uma vida de prazer e luxúria em companhia de prostitutas.

Greg, então, considerava que a principal maneira de se combater as “mulheres supérfluas” seria por uma emigração em massa das mesmas e uma moralização da sociedade – que deveria tornar-se menos materialista e mais voltada ao casamento. Somente nesse contexto as mulheres solteiras remanescentes seriam “naturais”, ou seja, decorreriam da normalidade, e apenas nesse caso seria moralmente correto que trabalhassem.

Essa solução, no entanto, ignorava a dificuldade de emigrar para outro país, principalmente para colônias onde havia grandes diferenças culturais e econômicas em relação à Inglaterra, país mais desenvolvido na época. Greg desconsiderou o custo emocional e a perda de qualidade de vida que a mulher poderia ter nessa empreitada. O ponto de vista moralizante adotado pelo autor de combate à prostituição era idealmente interessante para as mulheres feministas oitocentistas, as quais eram radicalmente contra a prostituição; no entanto, este era um problema difícil de ser combatido e controlado de maneira pragmática.

O artigo de Greg, um dos mais famosos na época (HOLLOWAY, 2007), teve uma resposta de Boucherett (1869) através do artigo “*How to Provide for Superfluous Women*”, que nele fez uma recomendação diametralmente oposta àquelas de Greg: propôs a emigração, não das mulheres, mas dos homens ingleses, para que trabalhassem nas colônias, onde segundo a autora, as atividades exigiam mais força física. Na Inglaterra, as mulheres, então, poderiam realizar as atividades fáceis, inclusive as que seriam apropriadas para elas, tais como cabeleireiras; e as difíceis, que demandassem mais força, seriam deixadas para os homens que permanecessem na Inglaterra.

A solução de Boucherett resolveria o problema das mulheres supérfluas pela definição langhaniana, isto é, a ideia de que supérfluas eram as mulheres ociosas. Utilizando a definição tradicional da época, todavia, a emigração de homens para as colônias aumentaria o hiato entre mulheres e homens na Inglaterra, o que elevaria a quantidade de “mulheres redundantes”. Notamos, então, que a própria definição do que seria a redundância das mulheres determinaria as soluções propostas. Houve, assim, também uma disputa linguística em determinar esse conceito. Determinar que a redundância feminina estava no ócio, implicava necessariamente na solução de promover o trabalho feminino, e determinar a redundância das mulheres por estarem solteiras, necessariamente implica no incentivo ao casamento.

O artigo de Boucherett tem a mesma falha do artigo de Greg ao desconsiderar os custos subjetivos de uma mudança de país. A integrante de Langham argumentou, utilizando o arquétipo masculino de herói, que os homens de fato iriam empreitar essa aventura (de viajar para as colônias) ao invés de realizarem tarefas “femininas” na terra natal. Com os preconceitos usuais oitocentistas ingleses à população nativa das colônias, Boucherett considerava que os “selvagens” não deveriam realizar o trabalho de ingleses e problematiza: “Selvagens realizando o trabalho dos ingleses fora de casa; homens fazendo trabalho de mulher em casa; e mulheres morrendo de fome, mendigando e pecando¹³³, porque não conseguem um emprego honesto”¹³⁴ (BOUCHERETT, 1869, p. 42).

É importante destacarmos que nem todas as integrantes de Langham se alinhavam com a visão de Boucherett de criticar a emigração das mulheres. O Grupo inclusive incentivou a emigração das inglesas em seus textos (“*Emigration as a Preventive Agency*”, jan. 1859; “*What Can Educated Women Do?*”, dez. 1859) e na prática, por meio do apoio à emigração feminina realizado pelas instituições langhanianas *Female Middle Class Emigration Society (FMES)* e pela Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), as quais financiavam emigrações das mulheres principalmente para colônias britânicas.

A percepção geral do Coletivo era que as mulheres poderiam emigrar em busca de emprego e assim, deixarem de ser supérfluas. Condenavam a ideia de emigrar para casar-se, porém percebiam que a emigração poderia ser um canal para que pudessem ocupar algum tipo de atividade econômica. A emigração era vista principalmente como uma medida para

¹³³ Referência à prostituição.

¹³⁴ No original: “Savages doing Englishmen’s Work abroad; men doing women’s work at home; and women starving, begging, and sinning, because they can get no honest employment”.

protegê-las da falta de trabalho a curto prazo (WORZALA, 1974). A longo prazo, o foco principal do Coletivo estava na qualificação técnica e educacional para que as mulheres conquistassem vagas bem remuneradas no mercado de trabalho inglês.

É interessante notar que a pauta da emigração também se baseava em evidências. O periódico *English Woman's Journal (EWJ)* publicava cartas de mulheres que relatavam suas vivências com a emigração (STRAY LETTERS..., 1862), fornecendo um material informativo às mulheres inglesas sobre as vivências que as mulheres tiveram com a emigração, fossem elas boas ou ruins. Na Tabela 3, publicada em um artigo do periódico *English Woman's Journal (EWJ)*, são expostas algumas das emigrações no ano de 1861 e seus resultados.

Tabela 3 – Mulheres emigrantes e seus resultados

Local, data e nome	Idade	Resultados
Sydney, junho, 1861, Miss G.	33	Emprego com menos de 5 semanas após desembarcar
Sydney, junho, 1861, Miss P.	29	Prestes a se casar
Sydney, junho, 1861, Miss M.	24	Emprego com menos de 5 semanas £70
Natal, agosto, 1861, Miss J.H.	19	<i>Nursery governess</i> a £25
Otago, agosto, Miss P.	35	Salário na Inglaterra £30, e em Otago £100
Melbourne, julho, 1861, Miss M.	26	Teve emprego assim que chegou, não sabemos qual o salário
Melbourne, julho, 1861, Miss B.M.	22	Conseguiu o emprego após o segundo dia, salário de £50
Antuérpia, agosto, 1861, Miss R.*	22	Conseguiu emprego após 3 semanas; esteve sem ocupação por 6 meses

Fonte: Tabela adaptada de STRAY LETTERS..., 1862, p. 118-119. O nome acompanhado do asterisco (*) simboliza que a emigrante foi ajudada pela *Female Middle Class Emigration Society (FMCES)*, instituição langhaniana para a emigração das mulheres.

A partir das informações expostas no *English Woman's Journal (EWJ)*, as leitoras desse periódico acessavam um conjunto informacional maior para embasar a sua decisão de emigrar. Neste sentido, podemos caracterizar o grupo de Langham como uma rede de apoio feminina para disponibilizar dados, depoimentos e reflexões que auxiliassem as mulheres a serem donas de suas próprias vidas.

É possível ver que a emigração feminina era, para o grupo de Langham, uma solução para o problema das mulheres supérfluas, quando as mulheres emigravam para obterem emprego, e para Greg, quando emigravam para se casarem. A resposta langhaniana por excelência ao problema das mulheres supérfluas estava no trabalho, e por essa razão era uma agenda considerada mais relevante que a da emigração. Notamos também que o pensamento

de Langham não era homogêneo em alguns aspectos, como no caso da emigração para Boucherett e outras integrantes.

Os textos sobre a questão do excedente de mulheres ilustram um exemplo sobre a importância dos dados para fins retóricos, pois o grupo de Langham em geral utilizou os dados mais díspares sobre o hiato de mulheres e homens, de 400.000 e 500.000, possivelmente por objetivos persuasivos e para promover sua pauta, especialmente para uma parcela significativa do grupo, constituído de mais de 40% por *spinsters*. Esse é um exemplo de que dados não são neutros e as variáveis analisadas podem indicar o objetivo do autor. A objetividade nas ciências sociais não é inquestionável, mesmo quando embasada com dados metodicamente colhidos, pois estes são interpretados à luz dos interesses dos autores. Evidentemente, este é apenas um breve comentário sobre um tema complexo e amplo sobre a metodologia das ciências sociais, que foge ao escopo da presente dissertação.

Podemos constatar também a importância das estatísticas para dar visibilidade aos grupos ignorados. Este é o caso das *spinsters*¹³⁵, localizadas oficialmente apenas a partir do Censo de 1851, e que ameaçaram o *status quo* da sociedade britânica vitoriana, que moldava a mulher para a dependência financeira.

4.4 A pauta da diversificação do emprego feminino e seus entrelaçamentos com dados do Censo e da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (SPEW)

Os dados sobre o trabalho das mulheres foram fundamentais ao grupo de Langham, pois auxiliaram na percepção das desigualdades no mercado de trabalho. A importância do trabalho foi enfatizada sucessivas vezes no panfleto “*Women and Work*”, em que Bodichon faz um apelo para a sociedade apoiar e abrir espaço para que as mulheres exerçam suas profissões. Assim, nos parece relevante expor a estrutura de trabalho feminino da Grã-Bretanha a partir de dados do Censo de 1851 e analisar as profissões mais comuns para as mulheres, a fim de possibilitar uma representação do mercado de trabalho que estava subjacente ao debate das mulheres supérfluas.

A socióloga oitocentista inglesa Harriet Martineau em seu importante artigo “*Female Industry*” observou que havia uma falta de percepção da sociedade inglesa sobre as atividades econômicas realizadas pelas mulheres, e que essa ignorância poderia prejudicá-las (MARTINEAU, 2011[1859]), uma vez que essa ignorância era uma causa do preconceito que

¹³⁵ Termo que caracteriza mulheres solteiras por muitos anos ou mesmo durante toda a vida, “solteironas”.

a sociedade possuía sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Compreender, então, as atividades econômicas das mulheres era uma tarefa necessária para promover a empregabilidade feminina.

A ignorância sobre a capacidade produtiva das mulheres e de suas possibilidades foi algo sistematicamente combatido pelo grupo de Langham, que trazia para os seus escritos dados sobre a condição econômica das mulheres inglesas. O Censo de 1851 tinha dados de ocupações de 9.146.394 mulheres, das quais 4.046.800 tinham menos de 20 anos e 5.995.584 tinham 20 anos ou mais (CENSUS..., 1852). Na Tabela 4, estão reproduzidas as informações de algumas das ocupações das mulheres na Inglaterra e no País de Gales, a partir das quais será analisada a condição econômica da mulher oitocentista.

Tabela 4 – Ocupações das mulheres na Inglaterra e País de Gales

Ocupações	Todas as idades	Menos de 20 anos	20 anos ou mais	Porcentagem (considerando as mulheres de todas as idades)
Filha, neta, irmã, sobrinha	2.358.147	2.093.283	264.864	25,78%
Esposa (sem ocupação específica)	2.277.049	14.929	2.262.120	24,90%
Estudante (em casa ou na escola)	1.127.096	1.126.192	904	12,32%
Empregada Doméstica	575.162	235.535	339.627	6,29%
Chapeleira ou produtoras de vestido	234.340	57.330	177.010	2,56%
Viúva (sem ocupação específica)	233.362	77	233.285	2,55%
Manufatura de Algodão	194.910	84.042	110.868	2,13%
Lavadeira de roupa	133.476	8.352	125.124	1,46%
Pensionista	103.875	1.268	102.607	1,14%
Pessoas sem ocupação declarada ou condições	92.478	29.683	62.795	1,01%
Costureira	59.503	9.689	49.814	0,65%
Criada	53.692	1.460	52.232	0,59%
Pobre sem ocupação declarada	49.903	10.845	39.058	0,55%
Professora de escola	39.619	3.532	36.087	0,43%
Sapateira	29.252	8.203	21.049	0,32%
Enfermeira	23.751	0	23.751	0,26%
Fazendeira	22.916	53	22.863	0,25%
Governanta	20.058	2.405	17.653	0,22%
Fabricante de chapéu de palha e boné	19.080	4.514	14.566	0,21%
Proprietária de casa	18.126	65	18.061	0,20%
Alfaiate	17.244	3.783	13.461	0,19%
Proprietária de terra	13.268	100	13.168	0,16%
Outras professoras	4.936	1.391	3.545	0,15%
Professora de música	2.296	308	1.988	0,05%
Governo	2.244	75	2.169	0,03%
Diretora de instituições de caridade	798	28	770	0,01%

Capitalista	94	0	94	0,00%
Designers	31	8	23	0,00%
Cientistas	24	3	21	0,00%
Rainha	1	0	1	0,00%

Fonte: CENSUS... (1852).

Os dados da tabela deixam claro que a principal ocupação das mulheres adultas era de esposa e podemos ver, a partir dos dados da tabela, que a ocupação mais frequente para as mulheres era de “esposa” sem ocupação específica ou de “filha, neta, irmã, sobrinha” (juntas, somam mais de 50% da amostra de mulheres), outras atividades que se destacavam eram as de estudante (12,32%), empregadas domésticas (6,29%), produtoras de vestido ou chapeleiras (2,56%), manufatureiras de algodão (2,13%) e lavadeiras de roupa (1,46%), que conjuntamente representam mais de um quinto das ocupações das mulheres.

No entanto, essas atividades eram pouco discutidas e problematizadas pelo grupo de Langham, pois não eram as profissões mais comuns para a classe média. As autoras focaram principalmente em analisar a profissão de governanta (0,22%) e costureira (0,65%), e propuseram outras atividades para substituí-las. Isso revela o foco do Grupo em analisar e criticar a condição da mulher de classe média.

Embora o Censo tenha sido utilizado na identificação do problema das mulheres supérfluas, não há escritos langhamianos analisando a estrutura de trabalho inglesa por meio de suas estatísticas. No entanto, relatórios de instituições e associações são amplamente utilizados pelas integrantes do Grupo. Parkes, como mencionamos, escreveu o seu artigo “*The Market for Educated Female Labour*” tomando por base os relatórios da Instituição de Benevolências das Governantas (*Governesses’ Benevolent Institution*), e cita as estatísticas educacionais das mulheres a partir dos relatórios do *Education Commissioner’s*. O relatório da Instituição de Benevolências das Governantas expunha brevemente a situação das mulheres que pediam auxílio (ver Figura 3), e o Relatório governamental da comissão de educação, por sua vez, exibiu análises sobre as principais escolas inglesas. Tais relatórios moldaram a percepção de Parkes sobre as dificuldades enfrentadas pelas governantas e as deficiências da estrutura do ensino feminino, o que a levou a recomendar que as mulheres aprendessem conhecimentos úteis e deixassem de ingressar em profissões tradicionais femininas, fugindo tanto da educação pouco pragmática direcionada às mulheres de classe média, como das condições ruins das governantas.

Outra fonte de informação importante para os escritos de Langham sobre o trabalho feminino foi a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), que anualmente publicava relatórios sobre suas atividades, prática comum das instituições inglesas

oitocentistas. A partir dessa Sociedade, foram identificados quais grupos de mulheres mais precisavam de emprego: as que gostariam de deixar o cargo de governanta; as que precisavam trabalhar devido a alguma circunstância específica mas, no entanto, não tinham qualificação; as que realizaram trabalho doméstico para parentes, sem nenhum outro treino; as mulheres jovens de 17 a 25 anos de baixa escolaridade, querendo algum cargo mais “nobre” (*genteell*); governantas surdas (segundo o relatório de 1872, esse estado era decorrente de excessivo desgaste mental); além de viúvas e esposas com maridos inválidos e crianças (SOCIETY..., 1872).

Tem-se, então, que outra função da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) era identificar as demandas das mulheres que buscavam inserção profissional ou mudança de profissão. Foi observado que mesmo mulheres sem intenção de trabalho extradoméstico se matriculavam em aulas de contabilidade e escrituração, objetivando auxiliar nas finanças domiciliares. A Sociedade atuava também na coleta de estatísticas do salário das mulheres inglesas e resumia suas reuniões em livros de ata. O livro de Minuta de 1873 da Sociedade, a título de exemplo, exhibe a média salarial das trabalhadoras mulheres em vinte tipos de atividades comerciais (JORDAN, 2021).

Os relatórios da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) dão dicas de profissões que poderiam ser tendência para as mulheres, e criticam profissões que seriam inadequadas, usualmente pelos baixos salários – como, por exemplo, as costureiras – ou por uma restrição moral, no caso das prostitutas. Além de mostrar tendências de empregos para mulheres, isto é, apontar as profissões que estavam se tornando mais populares, os relatórios descrevem brevemente as competências exigidas para as oportunidades de trabalho, e às vezes, mostram o rendimento médio desses ofícios.

Outro objetivo dos relatórios da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) era prestar contas das atividades e empréstimos realizados pela instituição, discriminando os dispêndios nas várias atividades exercidas por suas integrantes. Os efeitos dessa Instituição, todavia, não poderiam ser contabilizados unicamente em seus relatórios, como foi exposto nesse próprio documento:

É fácil dizer quantas mulheres ficaram empregadas com os estabelecimentos associados com a Sociedade [...], mas isso não dá nenhuma ideia do número daquelas que a Sociedade fez com que fossem empregadas, pois os empregadores

são frequentemente induzidos pelas representações da Sociedade para contratar mulheres [...]”¹³⁶ (ANNUAL..., 1864, p. 8).

Desse modo, a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) era impulsionadora de profissões que poderiam se tornar referências de atividades femininas, influenciando a empregabilidade de mulheres que não faziam parte dos estabelecimentos a ela conectados.

Analisamos 4 relatórios da *SPEW*, dos anos de 1859, 1860, 1864 e 1872. Em 1864, o documento mostrou as profissões de cabeleireiras, fotógrafas, escrivães de telégrafo e copistas como as principais tendências profissionais¹³⁷ para as inglesas. Relataram que na primeira metade de 1864, 25 mulheres conquistaram emprego fixo, e 23 obtiveram emprego temporário. Em 1872, por sua vez, 59 mulheres alcançaram emprego fixo, e 95 conseguiram empregos temporários. Os empregos dessas mulheres são expostos na Tabela 5 a seguir; o número de aplicantes a emprego foi 2.514, e 1.477 cartas foram recebidas pela Instituição nesse ano. Essas cartas tinham um conteúdo heterogêneo, sendo de mulheres que buscavam emprego, ou que queriam dicas para se inserirem no mercado de trabalho, dentre outros assuntos. As aplicantes, por sua vez, eram mulheres que buscavam de fato alguma profissão, e por isso se inscreviam na Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) para obterem algum auxílio nessa procura.

Tabela 5 – Empregos propiciados pela *SPEW* em 1872

Emprego fixo	Emprego temporário		Aprendizes		
Contadoras	6	Escrever e realizar cópias	37	Costureira	1
Empregadas Domésticas	6	Costura	22	Produtora de flores	1
Governantas	12	Iluminação	12	Cabeleireiras	2
Professoras	3	<i>Enumeration for London School Board*</i>	11	Confecção de estojos para joias	1
Enfermeiras-Chefe	9	Ler em voz alta	3	Telegrafia	3
Secretárias	2	Colorizar fotografias	3	Contadoras	17
Cuidadora de louco	1	Enfermeira	3		

¹³⁶ No original: “It is easy to say how many women are employed in establishments connected with the Society [...], but this gives no idea at all of the number of those whom the Society has caused to be employed, for employers are frequently induced by the representations of the Society to engage women [...]”.

¹³⁷ Observando os dados do Censo, verifica-se que de fato essas profissões se popularizaram ao longo da segunda metade do século XIX para as mulheres: a quantidade de fotógrafas em 1861 foi 168; em 1871, 694; em 1881, 1.309; e em 1891 foi de 2.469. A categoria de profissionais cabeleireiras e confeccionadoras de peruca (*wigmaker*) cresceu sistematicamente ao longo dos anos também: em 1841 havia 249 mulheres profissionais nessa área; em 1861, 412; em 1871, 1.240; em 1881, 1.309; e em 1891, 2.469. As profissionais envolvidas com telegrafia também se tornaram progressivamente mais numerosas ao longo do tempo: em 1861 havia 213; em 1871, 222; em 1881, 2.228; e em 1891, 4.356 mulheres trabalhavam nessa área (JORDAN, 2002). Não encontramos dados sobre o ofício de copista.

Enfermeiras	7	Empregada doméstica	2		
Auxiliares de escritório	2	Copiar partituras	2	Limpeza de rendas	2
Costureiras	7				
Vendedoras	3				
Impressão	1				
Total	59	Total	95	Total	27

Fonte: SOCIETY (1872, p. 16).

*Não encontramos alguma tradução adequada para a profissão *Enumeration for London School Board*.

É possível constatar, a partir desses relatórios, a atuação limitada da instituição, considerando a quantidade pequena de profissionais que conseguiram suas ocupações diretamente pela Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*). O balanço de pagamentos da Instituição, no entanto, oferece a justificativa para isso, pois os recursos eram escassos, de maneira que a Sociedade não conseguiria expandir suas atividades rapidamente sem recurso financeiro adequado. Também nota-se uma diferença significativa entre a busca por emprego das mulheres e os empregos oferecidos, observando a disparidade entre os números de empregos obtidos (181) com o de aplicantes (2.514) na Sociedade, ou seja, menos de 10% das solicitações de emprego eram bem-sucedidas.

Essas informações retomam o pensamento langhaniano sobre a urgência de se desenvolver capacidades técnicas nas mulheres que buscam empregos e da necessidade de mudança na percepção da sociedade sobre o trabalho feminino. A visão langhaniana era embasada na realidade observada, documentada no censo e nos relatórios de instituições. Não partiam de uma utopia sobre o trabalho feminino, que já na segunda metade do século XIX era uma necessidade para milhares de mulheres inglesas.

4.5 Educação técnica e de qualidade para as mulheres de classe média: a construção da pauta educacional para o grupo de Langham

À medida que o grupo de Langham foi se desenvolvendo, a pauta da educação foi se consolidando, pois um dos motivos para a baixa inserção das mulheres de classe média no mercado de trabalho era o seu pouco treinamento técnico. Como comentamos anteriormente, a educação feminina de classe média era voltada para atividades que tornassem as mulheres mais agradáveis aos homens e adornassem a casa, como, por exemplo, os conhecimentos de piano e de bordado (HERSTEIN, 1985). Esse tipo de educação foi denominado por Bodichon de “educação elegante”, e implicava que não havia uma mentalidade profissionalizante nas mulheres de classe média, e matérias abstratas como aritmética não eram ministradas para elas, o que implicava em baixa habilidade com números (*numeracy*). Como afirmado por

Holloway (2007), o objetivo da educação para as mulheres se baseava em encontrar um marido. Na visão do Grupo, era preciso que as mulheres aprendessem álgebra e que ingressassem em cursos técnicos e superiores para aumentarem sua empregabilidade em profissões que proporcionassem melhor remuneração.

As principais integrantes de Langham que atuaram na causa educacional foram Barbara Bodichon, Elizabeth Garrett, Emily Davies e Jessie Boucherett. Esta última focou suas atividades na educação técnica para as mulheres e as demais buscaram promover a educação superior entre as mulheres de classe média.

O livro de autoajuda de Boucherett, “*Hints on Self Help*” (1863), é acompanhado de uma evidência anedótica ao retratar o despreparo das mulheres para operações matemáticas elementares. A autora narra que numa loja de Londres perguntou se um empreendimento era lucrativo e as empreendedoras não souberam responder.

O grupo de Langham via uma relação clara entre a estrutura educacional vigente e a falta de oportunidades no mercado de trabalho, pois de maneira geral, as mulheres não estavam qualificadas para tarefas que exigissem um preparo técnico e não tinham habilidade com números, o que as tornavam incompetentes para profissões mais especializadas e com boa remuneração.

A partir desse diagnóstico, Boucherett (1863) recomendava que as mulheres fossem autodidatas ou se inscrevessem em aulas de aritmética. Para a autora, essa habilidade seria fundamental para possibilitar o ingresso nas profissões de contadoras em lojas. Algumas especulações sobre possíveis profissões para as mulheres são apontadas como recomendação:

Se as mulheres têm habilidade comercial suficiente para exercerem as profissões de livreira e padeira, por que não poderiam também ser merceiras, vendedoras de roupas, comerciantes de seda, cabeleireiras, &c.? Um ofício provavelmente não é muito mais difícil para ser aprendido do que outro, e a venda de livros, que as mulheres usualmente se dedicam, talvez seja um ofício tão difícil e complicado quanto qualquer outro¹³⁸ (BOUCHERETT, 1863, p. 32).

A Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), como vimos, buscou ajudar as mulheres a se capacitarem para o trabalho, e nesse sentido disponibilizou aulas técnicas, ensinando-as a copiar documentos legais, telegrafia e provendo uma escola de negócios (SOCKWELL, 1995).

¹³⁸ No original: “If women have commercial ability enough to carry on the trade of bookseller and baker, why should they not also be grocers, drapers, silk mercers, hair-dressers, &c.? One trade is probably not much more difficult to learn than another, and the bookselling trade, which women often engage in, is perhaps as difficult and complicated as any”.

As autoras não se restringiram ao apoio do ensino técnico, mas também auxiliaram na inserção das mulheres no ensino universitário. Em Londres, já havia duas instituições de ensino mais avançadas, o *Queen's College* e o *Bedford College*, que, como vimos, foi onde Bodichon estudou. A primeira instituição foi fundada em 1848 por Frederick Maurice e objetivava conceder uma educação de qualidade para as mulheres, em especial às governantas, as quais a partir do certificado do curso poderiam conquistar maiores salários. A instituição existe até hoje e continua sendo direcionada para o sexo feminino. A escola em que Bodichon estudou, por sua vez, foi fundada por Elizabeth Reid no ano de 1849.

Essas instituições, todavia, como comentado por Stephen (1927), eram “[...] praticamente equivalentes ao que hoje é denominado de escolas secundárias [...]”¹³⁹ (p. 13), sem dormitórios e sem o mesmo rigor e exigência de uma universidade tradicional. A partir desse cenário, em 1862, Emily Davies e outras integrantes do grupo de Langham buscaram convencer as universidades tradicionais, como Cambridge e Oxford, a admitirem mulheres em seus exames locais, e formaram um comitê específico para essa pauta. Os exames objetivavam comprovar o conhecimento do indivíduo em determinada matéria, porém tal proposta foi recebida com desconfiança pelos membros dessas universidades, que temiam que o ingresso de mulheres nos exames universitários levasse a uma perda de credibilidade dessas certificações. As universidades propuseram um exame específico para as mulheres, mas isso foi contestado pelas feministas inglesas, pois queriam ser avaliadas com o mesmo nível de exigência e rigor que os homens, para que desse modo conquistassem o reconhecimento da sociedade (STEPHEN, 1927). Emily Davis ressaltava que não se sabia com exatidão quais as diferenças intelectuais entre homens e mulheres, e por isso, não havia razão para uma separação de gênero nos exames universitários.

Em 1868, a London University permitiu que as mulheres realizassem “exames locais” nas matérias de clássicos e de ciência. Dez anos depois, as mulheres finalmente foram admitidas para realizarem os exames locais de quaisquer disciplinas nessa Instituição (STEPHEN, 1927). Tal procedimento foi essencial para o próximo passo que o grupo de Langham deu na área educacional: o acesso das mulheres às universidades.

Emily Davies esboçou um programa de matérias para uma hipotética universidade direcionada ao público feminino e imprimiu 20 cópias a fim de divulgar a possíveis interessadas na causa. Em 1867, formou um comitê específico com o objetivo de construir uma universidade feminina. Essa pauta foi materializada com o *Girton College*, construído

¹³⁹ No original: “[...] practically equivalent to what would now be called secondary schools [...]”.

com a meta de ser uma universidade de excelência técnica destinada às mulheres, moldada ao estilo das universidades tradicionais e com maior influência na sociedade. Esta instituição é considerada por muitos autores a primeira universidade para as mulheres devido a essas qualidades supracitadas (SOCKWELL, 1995).

O *Girton College* existe atualmente de maneira integrada à Universidade de Cambridge e foi planejado previamente em artigos do *English Woman's Journal (EWJ)*, discussões na Associação Nacional para a Promoção das Ciências Sociais (*NAPSS*) e em cartas entre as integrantes do grupo de Langham até ser fundado no ano de 1869 (STEPHEN, 1927). Objetivava fornecer uma boa qualificação na preparação de mulheres destinada aos exames externos de universidades tradicionais para validar o conhecimento das alunas, e assim, auxiliá-las no mercado de trabalho. Também buscava formar profissionais capacitadas para seus ofícios, tais como professoras e governantas, que com o diferencial de uma educação superior, poderiam almejar maiores salários.

A partir das ações do grupo de Langham, percebemos que variáveis econômicas de extrema importância, como a educacional, são fruto da cultura. A validação social da existência de mulheres trabalhadoras de classe média precisou ser predicada por uma intelectualidade feminina disposta a imaginar a possibilidade de mulheres com boas capacidades técnicas. Logo, materializaram esse ideal propiciando ensino técnico para prontamente qualificá-las ao mercado de trabalho e ensino superior a ser validado em testes de admissão padronizados, com o mesmo fim.

Esse fato histórico representa a importância da colaboração conjunta para um ideal a ser buscado. Evidentemente, as condições financeiras das integrantes do Grupo, como notamos em suas biografias, permitiram a concretização desses sonhos, mas nada disso teria sido obtido sem a construção de uma intelectualidade feminina autônoma, pronta a desbravar os limites impostos aos estudos das mulheres. Se hoje temos mulheres que estudam toda sorte de ramos do saber, devemos isso em parte às ativistas de Langham Place.

4.6 A análise de Langham sobre os efeitos da legislação inglesa nas atividades econômicas das mulheres

A discussão legislativa voltou a protagonizar o ativismo de Langham nas décadas de 1870, 1880 e 1890 por meio da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*), que utilizou evidências para criticar restrições legislativas ao emprego feminino. A Sociedade

possuía predominantemente uma perspectiva econômica liberal para o trabalho feminino e criticou restrições específicas às mulheres adultas, que ficaram mais comuns com as sucessivas promulgações dos *Factory Acts*, *Shop Acts* e *Workshop Acts*, atos legislativos de regulamentação do trabalho em fábricas, lojas e indústrias inglesas, direcionados principalmente ao trabalho de crianças, menores de idade e mulheres.

Apesar da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) ter sido criada em 1859, é apenas nas décadas finais do século XIX que a pauta das legislações trabalhistas se destaca como uma das principais causas dessa Associação. Atribuímos esse fato a duas causas: que os *Factory Acts* inicialmente buscaram proteger crianças e menores de idade e só com o passar do tempo estenderam seu escopo para o trabalho feminino. Além disso, inicialmente a legislação afetou mais as trabalhadoras pobres, como, por exemplo, com o Ato das Minas, proibindo as mulheres de trabalharem no subsolo. Os *Shop Acts* da década de 1880, que regulavam o funcionamento das lojas, foram bastante criticados e analisados pela Sociedade por atingirem sobretudo a classe média feminina.

As reflexões da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) foram reunidas e resumidas no estudo sobre os *Factory Acts* das autoras Jessie Boucherett, Helen Blackburn e outras escritoras¹⁴⁰ no livro intitulado “*A condição das trabalhadoras e os Factory Acts*”¹⁴¹. Tal obra utiliza dados para analisar a situação laboral feminina.

Embora tenha sido publicado em 1896, após o término do grupo de Langham, o livro “*A condição das trabalhadoras e os Factory Acts*” consolida várias ideias desenvolvidas nas atividades do coletivo inglês. Definir o grupo apenas em sua fundação e término pode limitar a análise dos fatos que aconteceram antes da formalização do grupo e após seu término. Então buscamos analisar esse texto para expandir a pesquisa em um tema de suma importância para a história do trabalho inglesa e para as pautas econômicas do ativismo feminista.

As medidas regulatórias do trabalho foram implementadas a partir de 1802 na Inglaterra (COX, 1914) e, como expusemos anteriormente, focavam principalmente em melhorar as condições empregatícias de crianças, jovens e mulheres e, em alguns casos também, de homens adultos (COX, 1914). Algumas das principais alterações feitas no período oitocentista no que concerne às mulheres são listadas no Quadro 1.

¹⁴⁰ Na primeira página do livro, as autoras apresentadas são Jessie Boucherett, Helen Blackburne e “some others”, ou seja, outras autoras que não apareceram no livro também contribuíram para a obra. O capítulo 6 expõe um relatório da *SPEW*, cujas autoras são Helen Ogle Moore e Edith Hare. O capítulo 4 foi escrito apenas por Jessie Boucherett, e o capítulo 5 apenas por Helen Blackburn. Os demais capítulos não são assinados.

¹⁴¹ No original: “The Condition of Working Women and the Factory Acts”.

Quadro 1 – Principais atos legislativos que alteraram a condição das mulheres em meados do século XIX

Ano	Legislação	Alteração para as mulheres
1842	Mines Act (Ato das Minas)	As mulheres foram proibidas de trabalhar no subsolo.
1847	Factory Act/ Ten Hour Act (Ato das Fábricas / Ato das Dez Horas)	As mulheres que trabalhavam em fábricas têxteis foram limitadas a trabalharem até 10 horas por dia ou 10 horas e meia se o sábado fosse meio turno.
1850/1853	Factory Act (Ato das Fábricas)	Trabalhadoras nas fábricas eram restritas a trabalhar no período entre 6 da manhã e 6 da tarde.
1867	Workshops' Regulation Act (Ato de Regulação das Oficinas)	Mulheres foram restritas a trabalhar 12 horas ao dia, com 1 hora e meia para intervalos destinados à alimentação. Elas também não poderiam ser empregadas após às 2 da tarde nos sábados em estabelecimentos de médio e grande porte (com mais de 5 empregados).
1878	Factory Act (Ato das Fábricas)	Mulheres foram proibidas de trabalhar mais de 56 horas na semana e foram proibidas de trabalharem com alvaiade.
1883	Shop Hour Bill	Limitação das horas de trabalho das mulheres nas lojas.

Fonte: Elaboração própria, com base em Auchmuty (1975), Cox (2017), Lahiri-Dutt (2020), Moss (2021) e UK Parliament (2021).

No livro “*A condição das trabalhadoras e os Factory Acts*”, as autoras expõem pesquisas empreendidas pela Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) para analisar indústrias e fábricas em que as mulheres trabalhavam, investigando os efeitos das legislações para o trabalho feminino na prática. Elas adotaram um liberalismo pragmático, averiguando o efeito da lei diretamente por meio das evidências obtidas a partir da realidade das trabalhadoras, ou seja, não afirmavam de maneira apriorística que qualquer intervenção estatal no trabalho seria danosa, preferindo, ao contrário, observar a eficácia prática dessa intervenção.

No capítulo 5 do livro “*A condição das trabalhadoras e os Factory Acts*”, as autoras mostram um relatório de uma pesquisa feita pela *SPEW* que avaliava as condições empregatícias das mulheres que trabalhavam com alvaiade¹⁴². Das cinco fábricas de Newcastle, visitaram quatro, onde as trabalhadoras foram entrevistadas; chegaram à conclusão de que mesmo o trabalho tendo a possibilidade de intoxicação, as mulheres desempenhavam bem suas funções, sabendo se proteger das toxinas e a atividade profissional era digna. Concluíram, portanto, que a proibição do trabalho feminino nessa indústria pelos *Factory Acts* de 1878 era prejudicial às mulheres (BOUCHERETT et al., 1896).

¹⁴² Alvaiade é um pigmento branco, geralmente utilizado em pinturas.

As pesquisas realizadas pelas *SPEW* ressaltam algo crucial para essa organização: consultar as mulheres nas questões que alterarariam suas vidas, e mostrar ao Estado e à sociedade o ponto de vista feminino, que poderia ter nuances diferentes e novas perspectivas, desconhecidos pela invisibilidade do pensamento da mulher.

Além de pesquisas, elas também utilizaram evidência anedótica no livro. Relataram, por exemplo, que as mulheres que entravam no trabalho mais cedo, às 4 horas da manhã, para evitar um período de muito calor no verão, foram proibidas de realizar isso pelos inspetores, que estavam seguindo restrições impostas pelo *Factory Act* de 1853. Essa legislação, então, prejudicou a qualidade de vida dessas mulheres, as quais tiveram que voltar a trabalhar no horário convencional a partir das 6 horas da manhã e suportar o calor.

Nos textos das Minutas da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres¹⁴³ (*SPEW*) encontramos uma ilustração de como eram realizadas as pesquisas por essa Instituição. As seguintes perguntas (JORDAN, 2021) foram feitas para mulheres que trabalhavam nos comércios ingleses para averiguar o efeito da *Shop Hours Bill* no emprego feminino:

- (a) Quais eram as suas ocupações?
- (b) Quantas são as horas de trabalho?
- (c) Essas horas de trabalho são iguais em todos os meses do ano?
- (d) Se, onde homens cujas horas são ilimitadas poderiam ser empregados nas mesmas funções, é provável que o trabalho masculino seja contratado em vez do feminino? (JORDAN, 2021)¹⁴⁴

Tais indagações buscaram perscrutar informações dos trabalhos das mulheres, para que assim pudessem coletar evidências sobre as possíveis consequências da legislação restritiva ao trabalho. É preciso destacar que a *SPEW* tinha dificuldade de acesso a esses dados, o que a levou a engajar-se diretamente em sua coleta. A Minuta de 1898 da *SPEW* (JORDAN, 2021), a título de exemplo, relata que a Senhora Roberts, uma integrante da Sociedade, teve seu requerimento para o Departamento de Trabalho do governo inglês a respeito das estatísticas empregatícias das mulheres negado, o que impossibilitou uma análise dos efeitos econômicos da legislação restritiva ao emprego feminino.

¹⁴³ Os textos das Minutas da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) foram obtidos por mensagem eletrônica pela pesquisadora Ellen Jordan, que gentilmente enviou esses documentos.

¹⁴⁴ No original: “(a) What was their business? (b) What their hours of work? (c) Are these hours equal at all times in the year? Whether, where men whose hours are unlimited could be employed in the same functions, it is likely that male labour will be taken instead of female?”

As integrantes da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) não se restringiram às informações colhidas e utilizaram relatórios de outras instituições, como o Relatório dos Inspetores das Fábricas (*Reports of the Inspectors of Factories to her majesty's principal secretary of state for the home department*). O documento relatava que 500 empregadores foram multados por empregar 1.690 mulheres que trabalhavam em condições inadequadas segundo os *Factory Acts* durante os anos de 1870 a 1891. A lista a seguir (Figura 10), com informações desses Relatório, foi exibida no livro “*A condição das trabalhadoras e os Factory Acts*” e demonstrava que as restrições para as mulheres eram descumpridas usualmente.

Figura 8 – Lista retirada do Relatório dos Inspetores das Fábricas mostra a quantidade de mulheres que descumpriram as restrições dos *Factory Acts*

A.

352 women gave cause to offend by working on Saturday half-holiday.

133 women gave cause to offend by working on special holidays.

652 women gave cause to offend by working on ordinary days beyond allotted hours.

343 women gave cause to offend by taking meals at wrong hours or in wrong places.

Fonte: BOUCHERETT et al. (1896, p. 68). Parte do livro “*The Condition of Working Women and the Factory Acts*”.

Comparando o Relatório dos Inspetores de 1857 (REPORTS..., 1857) com o de 1871 (REPORTS..., 1871) observamos que naquele não foi registrada nenhuma infração relativa ao trabalho feminino, que na década de 1850 não era detalhadamente controlado. No relatório de 1871, por sua vez, as mulheres estão presentes em uma série de infrações, como por exemplo, trabalhar à noite, trabalhar depois das 14h aos sábados, trabalhar na hora das refeições, dentre outras (ver REPORTS..., 1871, p. 5).

As integrantes da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) também utilizaram dados de outros três relatórios estatísticos do emprego feminino¹⁴⁵ feitos de maneira independente da Sociedade. A partir desses dados, averiguaram que 25% das

¹⁴⁵ *Report by Miss Collet on the Statistics of Employment of Women and Girls* (1894), *Report of the chief Inspector of Factories and Workshops for 1894* e *The Report on the Employment of Women* (1893).

mulheres inglesas recebiam menos que 10 *shillings*, valor insatisfatório para uma condição de vida minimamente confortável. Para essas mulheres, então, um acréscimo de renda com horas extras seria importante para o bem-estar, de maneira que a proibição de horas extras prejudicava esse grupo de mulheres mais pobres. Vale ressaltar, entretanto, que a Sociedade evidentemente era contrária às horas extras não remuneradas, prática exploratória comumente aplicada às chapeleiras e costureiras.

Com uma postura pragmática, diante da realidade econômica, Boucherett e Blackburne (BOUCHERETT et al., 1896) perceberam que as restrições também não contemplavam uma miríade de casos em que uma flexibilidade de horas de trabalho é necessária, como quando havia uma demanda inesperada e que precisaria ser atendida em pouco tempo, além de indústrias específicas tais como a de lavanderia, onde é necessário que o trabalho seja realizado à noite para servir hotéis e embarcações de navio, dentre outros casos com suas próprias especificidades em que as horas extras seriam de suma importância.

Cabe enfatizar que a Sociedade para Promover o Emprego Feminino (*SPEW*) e suas integrantes não eram contra todas e quaisquer medidas restritivas e protetivas ao mercado de trabalho (HOLLOWAY, 2007). O que contestavam eram as restrições específicas para as mulheres adultas, em sua ineficácia para casos concretos, o que atestava a falta de compreensão da classe política em relação às necessidades das mulheres. Além disso, essas medidas davam vantagens indevidas aos homens, e o comitê da Sociedade expôs explicitamente essa crítica: “Este Comitê é de opinião veemente que qualquer lei que limite a jornada de trabalho de mulheres adultas, ao mesmo tempo em que não limite a de homens adultos, será prejudicial às mulheres”¹⁴⁶ (JORDAN, 2021, p. 13). Essas ativistas contestavam o fato da legislação trabalhista discriminar as mulheres, e objetivavam uma legislação que protegesse tanto as mulheres quanto os homens de trabalhos em condições insalubres.

É importante ressaltar, entretanto, que a opinião da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) não refletia necessariamente a percepção geral das mulheres sobre os *Factory Acts*. Pode-se citar o fato de Cox (1914) ressaltar a importância dessas medidas legislativas para a higiene das fábricas, assim como para a diminuição dos acidentes laborais, e afirmava que a maioria das trabalhadoras entrevistadas em sua pesquisa aprovaram as medidas estatais.

As pesquisas oitocentistas empreendidas em fábricas e manufaturas, embora tenham sua importância pelo pioneirismo e forneçam valiosas informações sobre a Revolução

¹⁴⁶ No original: “This Committee is strongly of the opinion that any law which limits the working hours of adult women while it does not limit those of adult men will prove injurious to women”.

Industrial, são limitadas pela falta de metodologia adequada no que diz respeito à seleção da amostra consultada. Isso levanta dúvidas sobre a qualidade das informações disponíveis. Não por acaso, todas as mulheres que eram favoráveis aos *Factory Acts* foram entrevistadas por autores que concordavam com a restrição, e as mulheres contrárias à legislação foram abordadas pela Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*).

Os exemplos práticos e as pesquisas da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) evidenciaram que os *Factory Acts*, apesar de serem em teoria recomendações cavalheirescas de proteção às mulheres, acabaram por atrapalhá-las e, em alguns casos, agravavam suas condições de trabalho. Como afirma Helen Blackburn no capítulo 5: “O legislador gentil que deseja proteger as mulheres porque elas são desassistidas e ignorantes apenas aumenta o desamparo delas, tratando-as como irremediavelmente desamparadas”¹⁴⁷ (BOUCHERETT et al., 1896, p. 69).

As autoras aprofundaram a análise e escreveram que essa suposta benevolência dos homens era uma forma de camuflar o seu real objetivo de retirar as mulheres de boas profissões, pois a partir das restrições impostas às mulheres, os empregadores passariam a contratar apenas homens, que teriam maior poder de barganha para salários altos. Para ilustrar essa questão, as autoras expuseram um exemplo da indústria de cerâmica, em que os homens eram remunerados a 50 *shillings*¹⁴⁸ e as mulheres, de 16 *shillings* a 24 *shillings*. Um representante do sindicato, e suposto defensor das mulheres, pediu em uma carta que o empregador contratasse *apenas homens*, criticaram esse ponto de vista, defendendo que a reivindicação de igualdade de salários provocaria o aumento do desemprego entre as mulheres:

[...] eles agora declaram uma ansiedade de que as mulheres deveriam ter os mesmos salários que eles, sabendo que se essa demanda for concretizada as mulheres serão excluídas tão eficazmente quanto antes¹⁴⁹ (BOUCHERETT et al., 1896, p. 32).

Essa análise vai ao encontro do argumento que Holloway (2007) afirmou em seu livro “*Women and Work in Britain since 1840*” que homens trabalhadores foram contrários à inserção da mulher no mercado de trabalho: “Sempre que os homens pensavam que as mulheres estavam invadindo seu território, eles usavam todos os seus poderes para resistir à

¹⁴⁷ No original: “The kindly legislator who wishes to protect women because they are helpless and ignorant only makes that helplessness greater by treating them as hopelessly helpless”.

¹⁴⁸ Unidade monetária britânica.

¹⁴⁹ No original: “[...] they now profess an anxiety that women should get the same rates as themselves, knowing that if that demand is made the women will be quite as effectually excluded as before”.

incursão”¹⁵⁰ (HOLLOWAY, 2007, p. 46). A historiadora também relatou que sindicalistas utilizavam da promoção de legislação restritiva para excluir as mulheres do mercado de trabalho.

A mesma atitude hostil dos homens em relação às mulheres no ambiente de trabalho foi observada na indústria tipográfica. Faithfull, empreendedora no ramo da indústria tipográfica, relatou algumas das maneiras pelas quais os homens atrapalhavam as aprendizes: “[...] seus moldes e bancos foram cobertos de tinta para destruir de surpresa seus vestidos, as cartas foram misturadas em suas caixas [...]”¹⁵¹ (FAITHFULL, 1884, p. 24-25). As mulheres também foram excluídas por muito tempo do sindicato dos trabalhadores da indústria gráfica no Reino Unido, a *Union of Printing and Paper Workers*. Este sindicato admitiu a entrada de mulheres apenas a partir de 1904. Em um artigo do *English Woman’s Journal (EWJ)*, foi relatado que havia um esforço para impedir as mulheres de se destacarem em outras áreas, além das usuais destinadas à mulher vitoriana:

Tudo foi feito para evitar que as mulheres se destaquem em outros departamentos, não por uma malícia deliberada, mas de acordo com uma teoria pré-concebida sobre a esfera feminina; as mulheres foram excluídas de todas as instituições onde os rapazes se qualificavam para a vida ativa [...]”¹⁵² (ON..., 1858, p .6-7).

Esses questionamentos langhanianos trazem à tona a importância do poder para a análise econômica, tema frequentemente negligenciado por economistas. Os detentores do poder buscam subjugar os outros indivíduos a partir de suas convicções e anseios, moldando inclusive seu papel econômico. Eucken (1998[1969]) denuncia que a “[...] história das ideias está cheia de tentativas de consolidação ideológica do poder” (EUCKEN, 1998[1969] , p. 20, tradução de M.L. Gameiro dos Santos), o que torna ainda mais importante a ação e pensamento de grupos como o de Langham, que expunham todas as dificuldades das mulheres.

Dentro dessa discussão sobre a legislação trabalhista, as autoras problematizam a falta de representação das mulheres nas decisões do Estado, pois os sindicatos eram em sua grande maioria compostos por homens, e a voz das mulheres não era contemplada nessa discussão.

¹⁵⁰ No original: “Whenever men thought that women were trespassing on their territory, they would use all their powers to resist the incursion”.

¹⁵¹ No original: “[...] their frames and stools were covered in ink to destroy their dresses unawares, the letters were mixed up in their boxes [...]”.

¹⁵² No original: “Everything has been done to prevent women excelling in other departments, not out malice prepense, but according to a pre-conceived theory as to their proper sphere; they have been debarred from all those institutions where young men fit themselves for active life [...]”.

Se as mulheres de fato quisessem restrições, segundo as autoras Boucherett e Blackburn, elas se organizariam para redigir petições com esse objetivo.

Uma questão que pode ser suscitada a partir dessa análise é por que os homens não fizeram, conjuntamente com as restrições às mulheres adultas, legislações para a proteção do trabalho masculino. Por meio dos Relatórios dos Inspetores das Fábricas, observamos que os homens eram os que mais sofriam acidentes (ver Figura 11). Seria importante analisar essa quantidade relativamente à quantidade de trabalhadores homens e mulheres; mesmo assim, essa diferença absoluta já indica as más condições de trabalho dos homens no âmbito laboral. Talvez, por uma questão classista, os trabalhadores homens não tivessem empatia dos legisladores ingleses, e foram tratados indiretamente como descartáveis, ou que preferiam a exclusão do trabalho feminino a ter condições mais justas para ambos os sexos no ambiente de trabalho, outra hipótese é de que os salários eram tão baixos, de maneira que para se manter era necessário trabalhar sem restrição alguma.

Figura 9 – Quantidade de acidentes nas fábricas relatados por Robert Baker durante 6 meses até o dia 30 de abril de 1873

Nature of Injury.	Adults.		Young Persons.		Children.		Total.		
	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M.	F.	M. & F.
Causing death - - -	58	2	16	-	5	-	79	2	81
Amputation of right hand or arm	8	4	3	-	3	2	14	6	20
Amputation of left hand or arm	5	1	3	1	1	-	9	2	11
Amputation of part of right hand	33	13	22	20	17	7	72	40	112
Amputation of part of left hand	30	14	24	17	9	8	63	39	102
Amputation of any part of leg } or foot - - - - - }	8	1	1	-	-	-	9	1	10
Fracture of limbs or bones of } trunk - - - - - }	45	2	39	4	5	-	89	6	95
Fracture of hand or foot - -	22	10	16	8	13	3	51	21	72
Injuries to head and face -	60	18	22	16	9	8	91	42	133
Lacerations, contusions, and } other injuries not enumerated } above - - - - - }	495	98	342	146	76	37	913	281	1194
Total reported - - -	764	163	488	212	138	65	1390	440	1830

Fonte: REPORTS... (1871, p. 97). Obs.: M. (*Male*) representa os homens e F. (*Female*) representa as mulheres.

É preciso ressaltar que, embora a Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*) tenha utilizado e coletado dados, nem todas as suas afirmações estavam embasadas em observações empíricas. Os comentários sobre as profissões mais comuns das mulheres, como, por exemplo, de governanta, são assumidos como verdadeiros, embora como vimos nos dados censitários (Tabela 4), a profissão de governanta representa menos de um por cento das atividades empreendidas pelas mulheres.

Concluimos neste capítulo que o ativismo econômico de Langham utilizou pesquisas e evidências de diversas naturezas, centralizado principalmente no trabalho das mulheres de classe média, com a finalidade principal de propor mudanças no mercado de trabalho que estimulassem o trabalho feminino.

5 CONCLUSÃO

Analisamos, nos capítulos anteriores, o pensamento econômico do grupo de Langham Place a partir das obras de suas principais integrantes – Bodichon, Boucherett e Parkes –, por meio do jornal independente que o Grupo publicou, *the English Woman's Journal (EWJ)*, e também de sua prática na sociedade, voltada principalmente para a expansão do emprego das mulheres inglesas de classe média. Após uma contextualização do Grupo, verificamos a importância da Economia Política para essa organização se consolidar no debate público inglês e promover o emprego das mulheres. Examinamos a solução langhamiana para os problemas das chamadas mulheres redundantes, bem como as evidências censitárias, de relatórios de organizações ou mesmo anedóticas embasaram o pensamento crítico do Grupo.

O grupo de Langham pode ser contextualizado dentro da Economia Feminista como precursor de análises econômicas que colocam o gênero como variável fundamental para se estudar a empregabilidade. As economistas de Langham Place realizaram experimentos e pesquisas, buscando averiguar quais as profissões seriam adequadas para as mulheres, e também investigaram o efeito das leis trabalhistas restritivas ao trabalho feminino por meio de entrevistas em estabelecimentos comerciais. Podemos caracterizá-las, nesse sentido, utilizando a nomenclatura de Duflo (2017) como “economistas encanadoras”.

Observamos que o feminismo inglês oitocentista do grupo de Langham era pragmático, focado em questões econômicas e cauteloso, aderindo ao conservadorismo inglês tanto nas propostas quanto na prática, mesclando os valores tradicionais vitorianos com ideias progressistas de inclusão das mulheres no mercado de trabalho. O Grupo foi importante também para incentivar a intelectualidade feminina, tanto por fornecer um local de leitura e discussão em Londres, quanto por ter empreendimentos e periódico próprios, que estimularam a disseminação das ideias das mulheres.

Com este estudo, percebemos a importância do grupo de Langham na ampliação dos caminhos profissionais para as mulheres e no combate ao preconceito contra trabalhos que não fossem considerados *lady-like*. O legado desse Coletivo está consolidado em suas instituições que existem até hoje, como, por exemplo, o *Girton College* e o *Futures for Women*, originado a partir da Sociedade para Promover o Emprego das Mulheres (*SPEW*).

Além desse legado material, herdamos o legado simbólico de uma narrativa que valorizasse a inserção das mulheres no mercado de trabalho e buscasse inculcar nos ingleses o evangelho do trabalho feminino, ou seja, a ideia de que o trabalho edificaria a mulher.

O estudo sobre o grupo de Langham, todavia, não se esgota com este trabalho, outros recortes temáticos podem ser feitos a partir desse objeto de pesquisa. Uma possibilidade é aprofundar em alguns tópicos específicos, como por exemplo, o ativismo das mulheres vitorianas em prol da educação superior. Outra extensão possível é analisar as cartas das integrantes por meio do arquivo de *Girton College* para compreender de que maneira o conhecimento econômico das autoras foi compartilhado. Ademais, seria interessante comparar o pensamento langhamiano com o pensamento de outras mulheres oitocentistas que escreviam sobre temas econômicos para se formar um panorama geral do pensamento econômico das mulheres na segunda metade do século XIX.

Algumas depreensões podem ser obtidas a partir deste estudo, em especial reflexões sobre as diferenças entre a condição econômica das mulheres oitocentistas e na contemporaneidade e à análise se os prognósticos das integrantes de Langham se mostraram genuínos com o passar dos anos. Em diversas passagens de textos relacionados ao Grupo, é afirmado que a diferença salarial das mulheres e sua baixa empregabilidade estaria relacionada à pouca capacitação técnica e educacional feminina. Esperaríamos, então, que numa sociedade que as mulheres estudassem mais que os homens, teriam maior empregabilidade e salários pelo menos equivalente ao deles. Não é isso, todavia, que acontece atualmente, quando as mulheres constituem a maioria dos estudantes no ensino superior e, no entanto, recebem menos e, portanto, continuam sendo discriminadas do mercado de trabalho (FERNANDEZ, 2019).

Ainda no tocante às diferenças entre o feminismo oitocentista e contemporâneo, podemos afirmar que este último está presente na mídia, em artigos de consumo, promulgado em leis e tem pautas mais amplas que a de Langham. De fato, assédio sexual, crítica cultural de músicas, livros e filmes por meio da ótica de gênero, além da busca por representação feminina em espaços de poder, tais como na política ou em cargos de alto escalão em empresas são alguns exemplos das pautas feministas contemporâneas. Notadamente, o feminismo como prática e ideologia conquistou muitos direitos para as mulheres, que possuem maior proteção do Estado em casos de violência doméstica, e ocupam mais tipos de profissões do que no século XIX.

No entanto, nem tudo melhorou ao longo desses anos de movimento. O pragmatismo inglês voltado a resolver questões concretas das mulheres e sua característica conciliadora

nem sempre estão presentes atualmente, numa sociedade em que as feministas diminuíram a possibilidade de diálogo frente a outros grupos sociais pela prática de cancelamento, por exemplo. Podemos aprender com o grupo oitocentista inglês a sermos mais empáticas e focarmos nas ações possíveis de serem mudadas.

Por fim, o resgate do pensamento langhamiano exemplifica a importância de que grupos minoritários se organizem para que conquistem seus direitos. Se colocando, então, não como vítimas das circunstâncias, mas protagonistas de reformas e adaptações em um mundo que constantemente precisa abrigar novas necessidades e sonhos de seus habitantes.

Estudar o grupo de Langham traz um resgate bipartido, tanto do progressismo feminista, e de um conservadorismo pragmático, uma vez que as integrantes dessa organização buscavam sobretudo promover a liberdade das mulheres sem abandonar valores importantes para sociedade vitoriana, como o cristianismo. Ademais, com muito cuidado e responsabilidade, buscaram dialogar com grupos conflitante e não condenaram as mulheres que gostariam de continuar apenas cuidando de casa. O que as langhamitas buscaram foi uma expansão das possibilidades das mulheres e eram contrárias ao dogmatismo quanto ao papel da mulher na sociedade.

Que não quedemos parados em uma glória vã do passado, nem em um estado de vítima das circunstâncias presentes, mas que sigamos a ideia aristotélica de que vida é movimento, e que podemos então atuar para uma sociedade mais justa, com mais oportunidades e, por que não, mais produtiva.

REFERÊNCIAS

- A STATEMENT, of the Views and Plans of the Society for Promoting the Employment of Women. Annual Reports, bound volumes of photocopies: Volume 1, 1859-1860, GBR/0271/GCIP SPTW 1/3/4/1, GCIP SPTW 1/3/4/1. Girton College Archive, p. 1-8, 1859.
- ALLEN, Robert C. Why the industrial revolution was British: commerce, induced invention, and the scientific revolution 1. **The Economic History Review**, v. 64, n. 2, p. 357-384, 2011.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- ANDERSON, Bonnie S. **Joyous Greetings: The First International Women's Movement, 1830-1860**. New York: Oxford University Press, 2000.
- ASSOCIATION for promoting the employment of women. **The English Woman's Journal**, Londres, v.4, p. 54-60, set. 1859.
- AUCHMUTY, Rosemary Katherine et al. **Victorian spinsters**. Austrália, 1975. Tese de doutorado – Australian National University.
- BBC NEWS. **Cambridge college unveils blue plaque for ‘pioneering’ women founders**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-cambridgeshire-48831780>>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- BELLOC, Bessie R. Parkes. Barbara Leigh Smith Bodichon. **The Englishwoman`s Review of Social and Industrial Questions**, New York and London: Garland Publishing, v. 22, n. 210, p. 145- 149, jul. 1891.
- BERGMAN, Gerald. The history of the human female inferiority ideas in evolutionary biology. **Rivista di biologia**, v. 95, n. 3, p. 379-412, 2002.
- BERTAUX, Nancy E. Gender in economics and the gender of economists: an historical perspective. **Borderlands of economics**, p. 109-130, 1997.
- BLACKBURN, Helen. **Women's suffrage**. Oxford: Source Book Press, 1902.
- BLACKWELL family. **Papers, 1835-1963**, Folder 22. Biographical material. Articles re: Elizabeth Blackwell. “Elizabeth Blackwell, M.D.”, *The English Woman’s Journal*, April 1, 1858 by Anna Blackwell, “Because these women dared”, by Alice Stone Blackwell, *The Civic Pilot*, March 1924; “Elizabeth Blackwell, M.D.”, *The Medical Woman’s Journal*, January 1926. Disponível em: <http://pds.lib.harvard.edu/pds/view/46883223> seq. 2
- BODICHON, Barbara L. Smith. A Brief Summary, in Plain Language, of the Most Important Laws Concerning Women: Together with a Few Observations Thereon (1854). In: LACEY, C. A. (Ed.). **Barbara Leigh Smith Bodichon and the Langham Place Group**. London and New York: Taylor & Francis, p. 23-35, 2013.

_____. **Opinions of John Stuart Mill and BB's comments on same, 1849 - 1860**, GBR/0271/GCPP Bodichon 4/2, Container: GCPP Bodichon 4/2. Girton College Archive.

_____. **Women and Work (1857)**. In: LACEY, C.A. (Ed.), **Barbara Leigh Smith Bodichon and the Langham Place Group**. London and New York: Taylor & Francis, p. 36-73, 2013.

BOLDIZZONI, Francesco. **Capital, Class, and Empire: Nineteenth-Century Political Economy and Its Imaginary**. In: BRECKMAN; GORDON (Eds.), **The Cambridge History of Modern European Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 131-150.

BOUCHERETT, Emilia J. **Hints on Self-Help: A Book for Young Women**. London: SW Partridge, 1863.

_____. **Overworked dressmakers and the Short Hours' Bill**. **The English Woman's Journal**, Londres, v. 12, n. 78, p. 305-308, jan. 1864.

_____. **How to provide for superfluous women**. In: JEX-BLAKE, S.; BUTLER, J. E. G. **Woman's Work and Woman's Culture: a Series of Essays**. London: Macmillan, p. 27-48, 1869.

_____; BLACKBURN, Helen. **The condition of working women and the Factory Acts**. London: Elliot Stock, 1896.

_____. **The industrial movement**. In: STANTON, T. **The Woman Question in Europe: A Series of Original Essays**. Nova Iorque: G.P. Putnam & Sons, 1884, p. 90 - 107.

_____. **The Work We Have to Do**. **Englishwoman's Review**, v. 1, p. 4-5, 1866.

BRINJIKJI, Hiam. **Property Rights of Women in Nineteenth-Century England**. Disponível em: <<http://www.umd.umich.edu/casl/hum/eng/classes/434/geweb/property.htm>>. Acesso em: jun. 2021.

BROWNING, Elizabeth B. **Delphi Complete Works of Elizabeth Barrett Browning**. Hastings: Delphi Classics, 2013.

BURTON, Hester. **Barbara Bodichon, 1827-1891**. London: J. Murray, 1949.

BUTLER, Josephine Elizabeth Grey. **The education and employment of women**. Liverpool: T. Brakell, Printer, 1868.

CAINE, Barbara. **English Feminism, 1780-1980**. Oxford: OUP Oxford, 1997.

CANOT, Coralie. **The Undesirable Spinster: The Organized Emigration of British Single Women 1851-1914**, 2013.

CARLYLE, Thomas. **Past and present**. New York: C. Scribner's sons, 1918.

CENSUS of Great Britain, 1851. **Population Tables. 1. Numbers of the inhabitants. Report, and summary tables**. London: W. Clows and Sons, 1852.

CHRISTIAN LIBERTY AND ITS COOUNTERFEIT. **The English Woman`s Journal**, Londres, n. 60, v. X, p. 361- 369, fev., 1863.

CLARK, Gregory. **A farewell to alms: a brief economic history of the world**. New Jersey: Princeton University Press, 2008.

COX, Irene. Factory laws affecting women and children. **Charity Organisation Review**, v. 35, n. 206, p. 70-79, 1914.

COX, Pamela. Shop girls, social history and social theory. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 5, p. 243-271, 2017.

CRAIG, Isa. Emigration as a Preventive Agency. **The English Woman`s Journal**, London, v.2, n. 11, p. 289-297, jan. 1859.

DENT, Robert Kirkup. **Old and new Birmingham: a history of the town and its people**. Birmigham: Houghton and Hammond, 1880.

DIMAND, Mary A.; DIMAND, Robert; FORGET, Evelyn (Ed.). **Women of value**. Aldershot e Brookfield: Edward Elgar Publishing, 1995.

_____. **A biographical dictionary of women economists**. Northampton: Edward Elgar Publishing, 2000.

DIMAND, Robert W.; FORGET, Evelyn L.; NYLAND, Chris. Retrospectives: gender in classical economics. **Journal of Economic Perspectives**, v. 18, n. 1, p. 229-240, 2004.

DOMESTIC life. **The English Woman`s Journal**, London, v. 2, n.8, p. 73-82, out. 1858.

DREDGE, Sarah. Opportunism and Accommodation: The English Woman`s Journal and the British Mid-Nineteenth-Century Women`s Movement. **Women`s Studies**, v. 34, n. 2, p. 133-157, 2005.

DUFLO, Esther. Richard T. Ely lecture: The economist as plumber. **American Economic Review**, v. 107, n. 5, p. 1-26, 2017.

DUPRÉ, John. A brief history of work. **Journal of Economic Issues**, v. 30, n. 2, p. 553-559, 1996.

EUCKEN, Walter; OSWALT-EUCKEN, W.; DOS SANTOS, ML Gameiro. **Os fundamentos da economia política**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998[1969].

FAITHFULL, Emily. **Three visits to America**. New York: Fowler & Wells Company, 1884.

FETTER, Frank Whitson. THE ECONOMIC ARTICLES IN BLACKWOOD'S EDINBURGH MAGAZINE, AND THEIR AUTHORS, 1817-1853. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 6, n. 3, p. 213-231, 1959.

FERNANDEZ, Brena Paula. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 38, p. 559-583, 2018.

_____. Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem? **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 26, p. 79-104, 2019.

GASSET, José Ortega y. **História como sistema: Mirabeau ou o político (1935)**. Tradução de JAG Sobrinho & EHC Costa. Brasília: Editora UnB, 1982.

_____; MICHAEL, Marylene Pinto; CAVALHEIRO, Maria Estela Heider. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.

GOVERNESS Benevolent Institution. **Report for 1848**. London: Brewster and West, 1849.

GOOGLE N-grams. Mulheres redundantes, uma narrativa popular oitocentista. Disponível em:
<https://books.google.com/ngrams/graph?content=redundant+women&year_start=1800&year_end=1900&corpus=26&smoothing=3&direct_url=t1%3B%2Credundant%20women%3B%2Cc0#t1%3B%2Credundant%20women%3B%2Cc0>. Acesso em 2 set. 2021.

GREG, William R. **Why are women redundant?** London: Trübner, 1869.

GREENWALD, Maurine Weiner. **Women, war, and work: The impact of World War I on women workers in the United States**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1990.

HALLER JR, John S. The species problem: nineteenth-century concepts of racial inferiority in the origin of man controversy. **American Anthropologist**, v. 72, n. 6, p. 1319-1329, 1970.

HAMERTON, Philip Gilbert. **The Intellectual Life**. London: Macmillan and co., 1873.

HERSTEIN, Sheila R. **A Mid-Victorian Feminist, Barbara Leigh Smith Bodichon**. New Haven and London: Yale University Press, 1985.

_____. The Langham Place Circle and Feminist Periodicals of the 1860s. **Victorian Periodicals Review**, v. 26, n. 1, p. 24-27, 1993.

HIRSCH, Pam. **Barbara Leigh Smith Bodichon: Feminist, Artist and Rebel**. London: Pimlico, 1999.

HISTORY of Futures for Women. **Futures for Women**. Disponível em:
<<https://futuresforwomen.org.uk/history/>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

HODGSON, William Ballantyne. **On the Importance of the Study of Economic Science, as a Branch of Education of all Classes**. Edinburgh and London: William Blackwood and Sons, 1860.

HOLCOMBE, Lee. **Victorian ladies at work: Middle-class working women in England and Wales, 1850-1914**. Hamden: Archon Books, 1973.

HOLLOWAY, Gerry. **Women and Work in Britain since 1840**. London and New York: Routledge, 2007.

HOUGHTON, Walter E. **The Victorian frame of mind, 1830-1870**. New Haven and London: Yale University Press, 2014.

JAMESON, Anna. **Sisters of Charity; And, The Communion of Labour: Two Lectures on the Social Employments of Women**. London: Longman, Brown, Green, Longmans, and Roberts, 1859.

_____. **The Communion of Labour: A Second Lecture on the Social Employments of Women**. London: Longman, Brown, Green, Longmans, & Roberts, 1856.

_____. **Woman's Mission and Woman's Position. Memoirs and Essays Illustrative of Art, Literature, and Social Morals**. London: Berstley, p. 245-46, 1846.

JORDAN, Ellen. **The Women's Movement and Women's Employment in Nineteenth Century Britain**. Abingdon: Routledge, 2002.

_____. **Restrictive Legislation** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por raissavieira@usp.br em 19 de jun. de 2021.

_____; BRIDGER, Anne. 'An Unexpected Recruit to Feminism': Jessie Boucherett's 'Feminist Life' and the importance of being wealthy. **Women's History Review**, v. 15, n. 3, p. 385-412, 2006.

JOYCE, Patrick D. **The rule of freedom: liberalism and the modern city**. London and New York: Verso, 2003.

J.T. Our Tradeswomen. **The English Woman's Journal**, London, v. 13, n. 757, p. 145-151, May 1864.

KINCH, Debbie Parker. 'We who strive for the foundation of a principle': feminism and suffrage in the biography of Bessie Parkes Belloc. **Women's History Review**, v. 29, n. 6, p. 916-939, 2020.

KINGSFORD, Philip. **Two Lectures upon the Study of Political Philosophy, delivered at the College of Preceptors, in November 1848**. Londres: C. F. Hodgson, 1849.

KINGSLEY, Charles. THRIFT. **Good words**, v. 10, p. 343-351, 1869.

LACEY, C. A. (Ed.). **Barbara Leigh Smith Bodichon and the Langham Place Group**. London and New York: Routledge, 2013.

LAHIRI-DUTT, Kuntala. The act that shaped the gender of industrial mining: Unintended impacts of the British mines act of 1842 on women's status in the industry. **The Extractive Industries and Society**, v.7, n. 2, p. 389-397, 2020.

LEWIN, Jane. Female Middle-Class Emigration. **The English Woman's Journal**, London, v. 12, n. 71, p. 313-318, jan. 1864.

MADDEN, Kirsten; PUJOL, Michele; SEIZ, Janet. **A Bibliography of Female Economic Thought up to 1940**. London and New York: Routledge, 2004.

MANKIW, N. Gregory. The macroeconomist as scientist and engineer. **Journal of Economic Perspectives**, v. 20, n. 4, p. 29-46, 2006.

MARRIAGE Law Reform. **The Saturday Review**. London, p. 147-148, fev. 1857.

MARTINEAU, Harriet. **Society in America: In Two Volumes**. Paris: Baudry's European Library, 1837.

_____. Female industry. **Edinburgh Review**, v. 109, n. 222, 1859.

_____. **Autobiography**, v. 1, terceira edição. London: Smith, Elder & CO., 1877.

_____. Female Industry. In: HADJIAFXENDI, Kyriaki; ZAKRESKI, Patricia (Ed.). **What is a woman to do?: a reader on women, work and art, c. 1830-1890**. Peter Lang, 2011[1859].

MATTHEWS, Jacquie. Barbara Bodichon: Integrity in Diversity. **Feminist Theorists: Three Centuries of Women's Intellectual Traditions**, p. 90-123, 1983.

MATTOS, Laura Valladão. **J.S Mill's Ethology and his Engagement with the 'Women's Cause'**. Universidade de São Paulo (FEA-USP), 2020.

MCCRONE, Kathleen. The National Association for the promotion of Social Science and the advancement of victorian women. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice**, v. 8, n. 1, p. 44-66, 1982.

MILL, John Stuart. **A System of Logic, Ratiocinative and Inductive: Being a Connected View of the Principles of Evidence and the Methods of Scientific Investigation**, v. 1. London: John W. Parker, West Strand, 1843.

_____. **The subjection of women**. New York: D. Appleton and Company, 1869.

_____. **The admission of Women to the Electoral Franchise**. In: Public and Parliamentary Speeches Part I: November 1850-November 1868. In: *Collected Works of John Stuart Mill*, Vol. XXVIII. University of Toronto Press, Routledge & Kegan Paul, 1988[1867].

_____. **Autobiography**. The Project Gutemberg, 2003[1873].

_____. **Principles of Political Economy with some of their Applications to Social Philosophy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004[1865].

_____. **Autobiografia**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006[1873].

_____. **Sobre a liberdade e A sujeição das mulheres**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, Apple Books, 2017[1869].

_____. **Delphi Complete Works of John Stuart Mill**. Delphi Classics, 2019.

_____. **Sobre a liberdade**. Petrópolis: Vozes, 2019[1859].

_____; ROBSON, John M. **Essays on equality, law, and education**. Toronto and Buffalo: University of Toronto Press, 1984.

MOKYR, Joel. The intellectual origins of modern economic growth. **The Journal of Economic History**, v. 65, n. 2, p. 285-351, 2005.

MOSS, Katherine A. The political economy of state regulation: the case of the British Factory Acts. **Cambridge Journal of Economics**, v. 45, n. 1, p. 61-84, 2021.

MR., Mill Essays. **The Saturday Review**, p. 76-78, 16- jul., 1859.

MURRAY, Janet Horowitz (Ed.). **Strong-minded women: and other lost voices from nineteenth-century England**. New York: Pantheon Books, 1982.

NATHANSON, Stephen. John Stuart Mill on economic justice and the alleviation of poverty. **Journal of social philosophy**, v. 43, n. 2, p. 161-176, 2012.

NEWCOMBE, Miss Bertha. **First women's suffrage petition**. 1910. Pintura a óleo. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/lselibrary/26510794911/>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

NORTON, Caroline Sheridan. **A Letter to the Queen on Lord Chancellor Cranworth's Marriage and Divorce Bill**. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1855.

ON the adoption of professional life by women. **The English Woman's Journal**, London, v. 2, n.7, p. 1-10, set.1858.

PARKES, Bessie Rayner. **BRP to [Sam Blackwell]**, Barmouth, 1854-09-23, GBR/0271/GCPP Parkes 9/7, GCPP Parkes 9/7. Girton College Archive, 1854.

_____. The Opinions of John Stuart Mill. **The English Woman's Journal**, London, v. 6, n. 31, p. 1 - 11, set. 1860.

_____. Apropos of Political Economy. **The English Woman's Journal**, London, v. 12, n. 68, out. 1863.

_____. A Review of the Last Six Years. **The English Woman's Journal**, London, v.12, n. 72, p. 361- 368, fev. 1864.

_____. **Essays on Woman's Work**. London: Alexander Strahan, 1866.

_____. Remarks on the Education of Girls (1856). In: HAMILTON, Susan; SCHROEDER, Janice. **Nineteenth-Century British Women's Education, 1840–1900**. London and New York: Routledge, 2007.

_____. Carta de Parkes para Bodichon, final de 1840. In: SIMON-MARTIN, Meritxell. **Barbara Bodichon's 'Bildung': education, feminism and agency in epistolary narratives**. 2012. Tese de Doutorado. University of Winchester, 2012.

_____. What can educated women do? **English Woman's Journal**, Londres, v. 4, n. 22, p. 217-26, 1859.

_____. What Can Educated Women Do? (II) (1860). In: LACEY, C. A. ed., **Barbara Leigh Smith Bodichon and the Langham Place Group**. London and New York: Taylor & Francis, p. 163-173, 2013.

PARKES, Joseph. **Joseph Parkes to BRP**, 1858-10, GBR/0271/GCPP Parkes 2/65, Container: GCPP Parkes 2/65. Girton College Archive, 1858.

PICKERING, Mary. Positivism in European Intellectual, Political, and Religious Life. In: W. Breckman & P. Gordon (Eds.), **The Cambridge History of Modern European Thought**, p. 151-171. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

POLITICAL Economy as a study for girls. **The Englishwoman's Review of Social and Industrial Questions** (1872). New York and London: Garland Publishing, 1985.

PRIESTLEY, Joseph. In: WATTS, Ruth. **Gender, power and the Unitarians in England, 1760-1860**. London and New York: Routledge, 2014.

PROCHASKA, Frank K. **Women and philanthropy in nineteenth-century England**. Oxford: Oxford University Press, 1980.

PROPERTY of married women. **The English Woman's Journal**, London, v.1, n.1, p. 58-59, mar. 1858.

PUJOL, Michèle A. **Feminism and anti-feminism in early economic thought**. Edward Elgar, 1992.

QUEEN bees or working bees? **The Saturday Review**. London, p. 575-576, nov. 1859.

QUEIROZ, Eça de. Prefácio dos "Azulejos do conde de Arnoso". In: **Notas contemporâneas**. 3. ed. Lisboa: Edição Livros do Brasil, p. 96, 1994[1886].

RENDALL, Jane. 'A Moral Engine': Feminism, Liberalism and The Englishwoman's Journal. **Equal or different: women's politics**, v. 1914, p. 112-138, 1987.

_____. Friendship and Politics: Barbara Leigh Smith Bodichon (1827–91) and Bessie Rayner Parkes (1829–1925). In: MENDUS, S.; RENDALL, J. **Sexuality and Subordination**. London and New York: Routledge, p.136-170, 1989.

_____. Langham Place group (act. 1857-1866). **Oxford Dictionary of National Biography**, 2007.

REPORTS of the Inspectors of Factories to her majesty's principal secretary of state for the home department for the half year ending 30th April 1857. London: George Eyre e William Spottiswoode, 1857.

REPORTS of the Inspectors of Factories to her majesty's principal secretary of state for the home department for the half year ending 30th April 1871. London: George E. Eyre e William Spottiswoode, 1871.

RODRIGUES, Carla. A quarta onda do feminismo. **Revista Cult**. São Paulo: Editora Bregantini, n. 2019, 2016.

ROSCOE, William Caldwell. Woman. **National Review**, London, p. 333-361, out. 1858.

ROSS, Rosemund. 'Casting her gentility on the waters': Middle class women and employment with reference to the *Englishwoman's Journal* and *Englishwoman's review*. 1987. Tese de Doutorado. Murdoch University, 1987.

ROSTEK, Joanna. **Women's Economic Thought in the Romantic Age: Towards a Transdisciplinary Herstory of Economic Thought**. Abingdon: Routledge, 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emile**. 10ª edição. Barron's Educational Series, 2004.

RUSKIN, John. **Sesame and lilies**. Sunnyside, Orpington e Kent: George Allen, 1883.

RYE, Maria. Female Middle Class Emigration. **The English Woman's Journal**, London, v.10, n. 55, p.20-30, set. 1862.

SANDERS, Valerie. **First wave feminism**. Routledge, 2004.

SANGSTER, Joan. **Transforming labour: women and work in post-war Canada**. Buffalo and London: University of Toronto Press, 2010.

SCHROEDER, Janice. Langham Place Group. **The Encyclopedia of Victorian Literature**, p. 1-3, 2015.

SHILLER, Robert. Narrative economics. **Cowles Foundation for Research in Economics. Yale University**, 2019.

SIMON-MARTIN, Meritxell. **Barbara Bodichon's 'Bildung': education, feminism and agency in epistolary narratives**. 2012. Tese de Doutorado. University of Winchester, 2012.

SHANLEY, Mary Lyndon. **Feminism, marriage, and the law in Victorian England, 1850-1895**. New Jersey: Princeton University Press, 2021[1989].

SMITH, Adam. **Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SMITH, Charlotte Fell (Ed.). Boucherett, Emilia Jessie. In: LEE, Sidney. **Dictionary of national biography**, v.1, 1912.

SOCIETY for Promoting the Employment of Women. **Thirteenth Annual Report of the Society for Promoting the Employment of Women, in connexion with the National Association for the Promotion of Social Science**. London: John Bale & Sons, 1872.

SOCKWELL, William D. Barbara Bodichon and the women of Langham Place. **Women of Value: Feminist Essays on the History of Women in Economics**, p. 103-24, 1995.

SOME inconsistencies of the English law. **The English Woman's Journal**, London, v. 13, n. 78, p. 406-409, ago. 1864.

SPECIAL meetings at Glasgow and Edinburgh, with reference to the industrial employment of women. **The English Woman's Journal**, London, v. 6, n. 33, p. 145-159, nov. 1860.

SPENDER, Dale; GAZE, Jean. **Women of ideas and what men have done to them: From Aphra Behn to Adrienne Rich**. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.

STANTON, Theodore. **The Woman Question in Europe: A Series of Original Essays**. New York: G.P. Putnam & Sons, 1884.

STATISTICS as to the Employment of the Female Population of Great Britain. **The English Woman's Journal**, London, v. 5, n.25, p. 1-6, mar. 1860.

STEPHEN, Barbara Nightingale. **Emily Davies and Girton College**. Westport: Hyperion Press, 1927.

STRAY LETTERS on emigration. **The English Woman's Journal**, London, v. 9, n. 5, p. 109-118, abr. 1862.

SWIRIDOFF, Christine. **Writing for a cause: The "English Woman's Journal" and women's work, 1858-1864**. Tese. Temple University, 2005.

THE DISPUTED, question. **The English Woman's Journal**, London, v.1, n.6, p. 361-367, ago. 1858.

THE ENGLISH, Woman's Journal. **Saturday Review**. London, v.5, n. 128, p. 369-370, abr. 1858.

THE INTERNATIONAL Printing Museum. Disponível em <<https://www.printmuseum.org/blog/women-printers-in-the-19th-century/>>. Acesso em 7 jun. 2021.

THE LADIES' club. **The Saturday Review**, London, n. 219, v. 9, p. 12-13, jan. 1860.

THE REVIEWER, reviewed - No. 2. **The English Woman's Journal**, London, v. 2, n. 11, p. 336-343, 1859.

THE 'SATURDAY REVIEW' and the 'English Woman's Journal' The Reviewer Reviewed. **The English Woman's Journal**, London, v.1, n. 3, p. 201-204, maio 1858.

TUSAN, Michelle Elizabeth. Performing work: Gender, class, and the printing trade in Victorian Britain. **Journal of Women's History**, v. 16, n. 1, p. 103-126, 2004.

UK PARLIAMENT. **Later factory legislation**. Disponível em: <https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/livinglearning/19thcentury/overview/laterfactoryleg/>. Acesso em 27 out. 2021

VICENTE, Filipa Lowndes. Barbara Leigh Smith Bodichon (1827-1891) uma pioneira do feminismo e sua geração. **Faces de Eva – Estudos.**, n. 8, p. 55-66, 2002.

WATTS, Ruth. **Gender, power and the Unitarians in England, 1760-1860**. London and New York: Routledge, 2014.

WEBB, Beatrice. **Women and the factory Acts**. London: The Fabian Society, 1896.

WEBER, Max. **The Protestant ethic and the “spirit” of capitalism and other writings**. Penguin, 2002.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Men and A Vindication of the Rights of Woman and Hints**. London: William Pickering, 1995[1792].

WOMEN and commerce. **The English Woman's Journal**, London, v. 7, n. 41, p. 289-296, jul. 1861.

WOMEN and Politics. **The English Woman's Journal**, London, v.11, n. 63, p. 145-151, maio 1863

WOODS, Robert Ivor.; HINDE, P. R. A. Nuptiality and age at marriage in nineteenth-century England. **Journal of Family History**, v. 10, n. 2, p. 119-144, 1985.

WOOL, Knitting in the Shetland Islands. **The English Woman's Journal**, London, v.11, n. 63, p. 145-151, maio 1863

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. L & PM, 2015.

WORSNOP, Judith. A reevaluation of “the problem of surplus women” in 19th-century England: The case of the 1851 census. In: **Women's Studies International Forum**. Pergamon, p. 21-31, 1990.

WORZALA, Diane Mary Chase. **The Langham Place Circle, 1855-1867**. Dissertação (Mestrado em História). University of Wisconsin, 1974.

APÊNDICE A - TÍTULOS DE TODOS OS ARTIGOS DO *THE ENGLISH WOMAN'S JOURNAL*

Volume I Agosto 1858	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto	
	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor
A profession of the Teacher			Florence Nightingale and the English Soldier	M.M.H.	Physical Training		Female Education in the Middle Classes		Women's Work in the Reformatory Movement	M.C.	The Disputed Question	
A House of Mercy			Elizabeth Blackwell, M.D.	Anna Blackwell	Rachel		Rosa Bonheur	A.B.	Harriet Hosmer	M.M.H	Gallery of Illustrious Italian Women	A.M.
Miss Bosanquet			More than Fifty Years ago		Light and Dark - A poem		Lines suggested by more than one recent Domestic History	H.G.	Park and Playground versus Gin-Palace and Prison		The Workhouse Visiting Society	
Bradshaw the Betrayed	Amelia B. Edwards		My Great Aunt Polly's Elopement		The History of Wood Engraving	M.S.R.	A Woman's Pen	Silverpen	A Mystery - A Poem		A Summer Night's Dreaming - A Poem	Theodosia Trollope
Grief - A Poem			Illustrations of Every Day Life	Elleret	A Martyrdom		The Stranger's Lair - A Poem	Isa Craig	The Dressmaker's Life		Going a Governessing	
Properly of Married Women			Two Graves - A Poem	B.R.P.	The Changed Cross - A Poem		A Discontented Paper	R.	The Society of Arts Examinations		A Discontented Paper, No. II	

Notices of Books	Notices of Books	The New Law of Divorce	Notices of Books		Female Industrial Employments in the South of Ireland	Question Proposed by the Academy of Lions	
Open Council	Open Council	Extracts from the Laws of Life with special reference to the Physical Education of Girls	On the Social Position of Woman in the XIXth Century	James Hollings, Esq.	The Working of the New Divorce Bill	Opening of the Swimming Bath for Ladies	Elleret
Passing Events	Passing Events	Notices of Books	Open Council		Notices of Books	Notices of Books	
		The 'Saturday Review' and the 'English Woman Journal'	Passing Events		Open Council	Open Council	
		The Society of Female Artists			Passing Events	Passing Events	
		Open Council					
		Passing Events					

Volume II														
Fevereiro	Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro			
Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autora			
On the Adoption of Professional Life by Woman				Domestic Life		The Meetings at Liverpool				Charities for Women - Preston Hospital, Shropshire	E.M.	Emigration as a Preventive Agency	Isa Craig	Colleges for Girls
Maria Edgeworth		E.J.B.	Felicie de Fauveau	I.B.	Gallery of Illustrious Italian Women	An italian		Gallery of Illustrious Italian Women	A.M.	Johanna Kinkel			Frau Rath	A German Lady
Women in Italy		M.C.	Slavery in America	B	The Misdeeds of Aura Plaistow	E.L.		Self Reform, or Individual Effort	A.R.L.	Life Assurance	J.B.	A Few Words about actresses and the Profession of the Stage	S.	
Maximus - A Poem		A.A.P.	The Track of the Telegraph - A Poem	L.F.	The Sea, in Storm. - A Poem			Loo Loo. Part 1	Maria S. Child	Loo Loo. Part 2	Maria S. Child	The Sorrows of Estelle Lamage	M.H.	
Medieval Traits			First And Last		An American School	B.L.S.B.		Invitation - A Poem	A.B.E.	Lines on a Cameo Head of Dante. A Poem	J.B.S	Optimus - A Poem	A.A.P.	
George Combe			Why Boys are Cleverer than Girls		Notices of Books			Decimal Coinage	A. De. M.	A Question: Are men naturally cleverer than women?		The Working of the New Divorce Act		

Matrimonial Divorce Act	Divorce Amendment Act		Open Council	A Night in Westminster	M.S.R	The Reviewer Reviewed. No. 2	Isa Craig, and the Prize Poem on Burns	B.R.P.
Notice of Books	Social Science		Passing Events	Notices of Books		Notices of Books	The Ballad of the Brides of Quair, a New Poem by Isa Craig	Isa Craig
Open Council	St. Joseph's Industrial Institute	S.A.		Open Council		Open Council	Notices of Books	
Passing Events	Notices of Books			Passing Events		Passing Events	Open Council	
	Open Council						Passing Events	
	Passing Events							

Volume III Agosto 1859	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto			
	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora		
	Training Schools for Female Servants - No. I	Alban	The Ladies' Sanitary Association	B.R.P.	The Training of Female Servants - No. II	Alban			The Details of Woman's Work in Sanitary Reform - Part 1	S.R.P.	Things in General	Nobody in Particular	Things in General	Nobody in Particular
	Margaret of Norway - Part 1	Amelia B. Edwards	Margaret of Norway - Part 2	Amelia B. Edwards	Bettina		A German Lady		Sketch of the Life and Labors of Maria Bocci La Moinette		Rahel		Biographical Notices	Caroline H. Dall
	Liverpool Institution for the Training and Employment of Nurses	Rev. J.S. Howson, M.A.	Institution of Deaconesses at Kaiserwerth			Warehouse Seamstresses	One who has worked with them		New Things	E.L.L.	The Details of Woman's Work in Sanitary Reform-Part 2	S.R.P.	Second Annual Report of the Ladies' National Association for the Diffusion of Sanitary Knowledge	
	The Old Chateau - A Poem	B.R.P.	The River Thames- A Poem	J.B.S.	Gibson's Studio	B.R.P.		The Woodroof - A Poem by Isa Craig	Isa Craig	Minerva Medica - A Poem	B.R.P.	A Dream of Death - A poem by Isa Craig	Isa Craig	
	Still Life	M.S.R.	Success and Failure - Part 1	I.B.	Success and Failure- Part 2	I.B.		Success and Failure- Part 3	I.B.	Right or Wrong? - Part 1		Right or Wrong? - Part 2		
	How to Utilize the Powers of Women		Life Assurance Agency as an Employment for Females		A Day at the Wanstead Infant Orphan Asylum			Female Engravers	M.S.R.	A Stroll through Boulogne		Manchester and Salford Reformatory for Juvenile Criminals		

Fashion versus Health	R.B.	Mrs. Robinson's Housemaid	A.X.	Some of the Work in which Women are Deficient	A.L.	The Ladies' Committee at the Royal Westminster Ophthalmic Hospital	Notices of Books	Notices of Books
Ladies' Institute		A Few Words about the Sandwell Home	Erica	Charity As A Portion of The Public Vocation of Women	B.R.P.	Notices of Books	Open Council	Open Council
The Third Annual Exhibition of the Society of Female Artists		Notices of Books		Sent From Italy	B.R.P.	Open Council	Passing Events	Passing Events
Notices of Books		Open Council		Notices of Books		Passing Events		
Open Council		Passing Events		Open Council				
Passing Events				Passing Events				

Volume IV Fevereiro 1860	Setembro		Outubro				Novembro			Dezembro		Janeiro		Fevereiro				
	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autora	Título	Autor	Título	Autor		
	Insanity; its Cause and Cure		Cottage Habitations				M.M.			The Market for Educated Female Labor	B.R.P.		What can Educated Woman do?		What can Educated Women do? Part 2	B.R.P.	On the Obstacles to the Employment of Women	J.B.
	Life of Margaret Fuller Ossoli- Part I		Life of Margaret Fuller Ossoli- Part II							La Souer Rosalie- Part I			La Souer Rosalie- Part II		La Souer Rosalie- Part III		Harriot K. Hunt	
	Infant Seamstresses		A Word to the Wise							The Governess Question			Seamstresses Again		Our Ten Thousand	A.R.L.	The Influence of Classical Literature	
	Stanzas	S.A.	Loss and Gain- A Poem				Adelaide A. Procter			Italian Patriotic Song	E.H.		A Midsummer Night's Dream - A Poem	B.R.P.	New Year's Wishes - A Poem	The Editors	The Lady's Dilemma- A Poem	
	Adventures of your own Correspondents in Search of Solitude- Part I	A.A.P.	Adventures of your own Correspondents in Search of Solitude- Part II				A.A.P.			Rambles Northward - Part I	M.M.H.		Rambles Northward- Part II	M.M.H.	Rambles Northward- Part III	M.M.H.	A Village Sketch	M.N.
	Women in Turkey		On the Best Means of Forming Local Sanitary Associations				B.R.P.			A Paper read at a Meeting of the Workhouse Visiting Society	Louisa Twining		The Rise and Progress of Telegraphs- Part II	M.S.R.	Letter to Young Ladies desirous of Studying Medicine	Dr. Elizabeth Blackwell	A Last Word	E.N.
	Association for Promoting the Employment of Women		Life in Turin- Part I							Life in Turin- Part II			A Rare Old Lady	A.B.	A Learned Lady	A.B.Paris	Notices of Books	

Notices of Books	National Association for the Promotion of Social Science	The Rise and Progress of Telegraphs - Part I	Letters on the Employment of Women	The Aberdeen Industrial Schools	Open Council
Open Council	Notices of Books	Notices of Books	Open Council	Notices of Books	Passing Events
Passing Events	Open Council	Open Council	Passing Events	Open Council	
	Passing Events	Passing Events		Passing Events	

Volume V Agosto to 1860	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto	
	Título	Autora	Título	Autor a	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora
Statistics as to the Employment of the Female Population of Great Britain			The General Education of Women		Medicine as a Profession for Women		Education in France- No. I	A.B.	Education in France- No. II	A.B.	Education in France- No. III	
Amalie Sieveking	E.	Madame Henriette Brown	A.B.	Elizabeth Von Recke- Part I		Elizabeth Von Recke- Part II		Madame Swetchine- Part I		Madame Swetchine- Part II		
Emigrant-Ship Matrons	M.S.R.	The Position of Women in France		Tuition or Trade?	A.R.L.	On Assisted Emigration- Part I	M.S.R.	Medical Education for Ladies	A Physician	Society for Promoting the Employment of Women		
A Lost Chord - A Poem	A.A.P.	The Mother's Lament- A Poem		Requital- A Poem	A.A.P.	God's Horologe- A Poem	E.G.H.	The Two Laments- A Poem	H.L.	Epitaph on a Solitary Life- A Poem	E.S.	
Every-day Ghosts	A Haunted Man	Domestic Life of German Ladies in the Sixteenth Century	L.F.P.	Two Chapters about Charwomen	R.B.	Retribution		On District Visitors and the Distributio of Tracts	A.L.	Mr. Frankland's Marriage	C.O.	
Slave Preaching	B.L.S.B.	Hospital for Sick Children		From Paris- No. I	B.R.P.	Institution for the Employment of Needle-women	L.N.	On Assisted Emigration - Part II		An Hour in the Hospital	Mill	

A Suggestion for the Daughters of the Middle Classes	Facts and Scraps	Notices of Books	From Paris- No. II	B.R.P.	Interference	The Pictures of the Season
Employment of Women in Germany	Notices of Books	Open Council	A Ramble with Mrs. Grundy	M.M.H.	Notices of Books	Notices of Books
Notices of Books	Open Council	Passing Events	Notices of Books		Open Council	Open Council
Open Council	The Death of Mrs. Jameson		Open Council		Passing Events	Passing Events
Passing Events	Passing Events		Passing Events			

Volume VI															
Fevereiro	Setembro			Outubro			Novembro			Dezembro	Janeiro		Fevereiro		
1861	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autora	Autor	Título		
Título	a	o	a	Título	a	o	a	Título	a	o	a	a	o		
								Special Meetings at Glasgow and Edinburgh, with Reference to the Industrial Employment of Women			On the Education of Girls, with reference to their Future Position	Jessie Bouchert	The Position of Woman	REV. H. W. C.	Infant Mortality
								Fruits in their Season	Madame de Girardin	A.B.	Madame Recamier	A.A.P.	Madame Recamier	A.A.P.	Madame Recamier
								Middle-Class Schools for Girls	Barbara Smith Bodichon		The Third Annual Report of the Committee of the Ladies' Sanitary Association		Insanity, Past and Present		Insanity, Past and Present
								A Comforter - A Poem	Isa Craig	A.A.P.	A Last Ray of Sunshine - A Poem	C.M.A.C.	The Old Year's Blessing - A Poem	A.A.P.	Under the Snow - A Poem
								Chance Encounters	A.		A Visit to a Roman Villa in the Weald of Sussex	B.S.H.	A Strange Chance	S.	A Strange Chance
								Friendly Societies			The Queen Adelaide Naval Fund	M.S.R.	Organization	A.R.L.	Fruits in their Season

Sanitary Lectures	S.R.P.	A Year's Experience in Woman's Work	Bessie Rayner Parkes	The Opinions of John Stuart Mill	B.R.P.	Fruits in their Season	Fruits in their Season	Notices of Books
Notices of Books		Victoria Press	Emily Faithfull	Notices of Books		Physical Training	Notices of Books	Open Council
Open Council		Facts and Scraps		Open Council		Friendly Societies	Open Council	Passing Events
Passing Events		Notices of Books		Passing Events		Notices of Books	Passing Events	
		Open Council				Open Council		
		Passing Events				Passing Events		

Volume VII Agosto 1861	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto	
	Título	Autora	Título	Autora	Título	Auto ra	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora
	Emigration for Educated Women	S.C.	Facts versus Ideas	A.R.L.	Insanity among Women		An Interesting Blue Book	I.C.	Women and Commerce		M. Maitre and his Workshops	B.R.P.
	Bianca Milesi Mojon		Bianca Milesi Mjon	B.R.P.	Madame Luce, of Algiers		Madame Luce, of Algiers		Madame Luce, of Algiers	B.R.P.	Elizabeth Barrett Browning	
	A Lunatic Village	B.R.P.	A Lunatic Village	B.R.P.	Fruits in their Season		Glimpses into a Rural House of Bondage	R.H.	Emerald Green	M.N.	An Interesting Blue Book	I.C.
	Pia de' Tolomei - A Poem	E.J.	April Tears - A Poem	L.F.	The Legend of the Almond Tree - A Poem	E.G.H.	In Silence - A Poem	L.F.	The Cypress - A Poem	M.A.B.	Crown and Cross - A Poem	Isa Craig
	A Visit to Handa	M.M.H.	The Portrait		Un Convoi- A Poem		Près d' un Berceau		Damon et Henriette		Le Pêcheur de Sorrente	Madame Emile de Girardin
	Fruits in their Season		High Living with Low Means		The Portrait		The Portrait		The Portrait		The Portrait	A.R.L.
	What are Women Doing?		Fruits in their Season		Fourth Report of the Committee of the Ladies' Sanitary Association	Georgi na Cowpe r S.E.Sut herland	Fruits in the Season		Fruits in their Season		Fruits in their Season	

The Cottage Hospital, Middlesbro	M.S.R.	Female Education in Michigan	Appendix to the Life of Madame Mojon	A.S.No el Byron	A Colored Lady Lecturer	Notices of Books	The Ladies' Evidence- Poor Relied	R.
The Fifth Annual Exhibition of the Society of Female Artists		Notices of Books	Notices of Books		Notices of Books	Open Council	Fathers and Daughters	
Notices of Books		Open Council	Open Council		Open Council	Passing Events	The Nightingale Fund	
Open Council		Passing Events	Passing Events		Passing Events		Notices of Books	
Passing Events							Open Council	
							Passing Events	

Volume VIII Fevereiro 1862	Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro	
	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora	Título	Autora
	The Condition of Working Women in England and France	Bessie R. Parkes	Report of the Society for Promoting the Employment of Women		The preventive branch of the Bristol Female Mission	Frances Power Cobb	Local Societies	Jessie Boucherett	Newlyn and its Fishwomen	L.N.	Lettre Sur L'Art - Orphée, Gluck, Madame Viardot	Paul Docé
	Margaret Beaufort	(To be continued.)	Margaret Beaufort	M.G.S	Miss Cornelia Knight		Rosa Ferrucci		Madame Marie Pape-Carpantier	B.R.P	Governor Winthrop's Wife	
	The Institutions of Hofwyl		The Black Country		The Colonies and their Requirements	Maria S. Rye	Stray Letters on the Emigration Question		Modern Inconsistency	A.R.L.	Legal Notes	A. Barrister
	The Victor	E.B.P	Child and Mother	Ariell Thorn	The Wind Amid The Trees		Behold, I stand at the door and knock	Christina G. Rossetti	Never to Know	Isa Craig	Joy	Mary Carpenter
	Les Feuilles de Saules	Amable Tastu	Le Nid de Fauvette	Berquin	Partant Pour La Syrie		La Feuille	Arnault	Die Monduhr		Valentine's Eve in Norwich	
	Algerine Notes	(To be continued.)	Algerine Notes	B., M.D.	Moustapha's House	B.R.P.	L' Arbre Exotique	Arnault	Painted Glass Windows Executed By The Carmelite Nuns of Mans	Barbara L.S.Bo dichon	Facts and Scraps	

Women Compositor s	Emily Faithful	Fruits in their Season		Slavery in the South	Barbara L. S. Bodichon	The Italian Ladies' Philanthropic Association		Facts and Scraps		A scrap from and old Blackwood	
Fruits in their Season		Dublin Factori es		Notices of Books		West-end Housekeepers		Our French Correspondent	E.J.	Edinburgh Society for Promoting the Employment of Women	
National Association for the Promotion of Social Science		Slavery in the South		Our French Correspondent	E.J.	Hospital of the Mater Misericordize		Notices of Books		Pictures for the sick	A.M.H.W.
Notices of Books		Helps to the doctor	Q.	Burnt to Death		Slavery in the South	Barbara L.S.Bodichon	Open Council		Our French Correspondent	E.J.
Open Council	A Member of the Committee	Our French Correspondent	Emily Johnston e	Open Council		Our French Correspondent	E.J.	Passing Events		Notices of Books	
Passing Events		Notices of Books	Mary Carpenter	Passing Events		Notices of Books				Open Council	
		Open Council				Open Council				Passing Events	
		Passing Events				Passing Events				The Palace and the Colliery	Bessie R. Parkes

Volume IX Agosto 1862	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto	
	Tít ulo	Autor a	Título	Autor a	Títul o	Autor a	Títul o	Autor a	Título	Autor a	Títul o	Autora
	Female Physicians		Annals of Needlewomen	Ellen Barlee	Science for Women		Annals of Needlewomen	Ellen Barlee	“Thought this be Madness, yet there’s Method in it” Part II		The Official Employment of Women in Works of Charity	Rev. J. S. Howson
	Unpainted Pictures from an Artists Diary		Elizabeth, Princess Palatine. Part I		Elizabeth, Princess Palatine		Lady Hester Stanhope. Part I		Lady Hester Stanhope. Part II		Madame de Stael	
	Endowed Schools, their Uses and Short	Jessie Boucheret	L’ Alceste de Gluck à l’ Opéra		Lives for Leaves		Lives for Leaves		The Cultivation of Female Industry in Ireland	Mrs. Meredith	Report of the Society for Promoting the Employment of Women	
	La Pauvre Fille	Soumet	Drowned. Poem		Work. Poem		A June Morning	Walter Thorn bury	A Vision	Sophie May Eckley	Charity	A.E.G.
	Refuge	Louisa Fellowes	Longings. Poem	John Fleet	Un Beau Jour. Poem		Taedium Vitae	Walter Thorn bury	German Literature. No. III		Our Fountain	E.M.Elliot
	The Autobiography of Mrs. Delany		Unpaintend Pictures from an Artist’s Diary.	Anna Mary Howitt Watts	The Factory Homes’ Association		Our Shadow	Isa Craig	On the Education of Pauper Girls	Mary Carpente r	Annals of Needlewome n	Ellen Barlee
	A Day in Alderney		Training of Girls; or, the Vexed Problem		A Physician’s Memoranda	A fellow of the Royal College of Physician s	“Thought this be Madness, yet there’s Method in it”	Bessie R. Parkes	Annals of Needlewome n. Anne and Her Sister	Ellen Barlee	Vassar Female College	

The Sixth Annual Exhibition of Female Artists	Stray Letters on Emigration	Our Emigrant	Ellen Barlee	An Irish Newgate "in the Fields"	J. Herbert Stack	The Balance of Public Opinion in Regard to Woman's Work	Bessie R. Parkes	Letters on Australia and New Zealand
A Physician's Memoranda. By a Fellow of the Royal College of Physicians	University of London	The Revised Code		National Education and the Revised Code	Mary Carpenter	To my Cousin Laurence at Melbourne		Dr. Elizabeth Blackwell's Infirmary for Women and Children
Our French Correspondent	Our French Correspondent	Female Physicians		The Giant of Guidhall		Notices of Books		Notices of Books
Notices of Books	Notices of Books	Our French Correspondent		All Saints' Home		Madame Luce and the Exhibition		Open Council
Passing Events	Open Council	Notices of Books		Our French Correspondent		Open Council		Passing Events
	Passing Events	Open Council		Notices of Books		Passing Events		
		Passing Events		Open Council				
				Passing Events				

Volume X												
Fevereiro	Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro	
Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	
Female Life in Prison	Bessie R. Parkes	Middle-Class Female Emigration Impartially Considered		On the Choice of a Business	Miss Bouchere tt	Les Misérables	Frances Power Cobbe	Examinations of the Society of Arts		Christian Liberty and its Counterfeit		
Heinrich Pestalozzi	J. Hoffman n	Heinrich Pestalozzi	F. Hottinger	Caroline Pichler		Caroline Pichler		A Monk's Story- A.D. 1434	Caroline Oxenden	Rest in the Lord. A Poem	Frances Power Cobb	
The Dying Child. Poem	Mary Carpenter	Light and Shade. Poem.	L.W. Fellows	The Triumph of Sr. Dorothea. Poem	Anna M. May	Life. Poem.		The Root of Love	Isa Craig	Of these who are the Property of Others, and of the Great Power that holds Other as Property		
Extract from "Sappho". Poem	Mary Hume	Alone. Poem	Isabella Fyvie	A Dream of Nabonassar	Mrs. Notley	A Canter over the Campagna		The Cui Bono of Schools of Art for Women	Annie Carey	Nursing, Past and Present	Bessie R. Parkes	
Female Middle Class Emigration	Maria S. Rye	A Dream of Nabonassar	Mrs. Notley	Infant Mortality and its Causes	Arthur Leared, M.D.	Notes on M. Fechter's Hamlet and Othello	Mrs. F. P. Fellows	Work and Wages of Women in France	L.F.	A Stroll through Hamburg		
Cultivation of Female Industry in Ireland	S. Meredith	Manners and Morals		Remunerative Work for Gentlewomen		A German Coffee-Party in 1862		French Sympathy with English Effort		Modern Housebuilding		

Volum e XI Agosto 1863	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto			
	Título	Autor a	Título	Autora	Título	Autor a	Título	Autor a	Título	Autor a	Título	Autor a		
	Fever in its Social Aspects		Factory Women and Servants				Wool Knitting in the Shetland Islands		Who's to Blame?		Under the Sea	Stones of the Temple	A Sister of the Craft	
	A Stroll through Berlin		Constancy Misplaced		German of Otilie Wildermuth		Constancy Misplaced. From the German of Otilie Wildermuth		The White Ghost of Berlin		The Story of Queen Isabel	Meudon, and its Past and Present Occupants		
	Constancy Misplaced. From the German of Otilie Wildermuth		The First Primrose		Bessie R. Parkes		Small Trials. A Poem		The Story of an Indian Princess		Journal of an Excursion from Palermo to Alcamo and Segeste	Lines Suggested By the Uncovering of the Memorial of the Prince Consort- A Poem	Author of Queen Isabel	
	The Manner of Life of Women in England, from the earliest Historical Period- The Britons		Eugenie de Guerin				The Manner of Life of Women in England, from the earliest Historical Period. Part II- The Saxons		The Angel's Visit- A Poem.	Walter Thornsbur y	Blanche - A Poem	Sophi a May Eckle y	Man's Debt to Woman - A Poem	Friend Richard

Volume XII Fevereiro 1864		Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro	
Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor	Título	Autor
Women and Politics			Apropos of Political Economy	Bessie Rayner Parkes		The New Antioch	M.D.C.	Antioch College	M.D.C.	Political Economy and Christianity		A Review of the Last Six Years	Bessie Rayner Parkes
A Season with the Dressmakers; or, Experiences of a First-Hand	Jane Le Plastrier	Agnes Bernauerin	H. Schutze-Wilson	Woman's Work in the World's Clothing	Asterisk	Middle-Class Education	Rev. J. P. Norris	Schools in Palermo		Women and Co-Operation			
The Father and the Mother. A Poem. Translated from the German	S.H.	Gone Before. A Poem.	Christina G. Rossetti	Common. A Poem	Isa Craig	Christmas. A Poem		The New Year Cry of the Fallen. A Poem.	E.H.R.	Friends Again. A poem.	Herz		
House Building		Woman's Work in the World's Clothing II	Asterik	Marie Antoinette and the Court of France	L.S.	Marie Antoinette and the Court of France	L.S.	Miss Lily. A PoemJohn Churchill Brennan		Woman's Work in the World's Clothing	Asterisk		
Woman's Work in the World's Clothing	Asterik	Schools in Palermo		The Village Shopkeeper	S.E.Braun	Woman's Work in the World's Clothing IV	Asterisk	Overworked Dressmakers and the Short Hours' Bill	J.B.	A Well-Authenticated Ghost Story	S.E. Braun		
Agnes Bernauerin	H. Schutze - Wilson	A Season with the Dressmakers; or, Experiences of a First-Hand	Jane Le Plastrier	"The Cornhill" on Men and Women		The Treatment of Female Convicts	Mary Carpenter	Weather-Bound: A Story of Queen Anne's Days	L.F.P.	Accomplices	B.L.S.B		

The American University for Women		Mr. Vojta Naprstek's Lectures in Prague	A.W.S.	A Season with the Dressmakers; or, Experiences of a First-Hand	Jane Le Plastrier	Weather-Bound: A Story of Queen Anne's Days	L.F.P.	Female Middle-Class Emigration	Jane Lewin	Causes of the Distress among Single Women.	Jessie Bouchere tt
The Inward Eye	L.S.B.	Charmouth Convalescent Home	Julia Luard	Permanent Invalids	F.R.R.	A Season with the Dressmakers; or, Experiences of a First-Hand	Jane Le Plastrier	Needlewomen at New York	Bessie Rayner Parkes	Notices of Books	
Our French Correspondent		Letter from America	A.T.H	A French Story for Working Men		The University of Cambridge and the Education of Women		Woman's Work in the World's Clothing V	Asterisk	Open Council	
Notices of Books		Facts and Scraps		Letter from Abroad	Rosamond S.	Notices of Books		"Female Medicine"	M.D.C .	Facts and Scraps	
Open Council		Notices of Books		The Social Science Congress at Edinburgh		Open Council		House Building			
Passing Events		Open Council		Notice of Book		Facts and Scraps		Notices of Books			
		Passing Events		Open Council				Open Council			
				Facts and Scraps				Facts and Scraps			

Volum e XIII Agosto 1864	Março		Abril		Maio		Junho		Julho		Agosto		
	Títul o	Autor a	Título	Autor a	Títul o	Autora	Títul o	Autor a	Títul o	Autor a	Título	Autora	
	The Work that All may Do	Laura Edwards	Woman's Work in the World's Clothing. VIII. The Needle and the Sewing Machine	Asterik	Our Tradeswomen	J.T.		Surplus Machinery		The Enfranchiseme nt of Women	Madame de Lamartine	Bessie Rayner Parkes	
	Woman's Work in the World's Clothing VII. The Past		America	Bubo	Something About American Women and Hospitals	M.D. Conway		The Women Interceding for Poland		Caroline Frances Cornwallis. II	Asterisk	Poor Little Freddy	
	Dires Irae. A Poem.	L.F.	A Spring Bridal Song. A Poem.	Susan Rugeley Powers	The Mystical Body of Christ. A Poem	E.N.P.R.		Lysias. A Poem.	S.E. Braun	Hassocks of Norway. A Poem	Jessie M. Saxby	The Shepherd and His Flock. A Poem	
	Set in Brilliants. A Poem.	F.Schutze - Wilson	On the Hereditary Transmission of Qualities. II	J.H.B.	Ladies Life in Shetland	Cyntha		Caroline Frances Cornwallis I	Asterisk	Property of Married Women		Suggestions on the Study and Teaching of Natural History	
	Adelaine Anne Procter	Jessie Bouchere tt	Intoxicating Reading	S.B.	A Lonely Childhood	Sola		The Record of a Vanished Life. III	H.Schutz e- Wilson	From Naples to Pompeii, 1863	Y.S.N.	The Brother's Sacrifice	Jessie M. Saxby
	What Shall the Children Read?	M.G.	In Memoriam. Adelaide Anne Procter. A Poem.	M.M.H.	The Record of a Vanished Life. II	H. Schutze- Wilson		The Church of the Woman	Rev. G.B.	A Factory Violet.	John Plumme r	Some Inconsistenci es of the English Law	

A Well-Authenticated Ghost Story. II	S.E.Braun	The Record of a Vanished Life	H. Schutze-Wilson	Time. A Poem.	E.E.	"A place Called Waterloo". Experiences of a Soldier's Wife	Mill	The Female Medical College, Pennsylvania	Little Fairy. A Poem.	John Churchil Brenan	
From Our Paris Correspondent		The Exhibitions of the Society of Female Artists, and of the Female School of Art		Gatherings for Girls. The Miser and his Money.	Julia Goddard	Gatherings for Girls. The Golden Side-Comb	Julia Goddard	Our Adventure in the Highlands	Elton Cumming	A Bride and Bridefroom	
On the Hereditary Transmission of Qualities. I	J.H.B.	A Plea for Female Convicts	Miss Rosamond Hill	Notices of Books		Notices of Books		Notices of Books		A Question. A Poem	J.F.
A Cargo of Figs		Notices of Books		Open Council		Open Council		Open Books		Gatherings for Girls. The Wreath of Roses. The Broken Needle.	Julia Goddard
Notices of Books		Open Council		Facts and Scraps		Facts and Scraps		Facts and Scraps		Notices of Books	
Open Council										Open Council	
Facts and Scraps										Facts and Scraps	
